

JOHN HERSEY

HIROSHIMA



John Hersey

Hiroshima

Tradução Hildegard Feist

Posfácio de Matinas Suzuki Jr.

2a. reimpressão

JORNALISMO LITERÁRIO
COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1946,1985 by John Hersey
Copyright renovado em 1973 by John Hersey
Copyright do posfácio © 2002 by Matinas Suzuki Jr.

Publicado mediante acordo com Alfred A. Knopf,
uma divisão da Random House, Inc.

Título original

Hiroshima

Indicação editorial e consultoria

Matinas Suzuki Jr.

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Beti Kaphan

Revisão

Ana Maria Barbosa

Isabel Jorge Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hersey, John, 1914-

Hiroshima / John Hersey ; tradução Hildegard Feist. — São Paulo : Companhia das Letras, 2002.

Título original: Hiroshima ISBN 85-359-0279-1

Bomba atômica - Efeitos de deslocamento de ar 2. Guerra Mundial. 1939-1945 - Japão - Hiroshima-shi 3. Hiroshima-shi (Japão) - História - Bombardeio, 1945 I. Título.

02-4216

CDD-940.5425

Índice para catálogo sistemático:

1. Hiroshima-shi : Japão : bombardeio : Guerra Mundial, 1939-1945 : História 940.5425

1. UM CLARÃO SILENCIOSO

No dia 6 de agosto de 1945, precisamente às oito e quinze da manhã, hora do Japão, quando a bomba atômica explodiu sobre Hiroshima, a Srta. Toshiko Sasaki, funcionária da Fundação de Estanho do Leste da Ásia, acabava de sentar-se a sua mesa, no departamento de pessoal da fábrica, e voltava a cabeça para falar com sua colega da escrivania ao lado. Nesse exato momento o Dr. Masakazu Fujii se acomodava para ler o *Asahi* de Osaka no terraço do seu hospital particular, suspenso sobre um dos sete rios deltaicos que cortam Hiroshima; a Sra. Hatsuyo Nakamura, viúva de um observava, da janela de sua cozinha, a demolição da casa vizinha, situada num local que a defesa aérea reservara às faixas de contenção de incêndios; o padre Wilhelm Kleinsorge, jesuíta alemão, lia a *Stimmen derZeit*, revista da Companhia de Jesus, deitado num catre, no terceiro e último andar da casa da missão de sua ordem; o dr. Terufumi Sasaki, jovem cirurgião, caminhava por um dos corredores do grande e moderno hospital da Cruz Vermelha local, levando uma amostra de sangue para realizar um teste de Wassermann^[1]; e o reverendo Kiyoshi Tanimoto, pastor da Igreja Metodista de Hiroshima, parava na porta de um ricaço de Koi, bairro do oeste da cidade, para descarregar um carrinho de mão cheio de coisas que resolvera transferir para ali por temer o maciço ataque dos B-29, que a população aguardava. Uma centena de milhares de pessoas foram mortas pela bomba atômica, e essas seis são algumas das que sobreviveram. Ainda se perguntam por que estão vivas, quando tantos morreram. Cada uma delas atribui sua sobrevivência ao acaso ou a um ato da própria vontade—um passo dado a tempo, uma decisão de entrar em casa, o fato de tomar um bonde e não outro. Agora cada uma delas sabe que no ato de sobreviver viveu uma dúzia de vidas e viu mais mortes do que jamais teria imaginado ver. Na época não sabiam nada disso.

O reverendo Kiyoshi Tanimoto acordou às cinco da manhã. Estava sozinho no presbitério, pois fazia algum tempo que sua esposa e a filha de um ano pernoitavam com uma amiga em Ushida, um bairro da zona norte. De todas as cidades importantes do Japão apenas duas — Kyoto e Hiroshima — ainda não haviam recebido a visita de *B-san*, Sr. B, tratamento que, com um misto de respeito e triste familiaridade, os japoneses dispensavam ao B-29; como todos os seus vizinhos e amigos, o Sr. Tanimoto estava quase doente de ansiedade. Ouvira relatos detalhados e inquietantes de bombardeios maciços sobre Kure, Iwakuni, Tokuyama e outras localidades da região; tinha certeza de que logo chegaria a vez de Hiroshima. Na noite anterior havia dormido mal, em função de vários alarmes antiaéreos. Fazia semanas que os alarmes soavam praticamente todas as noites, pois nessa época os B-29 utilizavam lago Biwa, a nordeste de Hiroshima, como ponto de encontro qualquer que fosse o alvo escolhido, sobrevoavam a costa próxima à cidade. A frequência dos alarmes e a constante abstinência do Sr. B com relação a Hiroshima tinham deixado a população extremamente tensa; corriam boatos de que os americanos preparavam algo especial para a cidade.

O Sr. Tanimoto era um homem baixinho, sempre disposto a conversar, rir e chorar. Usava o cabelo preto, um tanto longo, repartido ao meio; os ossos frontais salientes, logo acima das sobrancelhas, o bigode minúsculo, a boca e o queixo pequenos lhe conferiam uma estranha aparência de velho e jovem ao mesmo tempo, um ar de menino e no entanto sensato, frágil e no entanto apaixonado. Havia em seus movimentos nervosos e rápidos um controle que sugeria cautela e ponderação. E essas qualidades, ele as demonstrou nos dias de apreensão que precederam o lançamento da bomba. Além de mandar a esposa pernoitar em Ushida, levava todas as coisas portáteis de sua igreja, situada no populoso bairro residencial de Nagaragawa, para uma casa pertencente a um fabricante de raíom em Koi, a uns três quilômetros do centro. Esse industrial, Sr. Matsui, oferecera sua propriedade, até então desocupada, a numerosos amigos e conhecidos, para guardarem o que desejassem, a uma distância segura do possível alvo. O reverendo tinha grande dificuldade para carregar cadeiras, hinários, Bíblias, objetos litúrgicos e registros paroquiais em seu carrinho de mão, porém queria transportar sozinho o órgão e o piano. Na véspera da explosão, seu amigo Matsuo o ajudara a levar o piano para Koi; em troca ele prometera lhe dar uma mão para salvar os pertences de uma filha. Por isso levantara tão cedo.

Terrivelmente cansado, preparou seu café-da-manhã. O esforço de carregar o piano, a noite insone, as semanas de preocupação e alimentação inadequada, os deveres da paróquia — tudo contribuía para que se julgasse pouco capaz de cumprir as obrigações do dia. E havia mais uma coisa: ele estudara teologia no Emory College, em Atlanta, Geórgia, tendo se formado em 1940; falava inglês fluentemente, vestia roupas americanas, correspondera-se com muitos amigos americanos até o início da guerra; e, entre indivíduos obsedados pelo medo de estar sendo vigiados — obsessão que talvez compartilhasse —, sentia crescente inquietação. Várias vezes fora interrogado pela polícia e, apenas poucos dias antes, soubera que um influente conhecido seu, o Sr. Tanaka, oficial reformado da companhia de navegação Toyo Kisen Kaisha, anticristão, famoso em Hiroshima por sua filantropia ostensiva e notório por sua tirania pessoal, andara contando a todo mundo que não se podia confiar em Tanimoto. Para demonstrar publicamente que era um bom japonês, o pastor assumira a presidência de sua *tonarigumi* (Associação de Bairro), acrescentando a seus deveres e preocupações a tarefa de organizar a defesa antiaérea de umas vinte famílias.

Naquela manhã, antes das seis horas, ele saiu para ir à casa do Sr. Matsuo, onde descobriu que lhes caberia carregar um *tansu*, um armário grande, cheio de roupas e utensílios domésticos. Os dois amigos se puseram a caminho. O dia estava claro e tão quente que prometia um calor incômodo. Pouco depois o alarme antiaéreo soou por um minuto, prevenindo os cidadãos sobre a aproximação de aeroplanos inimigos, mas indicando apenas um ligeiro grau de perigo, pois, nessa época, soava todas as manhãs, quando surgia no céu um avião meteorológico americano. Os dois homens continuaram conduzindo o carrinho de mão pelas ruas da cidade. Com seu feito de leque, Hiroshima se concentrava nas seis ilhas formadas pelos sete braços do rio Ota; seus principais bairros

comercial e residenciais, estendendo-se por uma área de uns dez quilômetros quadrados, no centro, abrigavam três quartos da população, que vários programas de evacuação haviam reduzido de 380 mil para cerca de 245 mil. As fábricas e outros bairros residenciais ocupavam a periferia. Ao sul ficavam as docas, um aeroporto e o mar Interior, pontilhado de ilhas. Uma cadeia de montanhas se ergue nos outros três lados do delta. Depois de atravessar o centro comercial, já apinhado de gente, o Sr. Tanimoto e o Sr. Matsuo cruzaram dois dos rios do estuário e subiram as ladeiras de Koi até os arredores da cidade e o sopé das montanhas. Quando alcançaram o vale, longe do compacto casario, ouviram o sinal de que não havia mais perigo. (Detectando apenas três aviões, os operadores de radar japoneses deduziram que se tratava de uma missão de reconhecimento.) Empurrar o carrinho de mão ladeira acima, até a propriedade do fabricante de raíom, fora cansativo, e, depois de levar sua carga até OS degraus da entrada, os dois amigos pararam para descansar um pouco, tendo uma ala da casa entre eles e a cidade. Como ocorria comumente nessa parte do Japão, a casa consistia numa construção de madeira, suportando um pesado telhado. Atulhada de trouxas de roupas, a sala parecia uma caverna fresca, repleta de gordas almofadas. Na frente, à direita da porta, havia um amplo jardim, esmerada-mente decorado com pedras. Não se escutava nenhum ruído de avião. A manhã estava silenciosa; o lugar era fresco e agradável.

Então um imenso clarão cortou o céu. O reverendo se lembraria nitidamente de que o clarão partiu do leste em direção ao oeste, da cidade em direção às montanhas. Parecia um naco de sol. Os dois amigos reagiram, apavorados — e tiveram tempo para reagir (pois mais de três quilômetros os separavam do centro da explosão). O Sr. Matsuo subiu os degraus da frente, entrou na casa e praticamente se enterrou entre as trouxas de roupa. O Sr. Tanimoto deu três ou quatro passos e se jogou entre duas grandes pedras do agarrando-se firmemente a uma delas. Com o rosto encostado na pedra, não viu o que aconteceu. Sentiu uma pressão repentina e estilhaços de madeira e de telhas choveram sobre ele. Não ouviu barulho nenhum. (Praticamente ninguém em Hiroshima se lembra de ter escutado qualquer barulho produzido pela bomba. Entretanto, um pescador que estava em sua sampana no mar Interior, perto de Tsuzu - o homem com quem a sogra e a cunhada do pastor moravam —, viu o clarão e ouviu uma tremenda explosão; ele se encontrava a quase 32 quilômetros de Hiroshima, porém o estrondo foi maior do que quando os B-29 bombardearam Iwakuni, a apenas oito quilômetros de distância).

Quando ousou levantar a cabeça, o Sr. Tanimoto constatou que a casa do fabricante de raíom havia desmoronado. Achou que uma bomba a atingira. Nuvens de poeira se erguiam por toda parte, envolvendo-o numa espécie de penumbra. Em pânico, sem pensar que o Sr. Matsuo estava sob as ruínas, ele correu para a rua. Então percebeu que o muro de concreto da propriedade havia caído — na direção da casa. A primeira coisa que viu na rua foi um pelotão de soldados que tinham estado cavando a encosta para construir um dos* milhares de abrigos em que os japoneses aparentemente pretendiam resistir à invasão, montanha por montanha, vida por vida; os soldados deixaram a escavação, onde

estariam protegidos, e o sangue lhes corria da cabeça, do peito e das costas. Estavam mudos e atônitos.

Sob o que parecia uma nuvem de poeira o dia escurecia mais e mais.

Pouco antes da meia-noite, na véspera da explosão, um locutor da rádio local informou que cerca de duzentos B-29 se aproximavam do sul de Honshu e aconselhou os habitantes de Hiroshima a procurar as chamadas "áreas seguras". A Sra. Hatsuyo Nakamura, viúva do alfaiate, que morava no bairro de Nobori-cho e desde muito estava acostumada a fazer o que lhe mandassem, acordou seus três filhos — um menino de dez anos, Toshio; uma menina de oito, Yaeko, e outra de cinco, Myeko —, vestiu-os e levou-os para a área militar conhecida como Praça de Armas Leste, no extremo nordeste da cidade. Ali desenrolou algumas esteiras e sobre elas acomodou a prole. As crianças dormiram até as duas horas, mais ou menos, quando despertaram com o ronco dos aviões que sobrevoavam Hiroshima.

Tão logo os aviões se afastaram, a Sra. Nakamura deixou a Praça de Armas Leste, junto com seus filhos. Pouco depois das duas e meia entrou em casa e ligou o rádio, que, para seu desânimo, transmitia um novo alerta. Ao ver as crianças tão cansadas, ao pensar no número de caminhadas inúteis que haviam feito até a Praça de Armas Leste nas últimas semanas, ela decidiu não seguir as instruções do locutor. Assim, instalou os meninos em seus colchonetes, no chão, deitou-se às três horas e adormeceu de imediato, mergulhando num sono tão profundo que não acordou quando os aviões sobrevoaram a cidade.

Por volta das sete horas a sirene tocou. A Sra. Nakamura despertou, vestiu-se às pressas e correu a consultar o Sr. Nakamoto, o presidente da Associação do Bairro, que a aconselhou a ficar em casa, a menos que soasse um alarme urgente — uma série intermitente de toques. Ela acatou o conselho e, depois de colocar uma panela no fogo para cozinhar um pouco de arroz, sentou-se para ler o Chugoku de Hiroshima. As oito horas ouviu, aliviada, o sinal que indicava o fim do alerta. Escutando os movimentos das crianças, deu a cada uma um punhado de amendoins e lhes ordenou que não se levantassem, pois estavam cansadas com a caminhada noturna. Esperava que elas dormissem novamente, mas de repente o vizinho começou a fazer um barulho infernal, martelando, quebrando, serrando, rachando. Assim como a população de Hiroshima, as autoridades acreditavam num bombardeio iminente e tinham passado a exigir, com ameaças e avisos, a conclusão de largas faixas que, esperava-se, atuassem em conjunto com os rios para conter o fogo provocado por ataques incendiários; e o vizinho estava relutante, sacrificando sua casa pela segurança da cidade. Na véspera determinara que todas as alunas das escolas secundárias em condições de trabalhar dedicassem alguns dias à desobstrução dessas áreas, e elas se lançaram à tarefa tão logo souo o sinal de que não havia mais perigo.

A Sra. Nakamura voltou para a cozinha, examinou o arroz e se pôs a observar o vizinho. A princípio se aborreceu com o barulho, mas depois se

comoveu a tal ponto que quase chorou. Sentiu pena do homem que estava derrubando a casa, tábuas por tábuas, numa época em que havia por toda parte tanta destruição inevitável; sentiu também uma pena generalizada, comunitária, para não falar na pena de si mesma. Sua situação não era fácil. Seu marido, Isawa, alistara-se no exército logo após o nascimento de Myeko, e durante muito tempo ela ficara sem notícias, até que, em 5 de março de 1942, recebeu um telegrama de sete palavras: "Isawa teve uma morte honrosa em Cingapura". Mais tarde soube que o marido morrera em 5 de fevereiro, dia da queda de Cingapura, e que detinha na época a patente de cabo. Como alfaiate ele não havia prosperado muito, e seu único capital era uma máquina de costura Sankoku. Depois de sua morte, quando parou de receber seus soldos, a viúva sustentou os filhos costurando nessa máquina.

A Sra. Nakamura observava o vizinho quando um clarão de um branco intenso, de um branco que nunca tinha visto até então, iluminou todas as coisas. Ela não se importou em saber o que estaria acontecendo com o vizinho; o instinto materno a direcionou para sua prole. No entanto, mal deu um passo (encontrava-se a 1215 metros do centro da explosão), alguma coisa a levantou e a fez voar até o cômodo contíguo, em meio a partes de sua casa.

Quando ela aterrissou, tábuas caíram a seu redor, e uma chuva de telhas a cobriu. Tudo escureceu. A camada de destroços não era muito densa, e a Sra. Nakamura se levantou. Ouviu uma das crianças gritar "Mãe, socorro!" e viu a caçula Myeko, de cinco anos, enterrada até o peito e incapaz de se mexer. Enquanto abria caminho com as mãos, freneticamente, para acudir a menina, não escutou nem avistou o menor sinal dos outros filhos.

* * *

Nos dias imediatamente anteriores à explosão, o próspero, hedonista e então pouco ocupado Dr. Masakazu Fujii se dera ao luxo de dormir até as nove ou nove e meia, mas por sorte na manhã em que a bomba foi lançada teve de acordar cedo para despedir-se de um hóspede que ia viajar de trem. Levantou-se às seis e, meia hora depois, caminhava com seu amigo rumo à estação ferroviária, situada dois rios adiante. Às sete estava de volta e então ouviu a sirene soar por um minuto. Tomou seu café e, como já fazia muito calor, reduziu sua vestimenta à roupa de baixo e se instalou no terraço para ler o jornal. A construção desse terraço — do edifício inteiro, aliás — era curiosa. O Dr. Fujii era proprietário de uma instituição tipicamente japonesa: um hospital particular com um único médico. Encarapitado na margem do rio Kyo e próximo à ponte do mesmo nome, o prédio abrigava trinta quartos para trinta pacientes e seus familiares — pois, de acordo com um costume japonês, quando alguém adocece e baixa ao hospital, um ou mais parentes devem acompanhá-lo, para cozinhar e ler para ele, banhá-lo, massageá-lo e confortá-lo, demonstrando-lhe a solidariedade familiar, sem a qual o doente se sentiria muito infeliz. O hospital do Dr. Fujii não dispunha de leitos — apenas de esteiras —, mas tinha todo tipo de equipamento moderno, como aparelhos de raio X e de diatermia, e um bom laboratório azulejado. Dois terços da construção assentavam-se no solo; o terço

restante se erguia sobre estacas fincadas no leito do Kyo. Essa parte suspensa, na qual o médico instalara sua moradia, tinha aparência estranha, mas era fresca no verão, e, vista do terraço, cujos fundos davam para o centro da cidade, a paisagem sempre era repouante, com barcos de passeio subindo e descendo o rio. Às vezes o Dr. Fujii se apavorava, quando o Ota e seus braços deltaicos transbordavam, porém a estacaria se revelara bastante firme e o prédio continuava no mesmo lugar.

Fazia cerca de um mês que o médico estava relativamente ocioso, pois em julho, com o número de cidades japonesas intactas diminuindo e o bombardeio de Hiroshima parecendo cada vez mais inevitável, passara a recusar pacientes, sob a alegação de que, no caso de um ataque incendiário, não conseguiria removê-los. Agora tinha apenas dois pacientes: uma mulher de Yano, com um ferimento no ombro, e um jovem de 25 anos que se recuperava de queimaduras sofridas quando a aciaria onde trabalhava, perto da cidade, fora atingida. Seis enfermeiras cuidavam dos doentes. A família do Dr. Fujii estava segura: sua esposa e um de seus filhos viviam nos arredores de Osaka; os outros filhos (um rapaz e duas moças) se encontravam no campo, em Kyushu. Uma sobrinha e dois empregados faziam-lhe companhia. O fato de ter pouco trabalho não o preocupava, pois havia economizado algum dinheiro. Aos cinquenta anos, era sadio, sociável e calmo e, à noite, gostava de tomar uísque com os amigos, sempre com moderação e apenas para animar a conversa. Antes da guerra preferia marcas escocesas e americanas; agora se satisfazia plenamente com o Suntory, o melhor uísque japonês.

O Dr. Fujii sentou-se na esteira do terraço, cruzou as pernas, colocou os óculos e se pôs a ler o *Asahi* de Osaka. Gostava de informar-se sobre o que ocorria em Osaka porque sua esposa estava lá. E então viu o clarão, que, na posição em que se achava — de costas para o centro da cidade e com os olhos fixos no jornal —, pareceu-lhe de um amarelo intenso. Surpreso, começou a levantar-se. Nesse momento o hospital (situado a 1395 metros do centro) se inclinou e, com um baque terrível, caiu no rio. O médico, que ainda não completara o ato de levantar-se, foi jogado para a frente, para os lados e para cima, socado e agarrado; perdeu a noção das coisas, pois tudo aconteceu com crescente rapidez; sentiu que a água o envolvia.

Mal teve tempo de pensar que estava morrendo, pois logo constatou que estava vivo, imprensado entre duas vigas em V, como um bocado de alimento entre dois *hashis* imensos — mantido na posição vertical, de modo que não conseguia se mexer, com a cabeça miraculosa mente acima da água e o torso e as pernas submersos. Os destroços do hospital se espalhavam a seu redor numa louca mistura de estilhaços de madeira e anestésicos. Seu ombro esquerdo doía horrivelmente. Seus óculos haviam sumido.

Na manhã da explosão o padre Wilhelm Kleinsorge, da Companhia de Jesus, estava com a saúde abalada. A dieta japonesa nessa época de guerra não o sustentava, e ele sentia o peso de ser estrangeiro num país cada vez mais

xenófobo, inclusive em relação aos alemães, pois a derrota da *Vaterlanãera* malvista. Aos 38 anos o padre Kleinsorge parecia um menino que estava crescendo depressa demais — o rosto fino, o pomo-de-adão proeminente, o peito arqueado, as mãos pendentes, os pés grandes. Caminhava desajeitadamente, meio curvado. Vivia cansado. Para piorar a situação, havia dois dias que, assim como o padre Cieslik, seu colega, penava a excruciante diarreia, atribuída ao feijão e ao pão preto *que tinham* de comer. Por sorte os outros dois sacerdotes - o superior LaSalle e o padre Schiffer - que moravam na missão, no bairro de Nobori-cho, foram poupados desse transtorno.

Na manhã da explosão o padre Kleinsorge acordou por volta das seis e, meia hora depois - estava meio lerdo, por causa de sua condição física -, começou a rezar a missa na capela do complexo jesuítico, um pequeno edifício de madeira, em estilo japonês, onde não havia bancos, pois os devotos se ajoelhavam nas habituais esteiras, diante de um altar adornado com esplêndidas sedas, objetos de latão e prata, pesados bordados. Naquela segunda-feira os únicos fiéis presentes eram o Sr. Takemoto, um estudante de teologia que morava na casa da missão; o Sr. Fukai, secretário da diocese; a Sra. Murata, governanta da missão e cristã fervorosa; e os outros jesuítas. No final da missa, durante a ação de graças, a sirene soou. O sacerdote interrompeu a celebração e, junto com seus colegas, atravessou o complexo da missão, dirigindo-se ao prédio maior. Em seu quarto, situado no andar térreo, à direita da entrada, trocou a batina pelo uniforme militar que adquirira quando lecionava em Kobe, no ginásio Rokko, e que usava por ocasião dos alarmes antiaéreos.

Depois de um alarme o padre Kleinsorge sempre saía para observar o céu; foi o que fez então e ficou contente ao avistar apenas o avião meteorológico que diariamente sobrevoava Hiroshima nesse horário. Certo de que nada haveria de acontecer, entrou novamente no prédio e tomou seu desjejum com os outros religiosos, o café e o pão repugnando-lhe como nunca, em função de seu mal-estar. Sentados à mesa, os sacerdotes conversaram durante algum tempo até que, às oito horas, ouviram o aviso de que o perigo havia passado e se separaram. O padre Schiffer se recolheu a seu quarto para escrever. O padre Cieslik também se recolheu, sentou-se numa cadeira, colocou um travesseiro sobre o estômago para aliviar a dor e se pôs a ler. O superior LaSalle postou-se junto à janela de seu quarto, pensativo. O padre Kleinsorge subiu para o terceiro andar, despiu-se, mantendo apenas a roupa de baixo, e se deitou num catre para ler a *Stimmen der Zeit*.

Ao ver o terrível clarão — que, diria mais tarde, lembrou-lhe uma história que lera na infância, sobre a colisão de um meteoro imenso com a Terra —, teve tempo (pois se encontrava a 1260 metros dos do centro) para um único pensamento: uma bomba caiu em cima de nós. Então perdeu os sentidos por alguns segundos ou minutos.

Nunca soube como saiu do prédio. As primeiras coisas de que se deu conta, ao recobrar a consciência, foi que vagou pela horta da missão, em seus trajes íntimos, com pequenos cortes sangrando em seu flanco esquerdo; que

todos os edifícios a seu redor haviam desmoronado, à exceção da casa dos jesuítas, que tempos antes um padre chamado Gropper escorara mais de uma vez, com medo dos terremotos; que o dia escurecera; e que Murata-san, a governanta, estava perto dele, gritando sem cessar: "*Shujesusu, awaremi tamai!* Nosso Senhor Jesus, tenha piedade de nós!".

No trem que o levava do campo, onde morava com a mãe, para Hiroshima, o Dr. Terufumi Sasaki, o cirurgião do hospital da Cruz Vermelha, refletia sobre um pesadelo que tivera na véspera. Para ir da casa de sua mãe, em Mukaihara, a 48 quilômetros da cidade, até o hospital, viajava duas horas, de trem e de bonde. Dormira mal a noite inteira e acordara uma hora mais cedo que de costume; sentindo-se indisposto e ligeiramente febril, hesitara em ir trabalhar, mas por fim se curvara ao senso do dever e tomara o trem antes do horário habitual. O pesadelo o assustara muito, pois, ao menos superficialmente, relacionava-se com uma realidade inquietante. O Dr. Sasaki tinha apenas 25 anos e acabara de se formar na Faculdade Japonesa do Leste de Medicina, em Tsingtao, na China. Era idealista e se angustiava com a precariedade dos serviços na cidade de sua mãe. Por sua conta e sem a devida licença passara a visitar alguns doentes de Mukaihara à noite, depois de cumprir seu expediente de oito horas no hospital e de viajar por quatro horas. Descobrira recentemente que a punição para quem clinicava sem licença era rigorosa; sobre isso consultara um colega que lhe passou uma severa decompostura. No entanto, continua a clinicar. Em seu sonho estava à cabeceira de um paciente, no campo, quando a polícia e o colega que havia consultado entraram no quarto, agarraram-no, arrastaram-no para fora e o espancaram violentamente. No trem resolveu não atuar mais em Mukaihara, pois achava impossível obter a licença, já que as autoridades declarariam esse trabalho incompatível com seus deveres no hospital da Cruz Vermelha.

Chegando a Hiroshima, tomou o bonde imediatamente. (Mais tarde calculou que, se tivesse viajado no horário de costume e se tivesse esperado o bonde por alguns minutos, como acontecia com freqüência, estaria perto do centro no momento da explosão e certamente teria morrido.) Às sete e quarenta entrou no hospital e se apresentou ao cirurgião-chefe. Pouco depois foi a um quarto do primeiro andar e tirou sangue do braço de um homem para realizar um teste de Wassermann. O laboratório que continha as incubadoras para o teste se situava no terceiro andar. Com a amostra de sangue na mão esquerda, meio distraído como estava desde o amanhecer, provavelmente por causa do pesadelo e da noite mal-dormida, caminhava pelo corredor central, rumo à escada que o levaria ao terceiro andar, onde se situava o laboratório que continha as incubadoras para o teste. Encontrava-se a um passo de uma janela aberta quando o clarão da bomba se refletiu no corredor como um gigantesco flash fotográfico. Agachou-se rapidamente, apoiando-se no joelho, e, como só um japonês diria, falou para si mesmo: "*Sasaki, gambare! Coragem!*". Então a explosão sacudiu o prédio (a 1485 metros do centro). Os óculos do médico voaram longe; o frasco

de sangue se espatifou contra a parede; as sandálias saíram-lhe dos pés — mas isso foi tudo que lhe aconteceu, graças à posição em que ele se encontrava.

O Dr. Sasaki gritou o nome do cirurgião-chefe, correu para sua sala e o encontrou todo retalhado pelos cacos de vidro. Uma terrível confusão se instalara no hospital: pesadas divisórias e tetos despencaram sobre numerosos doentes, camas viraram, janelas se espatifaram e cortaram diversas pessoas; havia sangue nas paredes e no chão, instrumentos esparramados por todo lado, vários pacientes correndo e gritando, e muitos mortos. (Um médico que trabalhava no laboratório do terceiro andar havia morrido; o homem que o Dr. Sasaki acabara de deixar, e que momentos antes estava apavorado com a sífilis, também tinha morrido.) O Dr. Sasaki constatou que era o único médico do hospital que nada sofrera.

Acreditando que o inimigo atingira apenas o edifício onde se encontrava, o jovem cirurgião se muniu de ataduras e começou a enfaixar os ferimentos dos que se achavam no interior do hospital; lá fora, por toda a Hiroshima, cidadãos mutilados e moribundos dirigiam-se tropegamente para o hospital da Cruz Vermelha, dando início a uma invasão que faria o Dr. Sasaki esquecer seu pesadelo particular durante muito tempo.

A srta. Toshiko Sasaki, funcionária da Fundação de Estanho do Leste da Ásia, sem nenhum parentesco com o Dr. Terufumi Sasaki, acordou às três da madrugada, no dia da explosão. Tinha trabalho doméstico extra para fazer. Desde a véspera seu irmão de onze meses, Akio, estava com uma grave indisposição estomacal; a mãe o levava ao hospital pediátrico Tamura e lá ficara com ele. A srta. Sasaki, uma jovem de seus vinte anos, tinha de preparar não só café-da-manhã para si mesma e para o restante da família (o pai, um irmão e uma irmã) como todas as refeições do dia para sua mãe e o bebe - por causa da guerra, o hospital não tinha condições de alimentar pacientes e acompanhantes — e o almoço para seu pai, que trabalhava numa fábrica, produzindo protetores de ouvidos para soldados da artilharia. Quando acabou de fazer a comida e de arrumar a cozinha, eram quase sete horas. A família morava em Koi, e a viagem até Kannonmachi, o bairro onde se situava a fundição de estanho, demorava 45 minutos. A srta. Sasaki trabalhava no departamento de pessoal, onde era encarregada do arquivo. Saiu de casa às sete e, tão logo chegou à fábrica, foi com outras colegas de seu departamento até o auditório. No dia anterior um destacado integrante das forças navais, ex-empregado da fundição, havia se suicidado, atirando-se embaixo de um trem — morte considerada honrosa o bastante para merecer uma homenagem, que ocorreria logo mais, às dez horas. A srta. Sasaki e suas colegas deviam cuidar dos preparativos para a cerimônia, e em cerca de vinte minutos cumpriram a tarefa.

De volta a sua sala, a srta. Sasaki sentou-se a sua mesa. Estava bem longe das janelas, que ficavam a sua esquerda, e tinha a suas costas duas estantes altas, contendo todos os livros da biblioteca organizada pelo departamento de pessoal. Guardou algumas coisas numa gaveta e mudou uns papéis de lugar. Antes de

atualizar seus arquivos, acrescentando novas contratações, demissões e afastamentos, resolveu conversar um pouco com a moça sentada a sua direita. Assim que virou a cabeça para o lado oposto ao das janelas, um clarão ofuscante encheu a sala. O medo a paralisou em sua cadeira por um longo momento (a fábrica distava 1440 metros do centro).

Tudo veio abaixo, e a srta. Sasaki perdeu a consciência. O teto desabou repentinamente, o piso de madeira do andar superior despencou, levando com seus estilhaços as pessoas que lá se achavam, e o telhado ruiu; as estantes que estavam atrás da srta. Sasaki caíram, e seu conteúdo a derrubou, quebrando-lhe a perna esquerda. No primeiro momento da era atômica livros imprensaram um ser humano numa fundição de estanho.

2. O FOGO

Imediatamente após a explosão o reverendo Kiyoshi Tanimoto se pôs a correr para longe da propriedade do Sr. Matsui e viu atônito os soldados sangrando na entrada do abrigo que escavavam. Mais adiante juntou-se a uma velha que caminhava num estado de torpor, apoiando a cabeça com a mão esquerda e segurando com a direita um menino de três ou quatro anos, que carregava nas costas. "Estou ferida!" ela gritava. "Estou ferida! Estou ferida!" O Sr. Tanimoto pegou o menino, colocou-o em suas costas e, em meio à escuridão produzida pelo que parecia uma coluna de poeira local, conduziu a mulher pela mão até uma escola dos arredores destinada a servir de hospital provisório em caso de emergência. Assim, com esse gesto de solicitude, libertou-se de seu terror. Na escola surpreendeu-se muito ao ver cacos de vidro espalhados por toda parte no chão e cinqüenta ou sessenta feridos já esperando atendimento. Pensou que, embora houvesse soado o aviso de que o perigo se afastara e apesar de não ter escutado nenhum barulho de aviões, várias bombas deviam ter sido lançadas. Lembrou-se de que no jardim do fabricante de raioi havia uma pequena colina de onde poderia avistar o bairro inteiro — e também toda a Hiroshima — e voltou correndo para lá.

Do topo do outeiro contemplou um panorama espantoso. Não só uma parte de Koi, como esperava, mas toda a área de Hiroshima que conseguia vislumbrar atrás da névoa desprendia um espesso e pavoroso miasma. Nuvens de fumaça, próximas e distantes, despontavam pouco a pouco por entre a poeira. O reverendo se perguntou como um céu silencioso poderia ter causado tanta destruição: não se deixaria de ouvir nem mesmo uma pequena esquadilha, voando alto. As casas das redondezas ardiam em chamas, e, quando gotas de água imensas, do tamanho de bolinhas de gude, começaram a cair, ele imaginou que provinham das mangueiras que os bombeiros estariam usando para combater os incêndios. (Na verdade eram gotas de uma mistura condensada que caíam da turbulenta torre de poeira, calor e fragmentos de fissão que já se erguera no céu, milhares de metros acima de Hiroshima).

A voz de seu amigo, perguntando-lhe se estava bem, tirou-o de sua contemplação. Quando a casa desmoronou, as trouxas de roupa armazenadas na sala protegeram o Sr. Matsuo, permitindo-lhe encontrar uma saída. O Sr. Tanimoto mal respondeu. Pensava em sua esposa e no bebê, em sua igreja, em sua casa, em seus paroquianos, todos imersos naquela medonha escuridão. Uma vez mais se pôs a correr, aterrorizado, na direção da cidade.

A Sra. Hatsuyo Nakamura, a viúva do alfaiate, lutou para desvencilhar-se das ruínas de sua casa, após a explosão, e, ao ver sua caçula, Myeko, soterrada até o peito e incapaz de se mover, rastejou pelos escombros, afastando tábuas e removendo telhas, no afã de libertar a menina. Então ouviu duas vozes, provenientes das profundezas, do que parecia uma caverna distante: "*Tasukete! Tasukete! Socorro! Socorro!*".

Ela chamou o filho de dez anos e a filha de oito: "Toshio! Yaeko!".

As vozes responderam.

A Sra. Nakamura deixou Myeko de lado, já que a caçula ao menos conseguia respirar, e num esforço frenético passou a escavar o entulho que abafava as vozes. Quando as crianças estavam dormindo, havia entre elas um espaço de aproximadamente três metros, mas agora suas vozes pareciam vir do mesmo lugar. Toshio devia ler alguma liberdade de movimentos, pois procurava remover tábuas e telhas, enquanto a mãe se esfalfava na superfície. Finalmente ela o avistou e, agarrando-o pela cabeça, puxou-o para cima. Um mosquiteiro se enredara nos pés do menino, como se os embulhasse cuidadosamente. Toshio contou que fora jogado para o lado oposto do quarto e caíra sobre os destroços que soterraram Yaeko. A menina disse que não podia se mexer, pois alguma coisa prendia as pernas. A Sra. Nakamura escavou mais um pouco, abriu um buraco e pegou a filha pelo braço. "*Itai!* Está doendo!", Yaeko gemeu. "Agora não dá tempo de dizer se dói ou não", a mãe gritou, puxando-a para cima. E em seguida libertou Myeko. As crianças estavam sujas e apresentavam algumas contusões, mas nenhum corte.

A Sra. Nakamura levou-as para a rua. Embora fizesse muito temeu que se resfriassem, pois as meninas usavam apenas calcinhas e Toshio estava de cueca. Assim, a viúva do alfaiate voltou atrás, cavou o entulho até encontrar uma trouxa de roupa que havia preparado para emergências, vestiu os três com calças, blusas e até, irracionalmente, casacos, colocou-lhes sapatos e protegeu-lhes a cabeça com os *bokuzuki*, gorros de algodão acolchoado usados durante os ataques aéreos. As crianças maiores se mantiveram em silêncio, porém Myeko, a caçula de cinco anos, não parava de perguntar: "Por que já é noite? Por que nossa casa caiu? O que aconteceu?". Sem saber o que havia acontecido (não soara o aviso de que o perigo passara?), a mãe olhou em torno e, através da escuridão, percebeu que todas as casas tinham desabado. A casa que estava sendo demolida para dar lugar à faixa de contenção de fogo agora se reduzia a um monte de escombros; o proprietário, que a sacrificara para a segurança da comunidade, jazia por terra, morto. A Sra. Nakamoto, esposa do presidente da Associação do Bairro, atravessou a rua com a cabeça toda ensanguentada e disse que seu filho, um bebê, sofrerá cortes profundos; a Sra. Nakamura tinha ataduras? A Sra. Nakamura não tinha, mas se arrastou novamente pelas ruínas de sua casa, encontrou um pano branco que tinha usado em seu trabalho de costureira, rasgou-o em tiras e o entregou à Sra. Nakamoto. Então tratou de resgatar sua máquina de costura, que avistara ao pegar o pano. Ciente de que não poderia carregá-la, impensadamente mergulhou o símbolo de sua sobrevivência no recipiente que durante semanas simbolizara sua segurança — o tanque de água que todas as famílias tiveram de construir diante da casa para proteger-se de um eventual ataque incendiário.

Uma vizinha, apavorada, a Sra. Hataya, convidou-a a fugir para os bosques do parque Asano - uma propriedade não muito distante, às margens do rio Kyo, pertencente à rica família Asano, que já fora dona da companhia de

navegação Toyo Kisen Kaisha. O parque havia sido designado para servir de "área segura" para I população do bairro. Vendo fogo numa ruína próxima (a não ser no centro da cidade, onde a bomba provocara alguns incêndios, a maior parte da conflagração em toda a Hiroshima deveu-se a destroços inflamáveis que caíram em fogões e circuitos elétricos), a Sra. Nakamura sugeriu que fossem apagá-lo. "Não seja boba", a Sra. Hataya replicou. "E se jogarem mais bombas?" Assim, a Sra. Nakamura rumou para o parque Asano com seus filhos e a Sra. Hatay, levando sua mochila cheia de roupas de emergência, um cobertor, um guarda-chuva e uma mala com coisas que escondera em seu abrigo anti-aéreo. No caminho, que percorreram apressadamente, ouviram muitos gritos de socorro, abafados pelos escombros. O único edifício que continuava de pé nesse trajeto era a casa da missão jesuítica, ao lado do jardim-de-infância católico que Myeko freqüentara durante algum tempo. Ao passar por ali, a Sra. Nakamura viu o padre Kleinsorge sair correndo, com uma maleta na mão.

Logo depois da explosão, enquanto o padre Wilhelm Kleinge, C. J., vagava pela horta em trajes íntimos, o superior LaSalle dobrou a esquina do prédio, envolto nas trevas. Sangrava pelo corpo inteiro, sobretudo nas costas: ao ver o clarão, afastara-se da janela e recebera uma chuva de estilhaços de vidro. Ainda confuso, o padre Kleinsorge conseguiu perguntar: "Onde estão os outros?" Nesse momento os dois sacerdotes que também moravam na casa I missão apareceram — o padre Cieslik, ileso, apoiando o padre Schiffer, que estava muito pálido e sangrava copiosamente em função de um corte acima da orelha esquerda. O padre Cieslik estava satisfeito consigo mesmo, pois, ao ver o clarão, refugiara-se sob o batente de uma porta que, avaliara, era o lugar mais seguro casa; assim, nada sofreu, quando sobreveio a explosão. O superior lhe ordenou que levasse o colega ao médico, antes que ele se esvaísse em sangue, e sugeriu procurar o dr. Kanda, na primeira esquina, ou o Dr. Fujii, a uns seis quarteirões dali. Os dois homens saíram e subiram a rua.

A filha do Sr. Hoshijima, catequista da missão, correu para o padre Kleinsorge e lhe informou que sua mãe e sua irmã estavam soterradas sob as ruínas de sua casa, que ficava atrás do complexo dos jesuítas. Nesse instante os religiosos constataram que a casa da professora do jardim-de-infância católico, na frente do complexo, havia desabado. Enquanto o superior LaSalle e a Sra. Murata, a governanta, tratavam de resgatar a professora, o padre Kleinsorge foi remover parte do entulho a que se reduzira a casa da catequista. Como não ouvisse nenhum som sob os escombros, deduziu que as duas mulheres tinham morrido. Por fim, embaixo do que fora outrora um dos cantos da cozinha, avistou a cabeça da Sra. Hoshijima. Julgando-a morta, puxou-a pelo cabelo, mas de repente ela gritou: "*Itai! Itai! Está doendo! Está doendo!*". O jesuíta escavou um pouco mais e içou-a. Conseguiu também localizar a filha e resgatá-la. Nenhuma das duas apresentava ferimentos graves.

Uma casa de banhos próxima à missão ardia em chamas, porém, como o vento soprava para o sul, os sacerdotes acharam que sua residência seria

poupada. Mesmo assim o padre Kleinsorge resolveu prevenir-se e entrou para pegar algumas coisas que queria salvar. Em seu quarto, deparou-se com uma confusão absurda. Um estojo de primeiros socorros estava pendurado num cabide da parede, mas suas roupas, que antes se encontravam em outros cabides idênticos, haviam sumido. A escrivainha se partira em pedaços que se esparramaram pelo quarto, porém uma maleta de papel machê, que ficava escondida embaixo da escrivainha, estava de pé, com a alça para cima, sem um arranhão, diante da porta, onde ele não poderia deixar de vê-la. Mais tarde o padre Kleinsorge interpretou isso como uma intervenção da Divina Providência, até porque a maleta continha seu breviário, os livros de contabilidade da diocese inteira e uma considerável quantia em dinheiro, que pertencia à missão e estava sob sua responsabilidade. O religioso correu para fora e guardou a maleta no abrigo antiaéreo do complexo.

Entrementes, o padre Cieslik e o padre Schiffer, ainda sangrando, tinham voltado; a casa do Dr. Kanda estava em ruínas, contaram, e o fogo os impedia de sair do que lhes parecia um círculo de destruição local para ir até o hospital particular do Dr. Fujii, na margem do rio Kyo.

* * *

O hospital do Dr. Masakazu Fujii já não se situava na margem, e sim dentro do Kyo. Depois que o edifício caíra no rio, o médico permaneceu imóvel na manhã escura por uns vinte minutos, tolhido pela perplexidade e imprensado pelas vigas que lhe comprimiam o peito. Então pensou que logo a maré penetraria pelo estuário e sua cabeça submergiria, e esse pensamento o inspirou a agir; contorcendo-se e valendo-se de toda a força possível (embora a dor no ombro lhe inutilizasse o braço esquerdo), conseguiu libertar-se do torno que o prendia. Depois de descansar por alguns instantes, escalou o monte de madeira e deparou-se com uma tábua inclinada que se estendia até a margem; arrastando-se por ela, penosamente, ganhou a terra firme.

Estava encharcado e imundo. Sua roupa de baixo se rasgara, e o sangue jorrava de cortes profundos que sofrera no queixo e nas costas. Em tais condições rumou para a ponte do Kyo, junto à qual se localizara seu hospital. A ponte continuava no lugar. O Dr. Fujii enxergava sem os óculos, mas viu o suficiente para espantar-se número de casas derrubadas por toda parte. Na ponte encontrou um amigo e colega, o Dr. Machii, e perguntou-lhe, atônito: "O que você acha que aconteceu?"

"Deve ter sido um *Molotoffano hanakago*", o outro respondeu. "Uma cesta de flores Molotov": assim os japoneses delicadamente chamavam o "cesto" ou "feixe" de bombas que se espalham sozinhas.

A princípio o Dr. Fujii avistou apenas dois incêndios: um no esquerdo do rio, onde seu hospital se situara, e outro bem mais ao sul. Contudo, os dois médicos observaram ao mesmo tempo algo que os deixou pasmos: embora houvesse ainda poucos incêndios, pessoas feridas atravessavam a ponte num desfile interminável de desgraças, e muitas exibiam queimaduras horrendas nos braços. "Como se explica isso?" o dr. Fujii perguntou ao colega. Até mesmo uma

teoria era confortadora nesse dia, e o Dr. Machii se apegou à sua. "Deve ter sido uma cesta de flores Molotov", disse.

Quando o Dr. Fujii acompanhara seu amigo até a estação, pouco menos de duas horas antes, não havia brisa, porém agora ventos fortes sopravam em todas as direções; na ponte o vento provinha do leste. Novos incêndios surgiam e se propagavam rapidamente, e num espaço de tempo muito curto lufadas de ar quente e chuvas de cinzas inviabilizaram a permanência na ponte. O Dr. Machii correu para a margem do rio e enveredou por uma rua que ainda não ardia em chamas. O Dr. Fujii desceu até o rio e entrou na água, onde numerosos indivíduos já haviam se refugiado - inclusive seus empregados, que conseguiram desvencilhar-se dos escombros. Então avistou uma enfermeira pendurada pelas pernas nas vigas de seu hospital e outra com o peito dolorosamente imprensado, libertou-as com a ajuda de alguns homens que estavam sob a ponte. Por um instante julgou ouvir a voz de sua sobrinha, porém não conseguiu encontrá-la; nunca mais a viu. Quatro enfermeiras e os dois pacientes do hospital também morreram. O Dr. Fujii voltou para dentro da água e esperou que o fogo diminuísse.

A situação do Dr. Fujii, do Dr. Kanda e do Dr. Machii — e, por extensão, da maioria dos médicos de Hiroshima — logo após a explosão, com seus consultórios e hospitais destruídos, seu equipamento disperso, seus próprios corpos incapacitados em diferentes graus, explica por que tantos feridos não receberam cuidados e por que morreram tantos cidadãos que podiam ter sido salvos. Dos 150 médicos existentes em Hiroshima, 65 estavam mortos e os restantes se encontravam, na maioria, feridos. Das 1780 enfermeiras, 1654 estavam igualmente mortas ou impossibilitadas de agir. No hospital da Cruz Vermelha, o maior da cidade, apenas seis médicos de uma equipe de trinta, e dez enfermeiras, dentre mais de duzentas, tinham condições de trabalhar. O Dr. Sasaki era o único médico desse hospital que escapara ileso. Depois da explosão ele correu para buscar ataduras num depósito onde, como no restante do prédio, reinava o caos — frascos de remédio tinham caído das prateleiras e se espatifado, unguentos mancharam as paredes, instrumentos se esparramaram por todo canto. O Dr. Sasaki pegou algumas bandagens e um frasco de mercurocromo que estava intacto e medicou o cirurgião-chefe. Em seguida saiu para o corredor e cuidou dos pacientes, médicos e enfermeiras que ali se achavam. Estava enxergando tão mal que se apoderou dos óculos de uma enfermeira ferida — embora lhe proporcionassem uma correção apenas medíocre da visão, eram melhores que nada. (Acabaria usando-os por mais de um mês).

O jovem cirurgião trabalhava sem método, tratando primeiro dos que estavam mais próximos, e logo constatou que o corredor se apinhava cada vez mais. Em meio às escoriações e aos cortes apresentados pela maioria das vítimas que se encontravam no hospital, começou a deparar-se com queimaduras pavorosas. Compreendeu então que feridos de fora chegavam sem

parar. E eram que ele resolveu deixar de lado os casos de menor gravidade; tudo que podia esperar fazer, pensou, era impedir que os infelizes se esvaíssem em sangue até morrer. Em pouco tempo havia pacientes deitados e agachados nas enfermarias, nos laboratórios, nos quartos e nas demais dependências, nos corredores, nas escadas, no saguão, no pórtico, nos degraus do pórtico, na entrada de veículos, no pátio, nas ruas vizinhas. Pessoas feridas sustentavam pessoas mutiladas; famílias desfiguradas se mantinham juntas, seus integrantes apoiando-se uns nos outros. Muita gente vomitava. Um número enorme de estudantes — algumas das quais tinham sido retiradas da sala de aula para trabalhar na desobstrução das faixas de contenção de fogo - procurara o hospital. Numa cidade de 245 mil habitantes, cerca de 100 mil haviam morrido ou iriam morrer em breve; outros 100 mil estavam feridos. Pelo menos 10 mil feridos se arrastaram até o melhor hospital de Hiroshima, que não tinha condições de abrigá-los, pois contava apenas seiscentos leitos e todos já estavam ocupados. A multidão que se aglomerava no interior do hospital chorava e gritava para o Dr. Sasaki — "*Sensei!* Doutor!" —, enquanto os que apresentavam ferimentos de menor importância o puxavam pela manga e lhe suplicavam que acudisse os feridos mais graves. Agarrado ali e acolá pelos pés, perplexo com o número de vítimas, zozno com tanta carne exposta, o Dr. Sasaki perdeu todo o senso profissional e parou de agir como cirurgião habilidoso e homem solidário; tornou-se um autômato, limpando, engessando e enfaixando mecanicamente; limpando, engessando e enfaixando mecanicamente.

Algumas das vítimas não puderam desfrutar o discutível luxo da hospitalização. No que havia sido o departamento de pessoal da Fundação de Estanho do Leste da Ásia, a srta. Sasaki jazia desacordada sob a montanha de livros, reboco, madeira e ferro ondulado. Quando recobrou os sentidos (umas três horas depois, conforme calculou mais tarde), a perna esquerda doía-lhe horrivelmente e estava toda roxa, debaixo de tantos livros e escombros. O limite entre consciência e inconsciência era tênue, e a srta. Sasaki aparentemente o transpôs várias vezes, pois tinha a sensação de que a dor ia e voltava. No auge do sofrimento achava que a perna lhe fora arrancada do joelho para baixo. Por fim escutou passos sobre o entulho que a cobria e vozes angustiadas, que evidentemente provinham do interior daquele caos que a rodeava: "Socorro, por favor! Tirem-nos daqui!".

Com algumas das ataduras que o Dr. Fujii dera aos jesuítas dias antes o padre Kleinsorge estancou como pôde o sangue que jorrava do corte do padre Schiffer. Quando terminou, entrou novamente na casa da missão; encontrando a túnica de seu uniforme militar e uma velha calça cinzenta, vestiu-as e saiu. Uma vizinha correu para ele e, aos berros, informou-lhe que seu marido estava soterrado sob a casa, que se incendiara; o padre Kleinsorge precisava salvá-lo.

Já meio apático e zozno diante de tantas desgraças, o sacerdote respondeu: "Não temos muito tempo". Todas as casas das redondezas estavam queimando, e agora o vento soprava com força. "A senhora sabe o lugar exato

em que ele está soterrado?" perguntou.

"Sei", a mulher lhe assegurou. "Venha, depressa!".

Os dois se dirigiram para a casa, cujas ruínas ardiam violentamente, mas logo o jesuíta constatou que a vizinha não tinha idéia do local onde o marido se achava. "Há alguém aí?" o padre Kleinsorge perguntou várias vezes, sem obter resposta. "Se não sairmos daqui, vamos morrer", disse para a mulher. Em seguida voltou para a missão e comunicou ao superior que o fogo estava se aproximando, impelido pelo vento, que mudara de direção e agora soprava a partir do norte; todos deviam se afastar.

Nesse momento a professora do jardim-de-infância apontou-lhes o Sr. Fukai, o secretário da diocese, que estava de pé junto à janela de seu quarto, no segundo andar, olhando na direção da explosão e chorando. Certo de que a escada interna havia desabado, o padre Cieslik tratou de procurar uma escada de mão nos fundos da casa. Então ouviu gritos de socorro, abafados por um telhado que ruíra. Pediu às pessoas que corriam pela rua para que o ajudassem a erguer o telhado, mas ninguém lhe deu atenção, e ele nada pôde fazer para salvar os soterrados. O padre Kleinsorge entrou mais uma vez na casa da missão e, rastejando, subiu a escada, que estava torta e coberta de estuque e ripas; quando chegou à porta do quarto do secretário, chamou-o.

O Sr. Fukai, um cinquentão baixinho, virou-se lentamente e, fitando-o com um olhar estranho, pediu: "Deixe-me aqui".

O padre Kleinsorge entrou no quarto, pegou o homenzinho pela gola do paletó e falou: "Venha comigo; do contrário, o senhor vai morrer".

"Deixe-me morrer", o outro respondeu.

O sacerdote se pôs a empurrá-lo e a arrastá-lo para fora. Então o estudante de teologia apareceu e agarrou o secretário pelos pés, enquanto o padre Kleinsorge o sustentava pelos ombros, e, juntos, os dois o carregaram para baixo e para fora. "Não posso andar!" o sr. Fukai gritava. "Deixem-me aqui!" O padre Kleinsorge pegou a maleta com o dinheiro da missão e colocou o Sr. Fukai nas costas. O grupo começou a afastar-se, rumando para a Praça de Armas Leste, a "área segura" de seu bairro. Ao transpor o portão, o secretário da diocese infantilmente bateu nos ombros do padre Kleinsorge, dizendo: "Não vou. Não vou". O padre Kleinsorge apenas se voltou para o superior LaSalle e comentou: "Perdemos tudo que tínhamos, menos o senso de humor".

A rua estava atravancada com partes das casas que tinham desmoronado, postes e fios telefônicos que tinham caído. A cada duas ou três casas os jesuítas ouviam vozes de indivíduos soterrados e abandonados, que invariavelmente suplicavam, sem esquecer as boas maneiras: "*Tasukete kure!* Socorro, por favor!". Os padres reconheceram várias ruínas, de onde provinham esses gritos, como sendo de casas de amigos, mas, com o avanço do fogo, já não era mais possível prestar nenhuma ajuda. Durante todo o trajeto o Sr. Fukai choramingava: "Deixem-me ficar". Chegando a um quarteirão de escombros ardentes, os religiosos dobraram à direita. Na ponte Sakai, que deviam cruzar para ir ter à

Praça de Armas Leste, constataram que toda a comunidade na margem oposta do rio estava em chamas; assim, decidiram refugiar-se no parque Asano, à esquerda. Debilitado pela diarreia que o atormentava havia dois dias, o padre Kleinsorge começou a cambalear sob o peso de sua carga, que protestava sem parar, e, ao tentar escalar os destroços de várias casas que barravam o acesso ao parque, tropeçou, derrubou o Sr. Fukai e caiu de cabeça na beira do rio. Ao levantar-se, viu o secretário da diocese afastando-se a toda a pressa. "Detenham-no!" gritou para uma dezena de soldados que estavam de pé junto à ponte. Quando subiu para pegar o Sr. Fukai, o superior LaSalle ordenou-lhe: "Depressa! Não perca tempo!". Assim, o padre Kleinsorge pediu aos soldados que cuidassem do secretário. Eles disseram que cuidariam, mas o homenzinho se libertou e afastou-se rapidamente, na direção do fogo; foi a última vez que os padres o viram.

Preocupado com sua família e com sua igreja, o reverendo Tanimoto correu para casa, tomando o caminho mais curto, a via Koi. Era a única pessoa que se dirigia para a cidade e no trajeto encontrou centenas e centenas de fugitivos, todos feridos. Alguns tinham as sobrancelhas queimadas e pedaços de pele soltos, pendendo das faces e das mãos. Outros, zonzos de dor, erguiam os braços, como se carregassem alguma coisa com as duas mãos. Alguns vomitavam, sem parar de andar. Muitos estavam nus ou envoltos em farrapos. Em alguns corpos despidos as queimaduras acompanhavam o contorno das camisetas e suspensórios e, na pele de algumas mulheres, o das flores dos quimonos (o branco repeliu o calor da bomba, enquanto as roupas escuras o absorveram e o conduziram para a pele). Muitos feridos apoiavam parentes que se achavam em condições piores. Quase todos caminhavam de cabeça baixa, olhando para a frente, em silêncio, absolutamente inexpressivos.

Depois de cruzar as pontes Koi e Kannon, sempre correndo, o Sr. Tanimoto se aproximou do centro e constatou que todos os edifícios haviam desabado e muitos ardiam em chamas. As árvores tinham perdido as folhas e os troncos estavam carbonizados. Em vários pontos o pastor tentou entrar nas ruínas, porém as labaredas o impediram. Sob muitos escombros pessoas gritavam por socorro, mas ninguém as atendia; nesse dia os sobreviventes geralmente se limitavam a acudir os parentes ou vizinhos, pois não conseguiam compreender ou admitir a extensão do sofrimento. Os feridos se arrastavam, deixando os gritos para trás, e o Sr. Tanimoto corria sem parar. Como cristão, compadecia-se daqueles que estavam soterrados; como japonês, não suportava a vergonha de ter sido poupado. "Deus, ajude-os; salve-os do fogo", rezava.

Com a intenção de contornar os incêndios, voltou para a ponte Kannon e acompanhou durante algum tempo o curso de um dos rios. Pretendia enveredar por uma das ruas transversais, mas todas estavam bloqueadas; assim, dobrou à esquerda e rumou para Yokogawa, uma estação da linha férrea que rodeava a cidade num amplo semicírculo, e seguiu os trilhos até se deparar com um trem em chamas. A essa altura estava tão impressionado com a extensão dos estragos

que se dirigiu para o norte e correu mais de três quilômetros, até Gion, um subúrbio no sopé das montanhas. Durante todo o trajeto cruzou com criaturas horrivelmente queimadas e feridas; atormentado pelo sentimento de culpa, virava-se para a direita e para a esquerda e dizia a uns e outros: "Desculpe-me por não carregar um fardo igual ao seu". Perto de Gion, começou a encontrar camponeses que rumavam para a cidade, em busca de ajuda; ao vê-lo, alguns exclamavam: "Olhem! Ele não está ferido". Já em Gion tomou o caminho que levava à margem direita do Ota, o rio principal, e correu até esbarrar em outros incêndios. Como não havia fogo no lado oposto, tirou a camisa e os sapatos e mergulhou. No meio do rio, onde a correnteza era bastante forte, finalmente sucumbiu ao cansaço e ao medo—havia corrido quase onze quilômetros—e, largando o corpo, deixou-se levar pela água. "Por favor, meu Deus, ajude-me a atravessar", rezou. "Não faria sentido morrer afogado, já que sou o único que não está ferido". Então conseguiu dar mais umas braçadas e alcançou uma estreita ponta de terra que se projetava rio adentro.

O Sr. Tanimoto subiu na ponta de terra e andou até as imediações de um grande templo xintoísta, onde se defrontou com mais incêndios. Virou-se para a esquerda, com o propósito de contornar o fogo, e, graças a uma sorte inacreditável, deparou-se com sua esposa e o bebê. Estava tão esgotado emocionalmente que nada poderia surpreendê-lo. Em vez de abraçar a mulher, limitou-se a murmurar: "Oh, você se salvou". Ela lhe disse que, depois de pernoitar em Ushida, chegara em casa bem na hora da explosão; ficara soterrada sob os destroços da paróquia, com a menina nos braços. Contou-lhe que o bebê havia chorado muito. Contou-lhe também que vira uma réstia de luz e, erguendo a mão, conseguira ampliar a fresta, pouco a pouco. Cerca de meia hora depois, ouvira estalos de madeira queimando. Por fim alargara a abertura o bastante para empurrar a filha para fora e, ao cabo de mais algum esforço, também pudera emergir dentre os escombros. Agora estava voltando para Ushida. O Sr. Tanimoto declarou que queria ver a igreja e cuidar das pessoas da Associação do Bairro. E os dois partiram tão casualmente — e perplexos — quanto se encontraram.

Ao desviar do fogo, o reverendo fora ter à Praça de Armas do Leste, que, sendo uma "área segura", era agora o cenário de uma tétrica inspeção: fileiras e fileiras de queimados e feridos. "*Mizu, mizu!* Água, água!" os queimados gemiam. O Sr. Tanimoto achou uma bacia numa rua das proximidades, localizou uma torneira que ainda funcionava nas ruínas de uma casa e se pôs a levar água para os desconhecidos sofredores. Depois de ter dado de beber a uns trinta indivíduos, percebeu que estava se demorando demais. "Desculpem", disse para os que lhe estendiam as mãos e choravam de sede. "Preciso cuidar de muita gente". E afastou-se às pressas. Voltou para o rio, com a bacia na mão, e pulou para um banco de areia. Ali se deparou com centenas de pessoas tão gravemente feridas que não tinham condições de se levantar para afastar-se mais da cidade em chamas. Ao ver um homem de pé e ileso, a cantilena recomeçou: "*Mizu, mizu, mizu*". O reverendo não resistiu; serviu-lhes água do rio — o que foi um erro, pois se tratava de água salobra de maré. Dois ou três barcos transportavam

feridos do parque Asano para a margem oposta, e, quando um deles se acercou do banco de areia, o Sr. Tanimoto repetiu seu breve discurso de desculpa e saltou para dentro do bote, que o levou até o parque. Então encontrou alguns paroquianos da Associação do Bairro, que tinham ido para lá, seguindo suas instruções anteriores, e viu muitos conhecidos, entre os quais o padre Kleinsorge e os outros católicos. Contudo não localizou seu grande amigo Fukai. "Onde está Fukai-san?", perguntou.

"Não quis vir conosco", o padre Kleinsorge explicou. "Voltou para a cidade".

Quando escutou as vozes das outras vítimas presas entre os destroços da fundição, a srta. Sasaki se pôs a conversar com elas. Assim descobriu que sua vizinha mais próxima era uma colegial que fora convocada a prestar serviço na fábrica, e que declarou estar com a coluna quebrada. "Não consigo me mexer", a srta. Sasaki respondeu. "Perdi a perna esquerda".

Algum tempo depois ouviu alguém andando, bem acima de onde se achava; os passos se deslocaram para um lado, e quem estava sobre o entulho começou a cavar. Diversas pessoas foram resgatadas, entre elas a estudante, que, ao se ver livre dos escombros, constatou, afinal, que não tinha quebrado a coluna e rastejou para fora. A srta. Sasaki falou com o escavador, que imediatamente tratou de trabalhar para libertá-la, afastando uma grande quantidade de livros até abrir uma espécie de túnel. Seu rosto suado apareceu, e ele pediu: "Venha, senhorita". Ela tentou. "Não posso me mexer", explicou. O homem cavou um pouco mais e a aconselhou a usar todas as suas forças para sair dali. Então percebeu que os livros lhe pesavam nos quadris, suportando o peso de uma das estantes, que por sua vez era pressionada por uma robusta viga. "Espere", ele falou. "Vou procurar uma alavanca".

O homem se afastou e, ao retornar, muito tempo depois, mostrou-se irritado como se a srta. Sasaki tivesse culpa de estar naquela situação. "Não há ninguém para ajudar!" gritou. "Você vai ter de sair daí sozinha".

"É impossível. Minha perna esquerda..." Ele sumiu.

A srta. Sasaki esperou muito, até que vários homens a resgataram. Sua perna esquerda não fora decepada, porém estava quebrada, apresentava diversos cortes e pendia, torta, do joelho para baixo. Seus salvadores a levaram para um pátio. Chovia. Ela ficou sentada no chão. Quando a chuva se transformou num aguaceiro, alguém conduziu os feridos para os abrigos antiaéreos da fundição. "Venha", uma mulher a chamou. "Você consegue andar, pulando num pé só". Ela não se mexeu; continuou esperando, na chuva. Então um homem improvisou uma espécie de telheiro, com uma chapa de ferro ondulado, e, pegando a srta. Sasaki nos braços, levou-a para lá. Pouco depois transportou para esse abrigo duas criaturas horrivelmente mutiladas — uma mulher com um seio arrancado e um homem com o rosto em carne viva. Ninguém mais lhes deu atenção. A chuva parou, e um calor intenso se instalou na tarde nublada; antes do anoitecer

as três figuras grotescas abrigadas sob a chapa de ferro começaram a exalar um cheiro muito ruim.

O ex-presidente da Associação do Bairro de Nobori-cho, à qual os padres pertenciam, era um homem enérgico, chamado Yoshida. Quando estava encarregado da defesa anti-aérea, ele se gabara de que o fogo poderia consumir a cidade inteira, mas nunca chegaria a Nobori-cho. A bomba destruiu sua casa, e uma viga lhe imobilizou as pernas, bem diante dos jesuítas e das pessoas que corriam pela rua. Em sua confusão a Sra. Nakamura, com os filhos, e o padre Kleinsorge, com o Sr. Fukai nas costas, mal o viram; o Sr. Yoshida simplesmente fazia parte da desgraça geral que os rodeava. Seus gritos de socorro não tiveram resposta; havia tanta gente gritando por socorro que era impossível ouvir um indivíduo isolado. O pequeno grupo seguiu caminho, assim como os outros. Nobori-cho ficou absolutamente deserto, e o incêndio se alastrou. O Sr. Yoshida viu uma língua de fogo engolir a casa da missão — a única construção do bairro que se mantinha de pé — e sentiu um calor infernal queimando-lhe o rosto. Então as labaredas se propagaram para o lado oposto da rua e entraram em sua casa. Num paroxismo de força e pavor, ele se livrou da viga e correu pelas ruas, em meio ao fogo que, gabara-se, nunca chegaria a Nobori-cho. A partir desse momento passou a comportar-se como um velho; dois meses depois seu cabelo estava branco.

Enquanto o Dr. Fujii permanecia mergulhado no rio até o pescoço, para escapar do calor do fogo, o vento soprava cada vez mais forte e logo formou ondas tão altas, apesar da modesta extensão da água, que as pessoas refugiadas sob a ponte perderam o pé. O Dr. Fujii se acercou da margem, agachou-se e, com o braço válido, agarrou-se a uma pedra grande. Mais tarde, quando se tornou possível chapinhar pela borda do rio, dirigiu-se com suas duas enfermeiras sobreviventes a um banco de areia próximo ao parque Asano, uns 180 metros correnteza acima. Muitos feridos jaziam sobre a areia. O Dr. Machii estava ali, com a família; sua filha, que se achava fora da casa quando a bomba explodira, apresentava sérias queimaduras nas mãos e nas pernas, mas felizmente não no rosto. O Dr. Fujii examinou as queimaduras, embora o ombro lhe doesse muito, e se deitou. Apesar do sofrimento que o rodeava, envergonhou-se de sua aparência e comentou com seu colega que parecia um mendigo, com aqueles farrapos ensangüentados a que se reduzira sua roupa de baixo. Posteriormente, quando o fogo começou a diminuir, ele decidiu ir para a casa de seus pais, no bairro de Nagatsuka. Perguntou ao Dr. Machii se gostaria de acompanhá-lo, mas o outro lhe explicou que ia pernoitar ali mesmo, com a família, por causa do estado da filha. O Dr. Fujii foi com suas enfermeiras para Ushida, onde recuperou um material de primeiros socorros que deixara na casa de uns parentes, agora parcialmente arruinada. As enfermeiras cuidaram de seu ferimento, e ele também lhes aplicou curativos. Os três seguiram caminho. Agora não havia muita gente andando nas ruas, e sim uma grande quantidade de pessoas sentadas e estendidas no chão, vomitando, esperando o fim, mortas. O número de cadáveres no trajeto até Nagatsuka era cada vez mais impressionante. Uma cesta

de flores Molotov poderia ter provocado tudo aquilo?

Era noite quando o Dr. Fujii chegou a seu destino. A casa de seus pais se situava a oito quilômetros do centro da cidade, mas o telhado desabara e todas as janelas estavam quebradas.

Durante o dia inteiro cidadãos de Hiroshima foram ter ao parque Asano. Essa propriedade particular estava bastante longe da explosão para que seus bambus, pinheiros, loureiros e bordos ainda se mantivessem vivos, e seu verdor convidava os desabrigados — em parte porque eles acreditavam que, se os aviões americanos voltassem, bombardeariam somente edifícios; em parte porque a vegetação constituía um centro de frescor e vida, e os jardins caprichosamente ornados com pedras, com seus tanques tranqüilos e suas pontes em arcos, eram muito japoneses, normais e seguros; e também em parte (segundo alguns que estiveram lá) por causa de uma urgência irresistível, atávica, de esconder-se sob ramagens. A Sra. Nakamura e seus filhos foram dos primeiros a chegar e se instalaram no bambual perto do Kyo. Com uma sede terrível, tomaram água do rio. Imediatamente sentiram náusea e passaram o dia vomitando. Outras pessoas também estavam nauseadas; todas pensavam (provavelmente por causa do forte odor de ionização, um "cheiro elétrico" exalado pela fissão da bomba) que tinham se intoxicado com um gás lançado pelos americanos. Quando o padre Kleinsorge e seus colegas entraram no parque, cumprimentando os amigos com acenos, os Nakamura estavam doentes e prostrados. Uma mulher chamada Iwasaki, que morava nas proximidades da missão e estava sentada perto dos Nakamura, levantou-se e perguntou aos religiosos se podia permanecer ali ou se devia acompanhá-los. "Não sei qual é o lugar mais seguro", o padre Kleinsorge respondeu. Ela ficou no bambual e mais tarde morreu, naquele mesmo dia, embora não apresentasse ferimentos ou queimaduras visíveis. Os jesuítas caminharam pela margem do rio e se acomodaram mais ao longe. O superior LaSalle se estendeu na relva e adormeceu. O estudante de teologia, que calçava chinelos, levava uma trouxa de roupa, na qual colocara dois pares de sapatos de couro. Ao sentar-se com os outros, constatou que a trouxa se rompera e dois sapatos caíram, de modo que agora só lhe restavam dois pés esquerdos. O rapaz voltou sobre seus passos e achou um pé direito. "Engraçado, as coisas já não importam", comentou ao retornar para junto dos sacerdotes. "Ontem meus sapatos eram o que eu tinha de mais precioso. Hoje, não ligo. Um par é suficiente".

"Eu sei", o padre Cieslik concordou. "Comecei a carregar meus livros, mas então pensei que não é hora para livros".

Quando o Sr. Tanimoto chegou ao parque, ainda com a bacia na mão, o local estava apinhado de gente, e não era fácil distinguir entre os vivos e os mortos, pois a maioria das pessoas estava deitada de olhos abertos. Para o padre Kleinsorge, um ocidental, o silêncio no bambual perto do rio, onde centenas de feridos sofriam juntos, foi um dos fatos mais terríveis e espantosos de toda a sua experiência. Ninguém chorava e muito menos gritava de dor; ninguém se

queixava; ninguém agonizava ruidosamente; nem as crianças choravam; pouca gente sequer falava. E quando o jesuíta deu de beber a alguns infelizes cujos rostos estavam praticamente desfeitos em função das queimaduras, eles se soergueram e se inclinaram para lhe agradecer.

O Sr. Tanimoto cumprimentou os padres e olhou em torno, procurando outros amigos. Avistou a Sra. Matsumoto, esposa do diretor da Escola Metodista, e perguntou-lhe se estava com sede. Diante da resposta afirmativa, dirigiu-se a um dos tanques dos jardins ornados com pedras, encheu a bacia e levou água para ela. Depois resolveu tentar voltar para sua igreja. Refazendo o trajeto dos jesuítas em fuga, entrou no bairro de Nobori-cho, porém não foi muito longe; o fogo nas ruas era tão violento que o obrigou a recuar. Andou então até a beira do rio e se pôs a procurar um barco no qual pudesse transportar alguns feridos mais graves para longe do parque Asano e dos incêndios que se alastravam. Não tardou a encontrar, na margem, uma chalana de bom tamanho, que no entanto compunha um quadro pavoroso com cinco homens praticamente nus, medonhamente queimados, que deviam ter morrido mais ou menos no mesmo instante, pois suas posturas sugeriam que haviam unido esforços para empurrar a embarcação até o rio. O Sr. Tanimoto tratou de retirá-los dali e, enquanto o fazia, experimentou tamanho horror em perturbar os mortos — impedindo-os, pensou, de soltar as amarras e empreender sua última viagem — que falou, em voz alta: "Por favor, perdoem-me por me apoderar deste barco. Preciso dele para quem está vivo". A chalana era pesada, mas o reverendo conseguiu colocá-la na água. Não havia remos, e tudo o que ele achou para impulsiná-la foi uma grossa haste de bambu. Assim a conduziu correnteza acima, até a parte mais apinhada do parque. E começou a transportar os feridos. Podia levar dez ou doze de cada vez, porém no centro do rio, onde a profundidade não lhe permitia utilizar o bambu como propulsor, tinha de empregá-lo como remo e, conseqüentemente, demorava muito para realizar cada travessia. A essa atividade dedicou várias horas.

No início da tarde o fogo atingiu os bosques do parque Asano. O Sr. Tanimoto tomou conhecimento desse fato quando, ao retornar com a chalana, viu uma grande aglomeração na margem do Kyo. Assim que encostou a embarcação, subiu a barranca para averiguar o que estava acontecendo e, ao avistar as labaredas, gritou: "Todos os homens jovens que não estão muito feridos venham comigo!". O padre Kleinsorge conduziu o padre Schiffer e o superior LaSalle para perto do rio e, depois de pedir aos que ali se encontravam que os levassem até o outro lado, se o fogo se aproximasse muito, juntou-se aos voluntários do sr. Tanimoto. O pastor ordenou a alguns que saíssem à cata de baldes e bacias, e a outros que batessem na vegetação rasteira com suas próprias roupas, a fim de apagar as chamas; providenciados os utensílios necessários, organizou uma corrente a partir de um dos tanques dos jardins decorados com pedras. Por mais de duas horas a equipe lutou contra o fogo e pouco a pouco o extinguiu. Enquanto os voluntários trabalhavam, as pessoas amedrontadas se acercavam mais e mais do rio, empurrando alguns infelizes para dentro da água. Entre os que se afogaram dessa forma estavam a Sra. Matsumoto, da Escola

Metodista, e sua filha.

Quando voltou para a margem do Kyo, depois de combater o incêndio, o padre Kleinsorge encontrou o padre Schiffer ainda sangrando e terrivelmente pálido. Alguns japoneses se plantavam a seu redor e o olhavam. "É como se eu já estivesse morto", o padre Schiffer murmurou, com um leve sorriso. "Mas você ainda não morreu", o padre Kleinsorge replicou. Trazia consigo o estojo de primeiros socorros do Dr. Fujii e, tendo localizado o Dr. Kanda no meio da multidão, foi procurá-lo para lhe pedir que cuidasse dos cortes de seu colega. O Dr. Kanda vira sua esposa e sua filha mortas nas ruínas de seu hospital e agora estava sentado com a cabeça entre as mãos. "Não posso fazer nada", suspirou. O padre Kleinsorge enfaixou com mais ataduras a cabeça do padre Schiffer, conduziu-o a um lugar íngreme e acomodou-o de maneira que ficasse com a cabeça alta; assim, o sangramento logo diminuiu.

Foi mais ou menos nesse instante que se ouviu o ronco de aviões aproximando-se. Uma voz gritou, entre a multidão que estava perto da família Nakamura: "São os Grummans que vêm nos metralhar!". Um padeiro chamado Nakashima se levantou e ordenou: "Quem estiver usando qualquer coisa branca, tire-a!" A Sra. Nakamura tirou as blusas dos filhos e abriu o guarda-chuva para cobri-los. Muitas pessoas, inclusive as que tinham queimaduras graves, rastejaram para esconder-se sob os arbustos e ficaram lá, até que o ruído, evidentemente de um vôo de reconhecimento ou de aviões meteorológicos, se afastou.

Começou a chover. A Sra. Nakamura manteve as crianças sob o guarda-chuva. As gotas se tornavam anormalmente grandes, e alguém gritou: "Os americanos estão jogando gasolina! Vão atear fogo em nós!" (Esse alarme se devia a uma das teorias que circulavam pelo parque sobre a origem do incêndio generalizado: um único avião derramara gasolina na cidade e de algum modo a inflamara). Contudo as gotas eram de água e, enquanto caíam, o vento soprava cada vez mais forte; de repente — provavelmente por causa da tremenda convecção desencadeada pela cidade em chamas — um redemoinho percorreu o parque. Árvores imensas tombaram; árvores pequenas foram arrancadas do solo e alçaram vôo. Uma miscelânea de objetos chatos rodopiava no topo da espiral—peças de ferro usadas na construção de telhados, papéis, portas, esteiras. O padre Kleinsorge cobriu os olhos do padre Schiffer com um pano, para que o pobre homem não pensasse que estava ficando louco. A ventania empurrou a Sra. Murata, a governanta da missão, que estava sentada perto do rio, jogando-a ribanceira abaixo; ela foi parar num lugar raso e cheio de pedras, de onde saiu com os pés sangrando. O turbilhão se deslocou para o rio, onde formou uma tromba-d'água e por fim desapareceu.

Depois da tormenta, o Sr. Tanimoto retomou o transporte de feridos, e o padre Kleinsorge pediu ao estudante de teologia que cruzasse o Kyo e fosse até o Noviciado Jesuítico de Nagatsuka, a uns cinco quilômetros do centro de Hiroshima, buscar ajuda para o padre Schiffer e o superior LaSalle. O estudante embarcou na chalana e se afastou. O padre Kleinsorge perguntou à Sra.

Nakamura se gostaria de ir para Nagatsuka com os jesuítas. Ela respondeu que, como tinha alguma bagagem e os filhos estavam doentes — as crianças ainda vomitavam de quando em quando, assim como a mãe —, temia que não pudesse ir. O sacerdote argumentou que seus colegas do Noviciado poderiam retornar no dia seguinte com um carrinho de mão para levá-la.

Mais tarde, quando se deteve por um instante em terra firme, o Sr. Tanimoto, de cuja energia e iniciativa muitos dependiam, ouviu alguns infelizes implorando por comida. Consultou o padre Kleinsorge, e os dois decidiram ir buscar arroz nos abrigos da Associação do Bairro e da missão. O padre Cieslik e outros dois ou três homens os acompanharam. Ao enveredar por entre as fileiras de casas arrasadas, eles não sabiam onde estavam; a mudança era brusca demais: a cidade movimentada que naquela manhã tinha 245 mil habitantes agora não passava de um monte de ruínas. O asfalto ainda estava tão mole e quente, por causa dos incêndios, que era desconfortável caminhar. No trajeto os homens cruzaram com uma só criatura, uma mulher, que os informou: "Meu marido está ali, naquelas cinzas". O padre Kleinsorge esmoreceu ao deparar-se com a casa da missão destruída. Quando atravessou a horta, em direção ao abrigo, avistou uma abóbora tostada no pé. Provou-a, juntamente com o padre Cieslik e ambos a acharam boa. Surpresos com a própria fome, comeram um bocado. Depois pegaram vários sacos de arroz, colheram outras abóboras assadas, desenterraram algumas batatas que haviam cozinhado no solo e deram início à viagem de volta. O Sr. Tanimoto, que os deixara na missão, juntou-se a eles. Um integrante do grupo arranjara utensílios de cozinha. No parque o reverendo reuniu as mulheres de seu bairro que apresentavam ferimentos leves e as incumbiu de preparar a comida. O padre Kleinsorge ofereceu abóbora aos Nakamura, que, no entanto, não conseguiram manter o alimento no estômago. O arroz se revelou suficiente para matar a fome de quase cem indivíduos.

Pouco antes do anoitecer o Sr. Tanimoto encontrou sua vizinha, a Sra. Kamai, uma jovem de vinte anos, acorada no chão, com o corpo da filha nos braços. Evidentemente o bebê estava morto havia já muitas horas. A Sra. Kamai se levantou de um salto ao ver o reverendo e pediu: "O senhor poderia tentar localizar meu marido, por favor?".

O marido fora convocado no dia anterior, e o casal Tanimoto passara a tarde com a vizinha, esforçando-se para distraí-la. O Sr. Kamai se apresentara ao quartel regional do exército de Chugoku — próximo ao velho castelo, no centro da cidade —, onde cerca de 4 mil soldados estavam alojados. A julgar pelos muitos militares mutilados que vira durante o dia, o pastor deduziu que o quartel fora seriamente danificado pela coisa que atingira Hiroshima. Sabia que não havia possibilidade de encontrar o marido da jovem, ainda que o procurasse, mas quis animá-la. "Vou tentar", respondeu.

"O senhor precisa achá-lo", ela insistiu. "Ele amava tanto nossa filha! Quero que a veja mais uma vez".

3. INVESTIGAM-SE OS DETALHES

No dia da explosão, ao anoitecer, uma lancha da marinha japonesa percorreu lentamente os sete rios de Hiroshima, parando ali e acolá para transmitir um aviso — junto aos bancos de areia, onde centenas de feridos jaziam em meio à multidão; junto às pontes, onde outros tantos se aglomeravam; e por fim, quando escureceu, junto ao parque Asano. De pé na embarcação, um jovem oficial gritava, com a ajuda de um megafone: "Paciência! Um navio-hospital já vem cuidar de vocês!". O contraste da lancha em perfeita ordem com a devastação reinante no outro lado do rio, o jovem tranqüilo em seu uniforme impecável e principalmente a promessa de ajuda médica — a primeira palavra de socorro concreto que se ouvia depois de quase doze horas de horror — animaram muito as pessoas que se concentravam no parque. A Sra. Nakamura acomodou os filhos para passar a noite, certa de que logo um médico iria resolver seus transtornos. O Sr. Tanimoto reiniciou a travessia de feridos. O padre Kleinsorge se deitou, rezou um Pai-Nosso e uma Ave-Maria e adormeceu; todavia, mal fechou os olhos, a Sra. Murata, a conscienciosa governanta da missão, sacudiu-o para perguntar: "O senhor se esqueceu de rezar?". "Claro que não!" resmungou, mal-humorado, e tentou dormir de novo, porém não conseguiu. Aparentemente era isso mesmo que a Sra. Murata queria, pois começou a conversar com o exausto jesuíta. Entre outras coisas perguntou-lhe quando ele achava que os sacerdotes do Noviciado, aos quais enviara um mensageiro, à tarde, haveriam de aparecer para remover o superior LaSalle e o padre Schiffer.

O mensageiro do padre Kleinsorge — o estudante de teologia que morava na casa da missão — chegara ao Noviciado, nas colinas, às quatro e meia, depois de percorrer quase cinco quilômetros. Os dezesseis padres haviam trabalhado nos arredores da cidade, prestando serviços de resgate; estavam preocupados com seus colegas de Nobori-cho, mas não sabiam como nem onde procurá-los. Então improvisaram às pressas duas padiolas, com varas e tábuas, e seis deles acompanharam o estudante até a área devastada. Seguiram o curso do Ota, e por duas vezes o calor dos incêndios os obrigou a entrar na água. Na ponte Misasa cruzaram com uma longa fila de soldados que, numa bizarra marcha forçada, deixavam para trás o quartel regional do exército de Chugoku, no centro da cidade. Todos apresentavam queimaduras horrendas e se arrastavam com a ajuda de bastões ou apoiando-se uns nos outros. Cavalos doentes e queimados postavam-se na ponte, de cabeça baixa. Quando o grupo chegou ao parque, a noite havia caído e o emaranhado de árvores de todos os tamanhos, que o redemoinho derrubara, dificultava a caminhada. Por fim — pouco depois que a Sra. Murata formulara sua pergunta — os sacerdotes localizaram seus amigos e lhes serviram vinho e chá forte.

Então confabularam sobre a maneira como levariam o padre Schiffer e o superior LaSalle para o Noviciado. Temiam que, andando às cegas pelo parque,

acabassem por machucá-los nas macas de madeira e os fizessem perder muito sangue. O padre Kleinsorge resolveu chamar o Sr. Tanimoto. Quando encostou na margem, o reverendo disse que teria prazer em transportar os feridos e seus padioleiros até um ponto onde pudessem encontrar uma rua desobstruída. Os jesuítas colocaram o padre Schiffer numa das padiolas e a baixaram até a chalana, e dois deles o acompanharam. O Sr. Tanimoto, que continuava sem remos, impulsionou sua embarcação rio acima.

Cerca de meia hora mais tarde retornou e, muito agitado, pediu aos colegas católicos que o ajudassem a resgatar duas crianças que tinha visto mergulhadas no rio até os ombros. O grupo as recolheu — eram duas meninas que haviam perdido a família e estavam gravemente queimadas — e as deitou na relva, perto do padre Kleinsorge; então tratou de embarcar o superior LaSalle. Certo de que poderia caminhar até o Noviciado, o padre Cieslik também se instalou na chalana. O padre Kleinsorge estava muito fraco e decidiu esperar no parque até o dia seguinte. Pediu aos outros que, na volta, trouxessem um carrinho de mão para levar a Sra. Nakamura e seus filhos para o Noviciado.

O Sr. Tanimoto retomou sua navegação. Enquanto subiam o rio, lentamente, os religiosos ouviram pedidos de socorro. Uma voz de mulher se destacou dentre as demais: "A gente vai se afogar! Acudam-nos! A água está subindo!". A luz dos incêndios que se refletiam no rio os homens viram numerosos infelizes estendidos num banco de areia, já parcialmente submersos pela maré alta. O Sr. Tanimoto quis ajudá-los, mas, temendo que o padre Schiffer morresse, se não se apressassem, os jesuítas o demoveram. O reverendo os levou até o local onde havia deixado o padre Schiffer e voltou para o banco de areia.

A noite estava quente, e o calor parecia ainda mais intenso por causa dos incêndios, porém uma das meninas que os religiosos resgataram se queixou de frio. O padre Kleinsorge a cobriu com sua túnica. Com várias partes do corpo em carne viva — conseqüência de enormes queimaduras produzidas pela radiação térmica da explosão —, a menina ficara horas dentro do rio, com sua irmã mais velha, e a água salgada do Kyo seguramente lhe causara uma dor excruciante. Ela se pôs a tremer e novamente se queixou de frio. O padre Kleinsorge pediu um cobertor emprestado e a agasalhou, porém ela tiritava cada vez mais. "Estou com muito frio", disse. De repente parou de tremer e morreu.

Uns vinte homens e mulheres estavam no banco de areia. O Sr. Tanimoto aproximou-se e os convidou a embarcar. Eles não se mexeram: estavam fracos demais para se levantar. O pastor estendeu os braços e tentou puxar uma mulher pelas mãos, porém a pele se desprendeu como uma luva. Profundamente abalado, o Sr. Tanimoto teve de se sentar por um instante, ao fim do qual entrou na água e, embora fosse um homem miúdo, carregou vários feridos para a

chalana. Todos estavam nus e tinham as costas e o peito pegajosos, frios e úmidos. O reverendo se lembrou das grandes queimaduras que tinha visto durante o dia: amarelas a princípio, depois vermelhas e intumescidas, com a pele solta, e, à noite, supuradas e fétidas. Com a montante da maré a haste de bambu se tornara curta demais, e ele teve de usá-la como remo na maior parte da travessia. Chegando ao lado oposto, carregou os corpos viscosos ribanceira acima. E repetia para si mesmo, sem cessar: "São seres humanos". Precisou fazer três viagens para transportá-los até a barranca. Então resolveu descansar no parque.

Quando desembarcou na escuridão, tropeçou em alguém, que gritou, raivoso: "Tome cuidado! Você pisou em minha mão". Envergonhado por ter machucado uma pessoa que já estava ferida, constrangido por poder andar sem dificuldades, o Sr. Tanimoto pensou de repente no navio-hospital que não aparecera (nem apareceria) e sentiu muita raiva de sua tripulação e de todos os médicos. Por que não vinham acudir aquela gente?

O Dr. Fujii passou a noite deitado no chão da casa de sua família, na periferia da cidade, padecendo uma dor lancinante. Havia se examinado, à luz de uma lanterna, e constatara: fratura na clavícula esquerda; múltiplas escoriações e cortes no rosto e no corpo, inclusive talhos profundos no queixo, nas costas e nas pernas; contusões no peito e no tronco; e, possivelmente, fraturas em duas costelas. Se não estivesse tão mal, poderia ajudar a cuidar dos refugiados no parque Asano.

Ao cair da noite 10 mil vítimas da explosão se amontoavam no hospital da Cruz Vermelha, e o exausto Dr. Sasaki, ainda com os óculos que tirara da enfermeira ferida, andava aparvalhado pelos corredores fétidos, carregando rolos de ataduras e frascos de mercurocromo para tratar dos cortes mais graves. Outros médicos aplicavam compressas de água e sal nas queimaduras mais sérias. Era tudo que podiam fazer. Depois que anoiteceu, trabalharam à luz dos incêndios e das velas que as dez enfermeiras restantes seguravam. O Dr. Sasaki passara o dia inteiro sem sequer olhar para fora; o que via dentro do hospital era tão terrível que não lhe ocorrera perguntar nada sobre o que acontecera para além daquelas paredes. Tetos e divisórias tinham caído; reboco, pó, sangue e vômito se espalhavam por toda parte. Pessoas atingidas morriam às centenas, mas não havia ninguém para remover os corpos. Alguns funcionários do hospital distribuíam biscoitos e bolinhos de arroz, porém o cheiro da morte era tão intenso que pouca gente sentia fome. Às três da madrugada, depois de dezenove horas de atividade ininterrupta, o Dr. Sasaki já não era capaz de cuidar de ferimento nenhum. Assim, juntou-se a outros sobreviventes da equipe médica que, munidos de esteiras, deixaram o prédio — milhares de feridos e centenas de cadáveres jaziam no pátio e na entrada de veículos —, correram para trás do hospital e se deitaram para tirar um cochilo. Ao cabo de uma hora, no entanto, algumas vítimas da explosão os encontraram e os rodearam, reclamando: "Como os

senhores podem dormir? Ajudem-nos!". O Dr. Sasaki se levantou e retomou o trabalho. Ao amanhecer, pensou pela primeira vez em sua mãe, em sua casa em Mukaihara, a 48 quilômetros da cidade, para onde costumava voltar toda noite. E teve medo de que a mãe o considerasse morto.

Perto do lugar onde o Sr. Tanimoto deixara os jesuítas havia uma caixa grande, contendo bolos de arroz, que uma equipe de resgate evidentemente pretendia repartir entre os desabrigados, porém não o fizera. Antes de transportar os padres feridos para o Noviciado, seus colegas distribuíram alguns bolos e também se serviram à vontade. Não demorou muito para um grupo de soldados aparecer, e um oficial, ao ouvir os religiosos falando numa língua estrangeira, puxou a espada e histericamente os intimou a se identificarem. Um dos jesuítas o acalmou e explicou que eram alemães — aliados. O oficial pediu desculpas e informou que corria a notícia de que pára-quadristas americanos haviam pousado na região.

Os sacerdotes resolveram transportar primeiramente o padre Schiffer. Quando se preparavam para partir, o superior LaSalle disse que estava com muito frio. Um dos jesuítas lhe cedeu seu paletó e outro lhe entregou sua camisa; ambos ficaram contentes por se livrarem de parte da roupa, no mormaço da noite. Os padioleiros se puseram a caminho. O estudante de teologia os guiava, prevenindo-os sobre os obstáculos do trajeto, mas um deles tropeçou num fio telefônico. O padre Schiffer caiu da padiola, desmaiou, recobrou os sentidos e vomitou. Os padioleiros o acomodaram novamente, carregaram-no até a periferia da cidade, onde o deixaram com outros padres que já os esperavam, conforme haviam combinado, e voltaram sobre seus passos para buscar o superior LaSalle.

Com muitos estilhaços de vidro cravados nas costas, o superior LaSalle deve ter penado muito na maca de madeira. Perto do limite de Hiroshima, o grupo teve de contornar um automóvel incendiado e agachar-se para transpor uma passagem estreita; sem enxergar nada na escuridão, dois padioleiros caíram numa vala. O superior LaSalle se estatelou no chão, e a maca se partiu em dois pedaços. Um dos sacerdotes decidiu ir até o Noviciado buscar um carrinho de mão, mas logo encontrou o que queria numa casa abandonada. Seus companheiros instalaram o superior no carrinho e assim cobriram o restante do trajeto. O reitor do Noviciado, que exercera a medicina antes de se ordenar, tratou os ferimentos dos dois padres e colocou-os na cama, entre lençóis limpos, e eles agradeceram a Deus pelos cuidados que receberam.

Milhares de pessoas não tinham ninguém para ajudá-las. A srta. Sasaki era uma delas. Incapaz de se mover, abandonada no tosco telheiro do pátio da fundição, ao lado da mulher que perdera um seio e do homem cujo rosto queimado praticamente se desfizera, ela sofreu a noite inteira, com uma dor horrível na perna quebrada. Não dormiu nem um instante, e tampouco conversou com seus companheiros insones.

No parque a Sra. Murata manteve o padre Kleinsorge acordado a noite inteira, falando sem parar. Os Nakamura também não pregaram olhos; apesar de muito doentes, as crianças estavam interessadas em tudo que ocorria. Empolgaram-se quando um dos reservatórios de gás da cidade explodiu. Toshio, o menino, chamou a atenção dos outros para o reflexo das labaredas na água. Depois de muitas horas de trabalho, resgatando vítimas, o Sr. Tanimoto cochilou. Quando despertou, à primeira claridade da manhã, olhou para o outro lado do rio e constatou que, na véspera, não havia colocado os feridos e mutilados num local bastante alto. A maré subira até onde os deixara, e os infelizes não tiveram forças para se mover; certamente se afogaram. Muitos cadáveres boiavam no Kyô.

Na manhã de 7 de agosto a rádio japonesa transmitiu, pela primeira vez, um sucinto comunicado que pouquíssimas (ou nenhuma) das pessoas diretamente interessadas — os sobreviventes da explosão — puderam ouvir: "Hiroshima sofreu danos consideráveis, em função de um ataque de alguns B-29. Acredita-se que se utilizou um novo tipo de bomba. Investigam-se os detalhes". Tampouco é provável que algum sobrevivente tenha escutado uma retransmissão em ondas curtas de um extraordinário pronunciamento do presidente dos Estados Unidos, que identificou a nova bomba como atômica: "Essa bomba era mais potente que 20 mil toneladas de TNT. Tinha um poder explosivo 2 mil vezes maior que o da Grand Slam britânica, a maior bomba já utilizada na história da guerra". As vítimas que tinham condições de se preocupar com o que acontecera imaginaram a causa da catástrofe em termos mais primitivos e infantis— gasolina lançada de um avião, talvez, ou gás combustível, ou um bando de incendiários, ou obra de pára-que-distas. Ainda que soubessem a verdade, a maioria estava atarefada demais, cansada demais ou ferida demais para se importar com o fato de que tinham sido objeto da primeira grande experiência com o emprego de energia atômica que (como apregoavam as vozes em ondas curtas) só os Estados Unidos, com seu *know-how* industrial e sua disposição de arriscar 2 bilhões de dólares num importante jogo de guerra, poderiam ter realizado.

O Sr. Tanimoto ainda estava furioso com os médicos. Decidiu ir pessoalmente buscar um — pelo cangote, se necessário fosse — para atender os feridos do parque Asano. Assim, cruzou o rio, passou pelo templo xintoísta onde encontrara sua esposa, na véspera, e caminhou até a Praça de Armas do Leste. Pensava que o local deveria abrigar um posto de saúde, já que fazia muito tempo que fora escolhido para servir de "área segura". E realmente abrigava, porém a unidade do exército responsável pelo atendimento estava sobrecarregada com milhares de pacientes, que se espalhavam pelo campo, entre cadáveres. Mesmo assim, o reverendo interpelou um dos médicos, num tom de recriminação: "Por que não vão para o parque Asano? Precisam muito dos senhores por lá".

Sem ao menos lhe dirigir um olhar, o doutor respondeu numa voz cansada: "Este é meu posto".

"Mas muitas pessoas estão morrendo lá na beira do rio". "O primeiro dever é cuidar dos que apresentam lesões leves", o médico explicou.

"Por que... quando há tantos feridos graves na beira do rio?"

O doutor se pôs a cuidar de outro doente. "Numa emergência como esta, a primeira obrigação é socorrer o maior número possível — salvar o maior número de vidas possível", respondeu, como se recitasse uma lição. "Não há esperança para os pacientes graves. Eles vão morrer. Não podemos perder tempo com eles".

"Pode ser certo do ponto de vista médico...", o Sr. Tanimoto começou, mas, ao estender os olhos pelo campo, onde muitos mortos jaziam ao lado daqueles que ainda viviam, virou as costas e se afastou, sem terminar a frase. Agora estava furioso consigo mesmo. Não sabia o que fazer; prometera assistência médica a uns moribundos que estavam no parque e não queria que eles morressem com a sensação de ter sido enganados. Então se deparou com um posto de provisões e suplicou uma porção de bolos de arroz e biscoitos — foi o que levou para o parque, em vez de médicos.

A manhã estava quente, mais uma vez. Com uma garrafa e uma chaleira que pedira emprestada, o padre Kleinsorge foi buscar água para os feridos. Ouvira dizer que poderia obter água fresca fora do parque Asano. Para atravessar os jardins decorados com pedras, teve de pular por cima de troncos caídos e rastejar sob pinheiros derrubados, e percebeu que estava fraco. Muitos mortos jaziam nos jardins. Numa bela ponte em forma de arco passou por uma mulher nua, que, embora tivesse o corpo inteiramente queimado e vermelho, dos pés à cabeça, ainda estava viva. Um médico trabalhava perto da entrada do parque, mas o único remédio de que dispunha era iodo, que aplicava em cortes, escoriações, queimaduras — tudo —, e agora tudo que ele pincelava tinha pus. Do outro lado do portão havia uma torneira que ainda funcionava — parte do encanamento de uma casa destruída —; o padre Kleinsorge encheu seus recipientes e voltou. Depois que deu de beber aos feridos, fez mais uma viagem. Dessa vez a mulher na ponte estava morta. Quando retornava com a água, o jesuíta se perdeu, ao desviar de um tronco caído, e, enquanto procurava o caminho, ouviu uma voz, perguntando entre os arbustos: "O senhor tem alguma coisa para beber?". O padre viu um uniforme. Julgando tratar-se de um soldado, aproximou-se, mas, ao penetrar na vegetação, deparou com uns vinte homens, todos no mesmo estado horripilante: o rosto inteiramente queimado, as órbitas vazias, as faces marcadas pelo líquido que escorrera das córneas derretidas. (Deviam estar olhando para cima, quando a bomba explodiu; talvez pertencessem à defesa antiaérea.) Sua boca se reduzira a uma chaga intumescida e coberta de pus, e eles não podiam juntar os lábios para receber o bico da chaleira. O padre Kleinsorge utilizou uma haste de grama como canudinho e dessa maneira lhes aliviou a sede. "Não enxergo nada", um deles falou. "Há um médico na entrada do parque", o jesuíta informou, no tom mais animador que conseguiu imprimir à voz. "Ele está ocupado no momento, mas

logo há de vir cuidar de seus olhos, espero".

A partir desse dia o padre Kleinsorge se pôs a pensar como era fraco diante da dor, como ficava zozzo ao ver uma pessoa com o dedo cortado. Todavia, lá no parque, estava tão entorpecido que, tão logo se afastou daquela cena pavorosa, parou junto a um tanque e conversou com um ferido sobre a possibilidade de comer as carpas gordas que boiavam, mortas, na superfície da água. Depois de trocar idéias, os dois concluíram que não seria prudente.

O padre Kleinsorge encheu seus recipientes pela terceira vez e voltou para a margem do rio. Entre mortos e moribundos viu uma jovem que, munida de agulha e linha, costurava um pequeno rasgo em seu quimono. "Mas que elegância!", comentou, brincando. Ela sorriu.

Cansado como estava, o sacerdote se deitou na relva e puxou conversa com duas crianças que conhecera naquela tarde. Soube então que se chamavam Kataoka e que a menina tinha treze anos e o menino, cinco. A menina ia cortar o cabelo, no momento da explosão. Quando a família se dirigia ao parque Asano, a mãe resolveu voltar para buscar comida e roupas; as crianças se perderam em meio à multidão e não as viram mais. Às vezes interrompiam repentinamente suas animadas brincadeiras e se punham a chorar pela mãe.

Era difícil para as crianças se manterem conscientes da tragédia. Ao avistar seu amigo Seichi Sato num barco, subindo o rio com a família, Toshio Nakamura se empolgou e correu para a beira da barranca. "Sato! Sato!" gritou, acenando com a mão.

O outro menino virou a cabeça e perguntou, aos berros: "Quem é você?".

"Nakamura".

"Olá, Toshio!".

"Está tudo bem com você?".

"Está. E com você?".

"Também. Minhas irmãs não param de vomitar, mas eu estou ótimo".

O padre Kleinsorge estava com sede, por causa do calor intenso, mas não tinha forças para ir buscar água. Pouco antes do meio-dia viu uma japonesa distribuindo alguma coisa. Logo ela se aproximou e lhe disse amavelmente: "Folhas de chá. Masque algumas, rapaz, e não terá sede". A gentileza da mulher deu-lhe vontade de chorar. Havia semanas que se sentia oprimido pelo ódio aos estrangeiros, cada vez mais manifesto, e nem mesmo na companhia de seus amigos japoneses conseguia se livrar da sensação de desconforto. O gesto da desconhecida o comoveu.

Por volta do meio-dia os padres retornaram com o carrinho de mão. Tinham passado pela casa da missão para pegar umas malas que estavam guardadas no abrigo antiaéreo e os objetos litúrgicos que se encontravam entre as cinzas da capela. Agora colocaram no carrinho a mala do padre Kleinsorge, os pertences da Sra. Murata e da família Nakamura e as duas meninas da viúva, e se prepararam para partir. Revelando espírito prático, um deles lembrou que,

algum tempo antes, haviam sido informados de que, se o inimigo danificasse suas propriedades, poderiam requerer indenização junto à polícia local. Os religiosos discutiram o assunto, entre os feridos que os rodeavam tão silenciosos quanto os mortos, e decidiram que, como ex-residente da missão destruída, o padre Kleinsorge era quem devia apresentar o requerimento. Assim, enquanto os outros se afastaram com o carrinho, o padre Kleinsorge se despediu das crianças Kataoka e se arrastou até uma delegacia. Policiais de uniforme limpo, procedentes de outra cidade, atendiam uma multidão de cidadãos sujos e desalinhados que se apinhavam a seu redor, a maioria procurando parentes desaparecidos. O jesuíta preencheu um formulário e rumou para Nagat-suka, passando pelo centro. Só então se deu conta da extensão do estrago; percorreu quarteirões e quarteirões em ruínas e, mesmo depois de tudo que vira no parque, ficou abismado. Quando chegou ao Noviciado, estava exausto. A última coisa que fez, ao cair na cama, foi pedir que alguém fosse buscar as crianças Kataoka.

A srta. Sasaki ficou dois dias e duas noites sob o telheiro improvisado, com seus lastimáveis companheiros. Sua única distração consistia em observar os homens que iam até os abrigos antiaéreos da fundição para remover cadáveres com a ajuda de cordas. Sua perna quebrada estava sem cor, inchada e pútrida. Durante esse tempo todo a srta. Sasaki não ingeriu alimento nem água. No terceiro dia, 8 de agosto, uns amigos que a julgavam morta foram procurar seu corpo e a encontraram. Contaram-lhe que seus pais e seu irmãozinho, que no momento da explosão estavam no hospital pediátrico Tamura, certamente haviam morrido, pois o prédio fora arrasado. Depois de lhe darem essa notícia, seus amigos se afastaram. Mais tarde uns homens a pegaram pelos braços e pelas pernas e a carregaram até um caminhão, estacionado à distância...O caminhão sacolejou durante cerca de uma hora, e a srta. Sasaki descobriu que não se tornara insensível à dor, como chegara a pensar. Os homens a deixaram no posto de saúde do bairro de Inokuchi, onde dois médicos do exército a examinaram. Quando um deles tocou seu ferimento, a srta. Sasaki desmaiou. Recuperou a consciência a tempo de ouvi-los discutir se lhe cortavam a perna ou não; um argumentava que a paciente morreria, se não procedessem à amputação, pois as bordas do ferimento haviam gangrenado; o outro alegava que não dispunham do equipamento necessário para esse tipo de intervenção. Ela desmaiou de novo. Quando voltou a si estava numa padiola, sendo conduzida para uma lancha, que a transportou para a ilha de Ninoshima, onde a levaram para um hospital militar. O doutor que a examinou disse que não se tratava de gangrena, e sim de uma feia fratura exposta. Acrescentou friamente que sentia muito, mas aquele era um hospital só para casos cirúrgicos e, como ela não tinha gangrena, devia retornar a Hiroshima. Antes de despachá-la, porém, tomou-lhe a temperatura e, face ao que leu no termômetro, resolveu deixá-la ficar.

Naquele dia, 8 de agosto, o padre Cieslik foi à cidade procurar o Senhor

Fukai, o secretário japonês da diocese, que o padre Kleinsorge carregara nas costas e que voltara correndo para a cidade em chamas. O sacerdote iniciou sua busca nas proximidades da ponte Sakai, onde seus colegas tinham visto o homenzinho pela última vez; prosseguiu na Praça de Armas do Leste, a "área segura", para onde ele talvez tivesse ido, porém não o encontrou entre os mortos e feridos; por fim, perguntou aos policiais do distrito. Não achou vestígio do secretário. À noite, no Noviciado, o estudante de teologia, que dividira um quarto com o Sr. Fukai na casa da missão, contou aos padres que durante um alarme antiaéreo, dias antes da explosão, o secretário lhe dissera: "O Japão está morrendo. Se Hiroshima for realmente bombardeada, quero morrer com nosso país". Os jesuítas concluíram que o Sr. Fukai tinha retornado à cidade a fim de se imolar nos incêndios. Nunca mais o viram.

* * *

No hospital da Cruz Vermelha o Dr. Sasaki trabalhou por três dias seguidos com apenas uma hora de sono. No segundo dia começou a suturar os cortes mais graves, e ao longo de mais de trinta horas não fez outra coisa senão dar pontos. Muitos ferimentos haviam infeccionado. Felizmente alguém encontrara um estoque intacto de *narucopon*, um sedativo japonês, e assim o médico aliviou a dor de numerosos pacientes. Seus colegas diziam que a grande bomba devia ter algo estranho, pois no segundo dia o vice-diretor do hospital desceu ao porão onde se guardavam as chapas de raio X e constatou que todo o estoque havia sido exposto à luz. Ainda no segundo dia um médico e dez enfermeiras vieram da cidade de Yamaguchi, trazendo ataduras e anti-sépticos extras; no terceiro dia mais um médico e uma dúzia de enfermeiras chegaram de Matsue; mesmo assim havia apenas oito médicos para 10 mil pacientes. Na tarde do terceiro dia, exausto de tanto suturar, obcecado pela idéia de que sua mãe o julgava morto, o Dr. Sasaki pediu permissão para ir a Mukaihara. Caminhou pelos subúrbios até o local onde o serviço de trem elétrico ainda estava funcionando e chegou em casa à noite. A mãe sabia que ele estava bem, pois uma enfermeira ferida passara ali para contar-lhe. O jovem cirurgião se deitou e dormiu dezesete horas.

No dia 8 de agosto, antes do amanhecer, alguém entrou no quarto do Noviciado onde o padre Kleinsorge dormia, e acendeu a lâmpada que pendia do teto. A súbita claridade fez o jesuíta pular da cama, pronto para receber um novo choque. Quando entendeu o que havia acontecido, ele riu, envergonhado, e voltou para a cama, onde permaneceu até a manhã seguinte.

No dia 9 de agosto ainda estava cansado. O reitor examinou seus cortes e declarou que não era preciso enfaixá-los; bastava mantê-los limpos, e em três ou quatro dias se fechariam. O padre Kleinsorge estava inquieto; ainda não compreendia o que tinha vivido; como se fosse culpado de algo terrível, sentiu necessidade de voltar à cena da violência que experimentara. Levantou-se e saiu, rumando para a cidade. Escavou as ruínas da casa da missão por algum tempo, mas nada encontrou. Foi aos locais onde existiam escolas e perguntou por pessoas

que conhecia. Procurou alguns japoneses católicos, porém só se deparou com casas arrasadas. Retornou ao Noviciado, estupefato e sem nenhum dado novo que contribuisse para seu entendimento.

Na manhã de 9 de agosto, às onze horas e dois minutos, a segunda bomba atômica foi lançada sobre Nagasaki. Os sobreviventes de Hiroshima demoraram alguns dias para tomar conhecimento do fato, pois a rádio e a imprensa japonesas estavam sendo extremamente cautelosas em relação à estranha arma.

No dia 9 de agosto o Sr. Tanimoto ainda estava trabalhando no parque. Foi até o bairro de Ushida, onde sua mulher se encontrava em casa de amigos, e pegou uma barraca que havia guardado ali, antes da explosão. Levou-a para o parque e montou-a para abrigar algumas vítimas que não podiam se mexer nem ser removidas. O tempo todo sentiu-se observado pela Sra. Kamai, sua ex-vizinha de vinte anos, que vira no dia da bomba, com a filha morta nos braços. Ela ainda a segurava, quatro dias depois, apesar do mau cheiro que o pequeno cadáver exalava. Então o reverendo sentou-se a seu lado, e ela lhe contou que ficara soterrada sob sua casa, com o bebê nas costas, e que, quando se libertou dos destroços, constatou que a menina estava sufocando, com a boca cheia de poeira. Cuidadosamente limpou a poeira, com o dedo mínimo; a criança respirou durante algum tempo sem dificuldade e parecia bem, mas de repente falecera. A jovem também falou sobre seu marido, um bom homem, e novamente lhe pediu que o procurasse. Tendo atravessado a cidade inteira no primeiro dia e visto por toda parte soldados terrivelmente queimados, procedentes do quartel-general do exército de Chugoku, onde o Sr. Kamai se apresentara, o Sr. Tanimoto sabia que era impossível achá-lo, mas evidentemente não disse isso à ex-vizinha. Sempre que o via, ela lhe perguntava se localizara seu marido. Uma vez ele tentou insinuar que talvez estivesse na hora de cremar o bebê, porém a Sra. Kamai apenas apertou a criança com mais força. O reverendo passou a manter distância da jovem, mas, sempre que olhava para ela, encontrava seu olhar fixo nele, formulando mudamente a mesma pergunta. Para escapar desse olhar, dava-lhe as costas o máximo de tempo possível.

Os jesuítas acomodaram cerca de cinqüenta refugiados na capela do Noviciado. O reitor lhes dispensou todos os cuidados médicos de que dispunha — e que em geral se resumiam à limpeza do pus. Cada integrante da família Nakamura ganhou um cobertor e um mosquiteiro. A Sra. Nakamura e sua caçula não tinham apetite e nada comeram; o menino e a outra filha devoraram — e vomitaram todas as refeições que lhes serviram. No dia 10 de agosto a Sra. Osaki, amiga da família, foi visitá-los e lhes contou que seu filho Hideo morreria queimado na fábrica onde trabalhava. Toshio venerava Hideo como uma espécie de herói e com freqüência ia até a fábrica só para vê-lo operar sua máquina. Naquela noite acordou gritando. Sonhara que tinha visto primeiramente a família Osaki, saindo de um buraco no chão, e depois Hideo, manejando sua grande

máquina, provida de uma correia giratória; ele mesmo estava ao lado do rapaz e por algum motivo se apavorara.

No dia 10 de agosto, tendo tomado conhecimento de que o Dr. Fujii estava ferido e se instalara na casa de veraneio de um amigo chamado Okuma, no vilarejo de Fukawa, o padre Kleinsorge pediu ao padre Cieslik que fosse até lá informar-se sobre o estado do médico. O padre Cieslik se dirigiu à estação de Misasa, nos arredores de Hiroshima, viajou por vinte minutos num trem elétrico e depois andou por uma hora e meia, sob um sol escaldante, até a casa do Sr. Okuma, situada à margem do rio Ota no sopé de uma montanha. Encontrou o Dr. Fujii de quimono, sentado numa cadeira, aplicando compressas na clavícula fraturada. O médico lhe contou que perdera os óculos e que a vista o incomodava. Mostrou-lhe as grandes marcas azuis e verdes deixadas pelas vigas que o imprensaram. Ofereceu-lhe cigarro e uísque, apesar de ser apenas onze horas da manhã. Com a intenção de agradá-lo, o jesuíta aceitou. Uma empregada serviu uísque Suntory, e o padre, o médico e o anfitrião entabularam uma agradável conversa. O Sr. Okuma tinha morado no Havai e contou-lhes algumas coisas sobre os americanos. O Dr. Fujii falou um pouco sobre o desastre. Disse que o Sr. Okuma e uma enfermeira haviam ido até os escombros de seu hospital e trazido um pequeno cofre que ele guardara em seu abrigo antiaéreo e que continha alguns instrumentos cirúrgicos; deu umas tesouras e umas pinças ao padre Cieslik, recomendando-lhe que as entregasse ao reitor do Noviciado. O sacerdote estava ansioso para falar sobre o mistério da bomba, porém se controlou até que o assunto surgiu naturalmente. Então revelou que sabia de que tipo de arma se tratava; uma autoridade inquestionável — um jornalista japonês que estivera no Noviciado — confiara-lhe o segredo. Não se tratava de bomba nenhuma, e sim de uma espécie de pó de magnésio que fora despejado sobre toda a cidade por um único avião e explodira ao entrar em contato com a rede elétrica. Plenamente satisfeito, pois um jornalista fornecera a informação, o Dr. Fujii deduziu: "Isso significa que o tal pó só pode ser lançado sobre cidades grandes e apenas durante o dia, quando o sistema de bondes e outras coisas estão em funcionamento".

Depois de passar cinco dias assistindo aos feridos do parque, em 11 de agosto o Sr. Tanimoto retornou a seu presbitério e escavou as ruínas. Resgatou alguns diários e registros paroquiais, que estavam queimados só nas bordas, bem como alguns utensílios de cozinha e peças de louça. Enquanto trabalhava, a srta. Tanaka se aproximou e comunicou-lhe que o pai dela queria vê-lo. O Sr. Tanimoto tinha motivo para odiar esse homem, o oficial reformado da companhia de navegação, que, embora praticasse a caridade ostensivamente, era egoísta e cruel e dias antes denunciara o reverendo a diversas pessoas como um espião a serviço dos americanos. Várias vezes caçoara do cristianismo, que classificava de não-japonês. No momento da explosão caminhava pela rua, em frente à estação de rádio local, e, apesar de sofrer graves queimaduras

produzidas pela radiação térmica, conseguira voltar para casa. Refugiou-se no abrigo da Associação do Bairro e mandou chamar um médico. Esperava que todos os médicos de Hiroshima fossem acudí-lo, por ser tão rico e famoso por suas doações em dinheiro. Nenhum deles apareceu, e o Sr. Tanaka resolveu procurá-los; apoiando-se no braço da filha, arrastou-se de um hospital a outro, mas, como todos estavam em ruínas, retornou ao abrigo e se deitou. Agora se sentia muito fraco e sabia que ia morrer. Queria receber o conforto de alguma religião.

O Sr. Tanimoto foi confortá-lo. Entrou no abrigo, que mais parecia um túmulo, e, quando sua vista se acostumou com a penumbra, viu o Sr. Tanaka, o rosto e os braços intumescidos e cobertos de pus e sangue, os olhos fechados pelo inchaço. O velho cheirava muito mal e gemia sem parar. Aparentemente reconheceu a voz do pastor. De pé na escada, onde havia alguma claridade, o Sr. Tanimoto leu um trecho de sua Bíblia de bolso, em japonês: "Pois mil anos são, a teus olhos, como o dia de ontem, que passou, e como uma vigília da noite. Carregas os filhos dos homens como numa enxurrada; eles são como o sono; pela manhã são como a erva que cresce. Pela manhã [a erva] viceja e cresce; à noite é cortada e seca. Pois somos consumidos por tua cólera e por tua ira somos turbados. Colocaste nossas iniquidades diante de ti, nossos pecados secretos à luz de tua face. Pois todos os nossos dias se extinguíram em tua ira: findamos nossos anos como uma história que é contada [...]".^[2]

O Sr. Tanaka faleceu enquanto o Sr. Tanimoto lia o salmo.

No dia 11 de agosto o Hospital Militar de Ninoshima recebeu a informação de que um grande número de vítimas do quartel regional do exército de Chugoku estava para desembarcar na ilha e era preciso remover todos os pacientes civis. A srta. Sasaki, que ainda apresentava uma febre assustadoramente alta, foi levada para um navio, onde a acomodaram no convés, com um travesseiro sob a perna. Havia diversos toldos no convés, mas em função do curso do navio ela ficou exposta ao sol. Sua sensação era de que uma lente de aumento amplificava os raios solares. Seu ferimento purgava, e logo o pus cobriu o travesseiro. Em Hatsukaichi, uma cidade situada alguns quilômetros a sudoeste de Hiroshima, desembarcaram-na e a transportaram para a escola primária Deusa da Misericórdia, convertida em hospital. Ali ficou vários dias, até que um especialista em fraturas chegou de Kobe. Sua perna estava vermelha e inchada até o quadril. O médico concluiu que não podia resolver o problema; limitou-se a fazer uma incisão e aplicar um tubo de borracha para drenar o pus.

No Noviciado as crianças Kataoka estavam inconsoláveis. O padre Cieslik se esforçou para distraí-las. Propôs-lhes adivinhas. "Qual é o bicho mais inteligente do mundo?", perguntou-lhes. A menina de treze anos arriscou três possibilidades: o macaco, o elefante, o cavalo. O jesuita respondeu que só podia ser o hipopótamo, pois em japonês o nome desse animal é *kaba*, o contrário de

baka, "burro". Contou histórias da Bíblia, começando pela Criação. Mostrou-lhes um álbum de recortes com fotos tiradas na Europa. Mesmo assim elas choraram pela mãe a maior parte do tempo.

Dias mais tarde o padre Cieslik se pôs a procurar a família das crianças. Primeiro descobriu, na polícia, que um tio buscara informações sobre o paradeiro delas junto às autoridades de Kure, cidade não muito distante. Em seguida soube que um irmão mais velho vinha tentando localizá-las através do correio de Ujina, um bairro de Hiroshima. Depois tomou conhecimento de que a mãe estava viva, na ilha de Goto, ao largo de Nagasaki. E por fim, sempre consultando o correio de Ujina, fez contato com o irmão e encaminhou as crianças para a mãe.

Cerca de uma semana após a explosão, uma história incompreensível começou a circular por Hiroshima: a cidade fora destruída pela energia liberada quando átomos se partiram ao meio. A arma recebeu o nome de *genshi bakudan*—os caracteres básicos do que se pode traduzir como "bomba da criança primordial". Ninguém entendeu nada, nem deu mais crédito a essa explicação do que às do magnésio em pó e coisas do mesmo teor. Jornais de outras cidades chegavam a Hiroshima, porém ainda se limitavam a declarações genéricas, como a que a agência de notícias Domei divulgou em 12 de agosto: "Não há nada a fazer, senão admitir o tremendo poder dessa bomba inumana". Físicos japoneses já se encontravam na cidade, com eletroscópios de Lauritsen e eletrômetros de Neher; eles entenderam bem a história.

Em 12 de agosto os Nakamura, ainda doentes, foram para Kabe, onde se instalaram em casa de uma cunhada da viúva. No dia seguinte, embora estivesse muito mal, a Sra. Nakamura tomou o trem elétrico, desceu nos arredores de Hiroshima e dali para a frente caminhou. A semana inteira, no Noviciado, preocupara-se com sua mãe, seu irmão e sua irmã mais velha, que moravam no bairro de Fukuro; ademais, sentia-se impelida por uma espécie de fascínio, como o padre Kleinsorge. Descobriu que sua família morrera. Retornou a Kabe tão atônita e deprimida pelo que tinha visto e sabido na cidade que, naquela noite, não conseguiu falar.

Uma relativa ordem começou a estabelecer-se no hospital da Cruz Vermelha. O Dr. Sasaki, já descansado, incumbiu-se de classificar seus pacientes (que ainda se espalhavam por toda parte, até nas escadas). Pouco a pouco os funcionários removeram os destroços. As enfermeiras e os atendentes passaram a retirar os cadáveres. Cremar os mortos e guardar as cinzas representa, para os japoneses, uma responsabilidade moral maior que os cuidados para com os vivos. Os parentes identificaram a maioria dos que morreram no primeiro dia dentro e em torno do hospital. A partir do segundo dia, sempre que um paciente

parecia agonizante, prendia-se a sua roupa um papel com seu nome. Os carregadores levavam os corpos para uma clareira e os queimavam nas piras que montavam com madeiras das casas destruídas; depois colocavam as cinzas em envelopes originalmente destinados às chapas de raio X, que marcavam com os nomes dos falecidos e empilhavam, em ordem e com respeito, nas estantes do escritório central. Em poucos dias os envelopes encheram todo um lado desse santuário improvisado.

Em Kabe, na manhã de 15 de agosto, Toshio Nakamura ouviu o ronco de um avião que sobrevoava a cidade. Correu para fora e, com olho de profissional, identificou-o como um B-29. "Lá vai o senhor B!", gritou.

"Você não acha que chega de senhor B?", um de seus parentes perguntou.

Havia uma espécie de simbolismo na pergunta. Praticamente naquele instante o rádio transmitia, pela primeira vez na história, a voz triste e desanimada do imperador Hirohito, o Tenno: "Depois de refletir profundamente sobre os rumos gerais do mundo e as condições vigentes hoje em Nosso Império, decidimos lançar mão de uma medida extraordinária para resolver a situação atual [...]".

A Sra. Nakamura tinha ido novamente à cidade, dessa vez para buscar parte do arroz que enterrara no abrigo antiaéreo da Associação do Bairro. Estava voltando para Kabe, no trem elétrico, quando encontrou, por mero acaso, sua irmã caçula, que não estava em Hiroshima no dia da explosão. "Já soube da novidade?" sua irmã perguntou.

"Que novidade?"

"A guerra acabou".

"Não diga bobagem".

"Mas eu ouvi no rádio", a outra insistiu, acrescentando, num sussurro: "Era a voz do imperador".

"Oh!" a sra. Nakamura exclamou (não precisou de mais nada para perder a esperança de que o Japão ganhasse a guerra, apesar da bomba atômica). "Nesse caso...".

Algum tempo depois o Sr. Tanimoto escreveu uma carta para um americano, narrando os acontecimentos daquela manhã. "No pós-guerra teve lugar a coisa mais maravilhosa de nossa história. Nosso imperador falou pelo rádio, dirigindo-se a nós, os japoneses comuns. Em 15 de agosto fomos notificados de que poderíamos — e deveríamos—ouvir uma notícia de extrema importância. Assim, rumei para a estação ferroviária de Hiroshima. Havia um alto-falante nos destroços da estação. Muitos civis, todos com ataduras, alguns se apoiando no ombro das filhas, outros amparando-se com bengalas, escutaram a

transmissão e, ao compreender que era o imperador quem lhes falava, exclamaram, com os olhos cheios de lágrimas: 'Que bênção maravilhosa o Tenno se dirigir a nós, em pessoa, e podermos ouvir sua voz! Estamos plenamente satisfeitos em meio a tamanho sacrifício'. Quando souberam que a guerra terminara — quer dizer, que o Japão fora derrotado —, naturalmente ficaram decepcionados, mas, com o espírito tranqüilo, obedeceram à ordem imperial de fazer um sacrifício sincero pela paz duradoura do mundo — e o Japão tomou seu novo caminho".

4. FLORES SOBRE RUÍNAS

Em 18 de agosto, doze dias depois da bomba, o padre Kleinsorge saiu do Noviciado, com sua maleta de papel machê, e rumou, a pé, para o centro de Hiroshima. Começara a achar que essa maleta, onde guardava seus objetos de valor, tinha um poder talismânico, por causa da maneira como a encontrara após a explosão, na entrada de seu quarto, com a alça para cima, enquanto a escrivaninha sob a qual a escondera se despedaçara. E a usava então para levar o dinheiro da Companhia de Jesus até a filial do banco Yokohama, que já estava funcionando no edifício semidestruído. Sentia-se bem nessa manhã. É verdade que os cortes não se fecharam em três ou quatro dias, como tinha lhe assegurado o reitor que os examinara, mas ele havia descansado durante uma semana e se considerava novamente apto para o trabalho pesado. Agora já se acostumara com o terrível cenário que percorria a caminho do centro: o vasto arrozal listrado de marrom nas cercanias do Noviciado; as casas da periferia ainda de pé, mas decrépitas, com janelas quebradas e telhas fora do lugar; e então, de repente, a borda da cicatriz marrom-avermelhada, com seus dez quilômetros quadrados, onde praticamente tudo fora derrubado e queimado; quarteirões e quarteirões em ruínas, e ali e acolá um cartaz tosco fincado num monte de cinzas e telhas ("Irmã, onde você está?" ou "Estamos salvos, em Toyosaka"); árvores sem ramagens e postes telefônicos caídos por terra; as poucas paredes que se mantinham eretas apenas acentuavam a horizontalidade de todo o resto (o Museu da Ciência e da Indústria, com sua cúpula reduzida à armação de aço, como se aguardasse uma autópsia; a moderna Câmara do Comércio, com sua torre tão fria, rígida e inexpugnável como antes da explosão; o imenso prédio da prefeitura, baixo e camuflado; a seqüência de bancos em péssimas condições, caricaturando um sistema econômico abalado); e nas ruas centenas de bicicletas amassadas, carcaças de bondes e de automóveis surpreendidos em pleno movimento. Ao longo de todo o trajeto o padre Kleinsorge se angustiou com o pensamento de que uma única bomba, num único instante, causara tamanho desastre. Quando chegou ao centro, fazia muito calor. Caminhou até o banco Yokohama, que operava provisoriamente num balcão de madeira instalado no andar térreo, depositou o dinheiro e foi até a missão só para ver os escombros mais uma vez; então rumou para o Noviciado. Na metade do percurso começou a experimentar estranhas sensações. A maleta mais ou menos mágica — e agora vazia — parecia de repente muito pesada. Seus joelhos fraquejavam. O cansaço era terrível. O jesuíta precisou gastar muita energia para chegar a seu destino. Mas não achou que valesse a pena mencionar sua fraqueza. Dias depois, no entanto, ao rezar a missa, teve um princípio de desmaio e mesmo após três tentativas não pôde continuar com a cerimônia. Na manhã seguinte o reitor, que diariamente examinava seus cortes insignificantes porém persistentes, perguntou-lhe, surpresa: "O que você fez com esses talhos?". Eles haviam crescido, inchado e se inflamado.

Na manhã de 20 de agosto, a Sra. Nakamura estava se vestindo, em casa de sua cunhada, em Kabe, a pequena distância de Nagatsuka. Não sofrera nem

cortes, nem queimaduras, mas sentira náuseas durante toda a semana que ficara com os filhos no Noviciado, como hóspedes do padre Kleinsorge e dos outros católicos. Agora, ao pentear-se, constatou que uma mecha de cabelo saíra no pente; passou-o pela segunda vez e, como o fato se repetiu, parou de se pentear. Mesmo assim, nos três ou quatro dias subsequentes o cabelo se pôs a cair sem que o tocasse, e ela ficou careca. Recusou-se a sair de casa, onde praticamente se escondia. Em 26 de agosto a Sra. Nakamura e sua caçula, Myeko, acordaram extremamente fracas, cansadas e ficaram deitadas no chão. O menino e a outra filha, que partilharam todas as suas experiências durante e após a explosão, estavam bem.

Mais ou menos no mesmo período, o Sr. Tanimoto — ele trabalhava tanto para arrumar um santuário provisório, numa casa particular que alugara na periferia, que perdera a noção do tempo — sentiu subitamente um mal-estar generalizado, fraqueza e febre, e também ficou deitado no chão, na casa semidestruída de um amigo, no bairro de Ushida.

Essas quatro pessoas não sabiam, mas eram vítimas de uma estranha e caprichosa doença que se tornaria conhecida com o nome de radio intoxicação.

A srta. Sasaki penava na escola primária Deusa da Misericórdia, em Hatsukaichi, a quarta estação do trem elétrico, a sudoeste de Hiroshima. Uma infecção interna ainda impedia o tratamento adequado da fratura exposta em sua perna esquerda. Ou porque se afeiçoara a ela, apesar de sua incessante preocupação com o próprio sofrimento, ou porque se compadecera de sua dor, um rapaz que se encontrava no mesmo hospital emprestou-lhe uma tradução japonesa de Maupassant. Ela tentou ler os contos, mas só conseguia concentrar-se por breves períodos de quatro ou cinco minutos.

Nas semanas subsequentes à explosão os hospitais e postos de saúde ao redor de Hiroshima estavam tão lotados e suas equipes variavam tanto, em conformidade com a saúde dos médicos e com a chegada imprevisível de ajuda externa, que os pacientes tinham de ser constantemente transferidos de um lugar a outro. A srta. Sasaki, que já se deslocara três vezes (duas de navio), fora levada, no fim de agosto, para uma escola de engenharia, também em Hatsukaichi. Como sua perna inchava mais e mais, ao invés de melhorar, em 9 de setembro os médicos da escola a entalaram grosseiramente, colocaram a paciente num carro e a transportaram para o hospital da Cruz Vermelha, em Hiroshima. Essa foi a primeira oportunidade que a jovem teve de contemplar os escombros da cidade, já que, quando percorrera as ruas de Hiroshima pela última vez, divagava, no limite da inconsciência. Embora tivesse ouvido descrições do desastre e ainda sentisse dor, horrorizou-se e surpreendeu-se com o que viu, e uma coisa em especial provocou-lhe arrepios. Por toda parte — sobre os destroços, nas sarjetas, nas margens dos rios, entre as telhas e as chapas de zinco dos telhados, nos troncos carbonizados das árvores — estendia-se um tapete verde, viçoso, otimista, que brotava até mesmo dos alicerces das casas em ruínas. O capim já escondia as cinzas, e flores silvestres despontavam em meio

ao esqueleto da cidade. A bomba não só deixara intatos os órgãos subterrâneos das plantas como os estimulara. Por toda parte havia centáureas, iúcas, quenopódios, ipoméias, hemerocales, beldroegas, carrapichos, gergelim, capim e camomila. Principalmente num círculo do centro o sene vicejava numa extraordinária regeneração, não só entre os restos crestados da mesma planta, como em outros pontos, em meio aos tijolos e através das fendas do asfalto. Parecia que o mesmo avião que jogara a bomba soltara também uma carga de sementes de sene.

No hospital da Cruz Vermelha a srta. Sasaki fora entregue aos cuidados do Dr. Sasaki. Então, um mês depois da explosão, algo semelhante à ordem se estabelecera no hospital; isso significava que os pacientes ao menos tinham esteiras para dormir, embora ainda ocupassem os corredores, e que o estoque de remédios, esgotado nos primeiros dias, fora reposto, embora inadequadamente, por contribuições de outras cidades. Depois de dormir em casa por dezessete horas, a partir da terceira noite o Dr. Sasaki descansava no hospital apenas seis horas por noite, deitado numa esteira; perdera nove quilos (e era um homem miúdo) e ainda usava os óculos emprestados.

Por ser a srta. Sasaki uma mulher e estar tão doente (e talvez, ele admitiu depois, por ter seu sobrenome), o jovem cirurgião a instalou num quarto semiparticular, que na ocasião abrigava apenas oito pessoas. Fez-lhe uma série de perguntas e anotou em sua ficha, no alemão correto e conciso que utilizava em todos os registros: "Mittelgrosse Patientin in gutem Ernährungszustand. Fraktur am lin-ken Unterschenkelknochen mit Wunde; Anschwellung in der linken Unterschenkelgegend. Haut und sichtbare Schleimhäute mässig durchblutet und kein Oedema". Observou que se tratava de uma paciente do sexo feminino, estatura média e bom estado geral de saúde; que havia uma fratura exposta na tibia esquerda, com inchaço na parte inferior da perna; que a pele e as membranas mucosas visíveis apresentavam petéquias, ou manchas hemorrágicas, do tamanho de grãos de arroz ou até de grãos de soja; que a cabeça, os olhos, a garganta, os pulmões e o coração estavam aparentemente normais; e que o quadro incluía febre. Pretendia engessar a perna, porém fazia muito tempo que o gesso acabara; assim, estendeu a doente numa esteira e prescreveu aspirina para a febre, glicose intravenosa e diástase via oral para a subnutrição (que não anotara na ficha por ser um problema generalizado). A srta. Sasaki apresentava apenas um dos estranhos sintomas que muitos de seus pacientes começavam a exibir — as petéquias.

O azar, ainda relacionado com os rios, perseguia o Dr. Fujii. Instalado agora na casa de veraneio do Sr. Okuma, em Fukawa, junto às íngremes barrancas do Ota, ele melhorava sensivelmente — tanto que, utilizando o material que recolhera num esconderijo dos subúrbios, até se pôs a atender refugiados da vizinhança que o procuravam. Em alguns deles notou um curioso conjunto de sintomas que se evidenciaram na terceira e na quarta semanas, porém não pôde fazer muito mais que enfaixar cortes e queimaduras. No início

de setembro começou a chover forte, sem parar. O rio subiu. No dia 17 de setembro desabou um aguaceiro, seguido de um tufão, e a água subiu mais e mais. Assustados, o Sr. Okuma e o Dr. Fujii escalararam a montanha e se abrigaram na casa de um camponês. (Em Hiroshima a água destruiu o que a bomba deixara em pé—arrastou pontes que resistiram à explosão, alagou ruas, minou alicerces de edifícios que ainda se mantinham —, e dezesseis quilômetros a oeste o hospital militar Ono, onde uma equipe de especialistas da Universidade Imperial de Kyoto estudava os efeitos retardados da radiação, deslizou por uma bela encosta coberta de pinheiros e mergulhou no mar Interior, afogando a maioria dos estudiosos e dos portadores da misteriosa moléstia.) Depois da tempestade, o Dr. Fujii e seu anfitrião voltaram para a margem do rio e constataram que a enchente havia carregado a casa do Sr. Okuma.

O fato de tantas pessoas adoecerem de repente, cerca de um mês após o lançamento da bomba atômica, deu origem a um inquietante boato, que acabou por chegar à casa de Kabe, onde a Sra. Nakamura se encontrava careca e enferma. Dizia-se que a bomba atômica depositara em Hiroshima um tipo de veneno que ao longo de sete anos desprenderia emanações letais; durante esse período ninguém poderia ir à cidade. A viúva do alfaiate ficou muito aborrecida, pois se lembrara de que, na manhã da explosão, havia literalmente mergulhado seu ganha-pão — sua máquina de costura Sankoku — no pequeno tanque de cimento que ficava em frente às ruínas de sua casa; agora ninguém poderia resgatá-la. Até então a Sra. Nakamura e seus parentes estavam resignados e passivos quanto à questão moral da bomba atômica, porém esse boato os despertou de repente, infundindo-lhes mais ódio e ressentimento contra os americanos do que durante toda a guerra.

Os físicos japoneses, versados em fissão atômica (um deles possuía um ciclotron), estavam preocupados com a radiação remanescente em Hiroshima, e em meados de agosto, dias depois de o presidente Truman revelar o tipo de bomba que fora jogado, entraram na cidade para investigar. A primeira coisa que fizeram foi determinar um foco aproximado, observando o lado em que os postes telefônicos ao redor do centro estavam queimados; instalaram-se no tori do templo Gokoku, à direita da praça de armas do quartel regional do exército de Chugoku. A partir dali trabalharam ao norte e ao sul com eletroscópios de Lauritsen, sensíveis a partículas beta e a raios gama. Os aparelhos indicaram que a maior intensidade da radioatividade, perto do tori, correspondia a 4,2 vezes o "vazamento" natural médio de ondas ultracurtas no solo daquela área. Os cientistas notaram que o clarão da bomba reduzira a cor do concreto a um avermelhado-claro, esfolara a superfície de granito e chamuscara outros tipos de material de construção; em consequência disso, em alguns lugares a bomba imprimira sombras produzidas por sua luz. Os físicos encontraram, por exemplo, uma sombra permanente no telhado da Câmara do Comércio (a 198 metros do foco), lançada pela torre retangular do edifício; havia também várias sombras no posto de observação situado no alto do banco Hipotecário (a 1845 metros); uma na torre da Companhia de Energia Elétrica de Chugoku (a 720 metros); uma

projetada pela manivela de uma bomba de gasolina (a 2367 metros); e algumas nas lápides de granito do templo Gokoku (a 346 metros). Mediante a triangulação dessas e de outras sombras com os objetos que as formaram, os cientistas determinaram o centro exato: um ponto situado 135 metros ao sul do tori e alguns metros a sudeste do monte de escombros que fora outrora o hospital Shima. (Vagas silhuetas humanas encontradas nesse processo deram origem a histórias que acabaram por misturar fantasia e detalhes precisos. Uma delas se referia a um pintor que estava trabalhando na fachada de pedra de um banco e que foi monumentalizado numa espécie de baixo-relevo quando mergulhava o pincel na lata de tinta; segundo outra história, um carroceiro que cruzava a ponte próxima ao Museu da Ciência e da Indústria, quase no foco da explosão, estava prestes a chicotear o cavalo quando se transformou em sombra.) No início de setembro os estudiosos realizaram novas medições a leste e a oeste do centro real, e a maior radiação que encontraram foi de 3,9 vezes o "vazamento" natural. Considerando que só uma radiação correspondente a pelo menos mil vezes o "vazamento" natural seria capaz de afetar o corpo humano, os cientistas anunciaram que as pessoas podiam voltar para Hiroshima sem correr nenhum risco.

Assim que soube da novidade — ou melhor, pouco tempo depois, quando seu cabelo começou a crescer novamente —, a Sra. Nakamura pediu ao cunhado que fosse buscar sua máquina de costura (e o ódio de sua família pelos americanos arrefeceu). A máquina continuava submersa no tanque de água, porém estava toda enferrujada e não funcionava mais.

No final da primeira semana de setembro o padre Kleinsorge caiu de cama, com febre alta, e, como não apresentasse melhoras, seus colegas do Noviciado resolveram mandá-lo para o Hospital Católico Internacional, em Tóquio. O padre Cieslik e o reitor o levaram até Kobe, onde outro jesuíta se encarregou de conduzi-lo até a capital e de entregar à madre superiora do Hospital Internacional uma mensagem do médico de Kobe: "Pense duas vezes antes de submeter este homem a transfusões de sangue, pois, com pacientes da bomba atômica, não temos certeza de que pararão de sangrar, se os espetarmos com agulhas".

Quando entrou no hospital, o padre Kleinsorge estava mortalmente pálido e tremia muito. Queixou-se de que a bomba lhe prejudicara a digestão e lhe causara dores abdominais. Os glóbulos brancos não passavam de 3 mil (normalmente variam de 5 mil a 7 mil), sua anemia era séria e a febre atingira os quarenta graus. Um médico que não conhecia muito bem essas estranhas manifestações — o padre Kleinsorge era um dos poucos pacientes "atômicos" que chegaram a Tóquio — foi vê-lo e, em sua presença, mostrou-se animadoramente otimista. "Em duas semanas o senhor sairá daqui", prometeu. No entanto, assim que foi para o corredor, disse para a madre superiora: "Ele vai morrer. Todos os que foram afetados pela bomba morrem — a senhora há de ver. Duram duas semanas e morrem".

O médico prescreveu-lhe superalimentação. A cada três horas as enfermeiras obrigavam-no a ingerir alguns ovos ou caldo de carne. Além de todo

o açúcar que ele conseguia tomar, deram-lhe vitaminas e pílulas de ferro e arsênico (numa solução de Fowler) para a anemia. O padre Kleinsorge contrariou ambas as previsões do doutor: nem morreu, nem deixou o hospital ao cabo de duas semanas. Embora o recado do médico de Kobe o privasse das transfusões, que teriam sido a melhor terapia, a febre cedeu e os distúrbios digestivos melhoraram com relativa rapidez. Os glóbulos brancos aumentaram, porém no início de outubro caíram para 3600; depois, num período de dez dias, superaram a contagem normal, chegando a 8800; por fim se estabilizaram em 5800. Os cortes intrigavam todo mundo. Fechavam-se por algum tempo e tornavam a abrir quando ele se movimentava. Assim que se sentiu um pouco melhor, o jesuíta se divertiu imensamente. Em Hiroshima havia sido um sofredor entre milhares; em Tóquio era uma curiosidade. Médicos do exército americano chegavam às dezenas para observá-lo. Especialistas japoneses o interrogavam. Um jornal o entrevistou. E uma vez o doutor, confuso, balançou a cabeça, resmungando: "Essas vítimas da bomba atômica são desconcertantes".

A Sra. Nakamura permanecia fechada em casa, com sua filha Myeko, ambas doentes. Embora associasse vagamente seus problemas à bomba, não tinha dinheiro para consultar um médico e, assim, nunca descobriu a razão exata de seus transtornos. Sem receber tratamento algum, apenas repousando, elas pouco a pouco melhoraram. Myeko perdeu parte do cabelo e demorou meses para sarar de uma pequena queimadura no braço. Toshio e a menina mais velha, Yaeko, pareciam em boa forma, apesar de também terem perdido cabelo e de às vezes sofrerem fortes dores de cabeça. Toshio continuava tendo pesadelos, sempre relacionados com seu herói, Hideo Osaki, o mecânico de dezenove anos que fora morto pela bomba.

Deitado com uma febre de quarenta graus, o Sr. Tanimoto se preocupava com todas as cerimônias que devia estar realizando pelos falecidos de sua igreja. A princípio pensou que estava apenas muito cansado do trabalho duro que realizara desde a explosão; depois, como a febre persistisse, resolveu chamar o médico. Ocupado demais para ir a Ushida, o doutor enviou uma enfermeira, que identificou os sintomas do reverendo como característicos de uma radio intoxicação leve e começou a aplicar-lhe injeções de vitamina B1. Um sacerdote budista que o Sr. Tanimoto conhecia visitou-o e lhe sugeriu que experimentasse moxa; mostrou-lhe como ministrar-se o velho tratamento japonês, acendendo no pulso um punhado ou ramo de artemísia, erva estimulante. O pastor acatou a sugestão e constatou que a febre baixava um grau a cada aplicação. A enfermeira lhe recomendara que comesse o máximo possível, e a intervalos de alguns dias sua sogra levava-lhe hortaliças e peixes de Tsuzu, onde morava, a 32 quilômetros de Ushida. Depois de repousar por um mês, o Sr. Tanimoto viajou dez horas de trem até Shikoku, onde descansou por mais um mês na casa de seu pai.

O Dr. Sasaki e seus colegas do hospital da Cruz Vermelha observaram a evolução da nova enfermidade e por fim formularam uma teoria sobre sua natureza. Concluíram que a doença compreendia três estágios. O primeiro estágio — a reação direta ao bombardeio do corpo por nêutrons, partículas beta e raios gama no momento da explosão — já havia terminado quando se deram conta de que estavam lidando com um mal inédito. A morte misteriosa de pessoas aparentemente ilesas nas primeiras horas ou nos primeiros dias ocorreu nesse estágio, quando sucumbiram 95% dos indivíduos que se encontravam num raio de oitocentos metros do centro e muitos milhares dos que estavam mais distantes. Os médicos entenderam que, mesmo que não tivessem sofrido queimaduras e outros efeitos da explosão, a maioria dessas vítimas fatais tinha absorvido radiação suficiente para exterminá-las. Os raios simplesmente destruíram células do corpo — provocaram a degeneração de seu núcleo e romperam-lhes as paredes. Muita gente que não morrera de imediato teve náusea, dor de cabeça, diarreia, mal-estar e febre por vários dias. Os médicos não sabiam ao certo se alguns desses sintomas se deviam à radiação ou ao abalo nervoso. O segundo estágio tivera início dez ou quinze dias depois da bomba. O primeiro sintoma foi a queda de cabelo, seguida de diarreia e febre, que em alguns casos atingiu 41 graus. Entre 25 e trinta dias após a explosão surgiram distúrbios sangüíneos: sangramento das gengivas, brusca diminuição dos leucócitos e aparecimento de petéquias na pele e nas membranas mucosas. A leucopenia reduz a resistência a infecções; por isso as feridas demoravam tanto para fechar-se, e muitos pacientes tinham inflamações na garganta e na boca. Os dois sintomas principais, nos quais os médicos acabaram por basear seu prognóstico, eram a febre e a diminuição dos glóbulos brancos. Se a febre se mantinha alta, as possibilidades de sobrevivência eram escassas. O número de leucócitos quase sempre caía para menos de 4 mil; um número inferior a mil significava pouca esperança de vida. O paciente que conseguia atravessar o segundo estágio apresentava anemia, ou queda na quantidade de glóbulos vermelhos. O terceiro estágio correspondia à reação do organismo para contrabalançar seus males — e incluía, por exemplo, o aumento dos glóbulos brancos, que não só retomavam como superavam seus níveis normais. Nesse estágio muitos morriam em decorrência de complicações, como infecções na cavidade torácica. A maior parte das queimaduras cicatrizava, com profundas camadas de tecido fibroso, rosado e elástico, formando quelóides. A duração da doença variava conforme a constituição do indivíduo e a quantidade de radiação que recebera. Alguns enfermos se restabeleciam em uma semana; outros sofriam por meses.

Muitos sintomas se assemelhavam claramente aos efeitos de doses excessivas de raio X, e os médicos definiram sua terapia com base nessa semelhança. Prescreveram extrato de fígado, transfusões de sangue e vitaminas, sobretudo B1. A escassez de provisões e instrumentos dificultava o tratamento. Médicos aliados que chegaram ao país depois da rendição consideraram eficazes plasma e penicilina. Como os distúrbios sangüíneos eram, a longo prazo, o fator predominante, alguns médicos japoneses desenvolveram uma teoria sobre a

origem da longa enfermidade. Segundo essa teoria, ao penetrar no organismo, no momento da explosão, os raios gama teriam tornado radioativos os ossos das vítimas, levando-os a emitir partículas beta, que, embora não conseguissem aprofundar-se na carne, podiam entrar na medula óssea, onde se produz o sangue, e destruí-la pouco a pouco. Qualquer que fosse sua origem, a doença tinha algumas peculiaridades desconcertantes. Nem todos os pacientes apresentavam todos os sintomas principais. Pessoas com queimaduras causadas pela radiação térmica da bomba estavam consideravelmente protegidas contra a radiointoxicação. As que se mantiveram inertes por alguns dias ou até por algumas horas depois da explosão revelaram-se muito menos sujeitas à enfermidade que as que se mantiveram ativas. Cabelos grisalhos raramente caíam. E, como se a natureza defendesse a humanidade de seu próprio engenho, os processos reprodutivos foram afetados durante algum tempo; os homens se tornaram estéreis, as grávidas abortaram e as mulheres em geral pararam de menstruar.

Após a enchente do rio Ota, o Dr. Fujii ficou dez dias na casa do camponês, na montanha. Então soube que havia uma clínica particular disponível no bairro de Kaitaichi, região leste de Hiroshima. Comprou-a imediatamente, instalou-se e pendurou na entrada um cartaz em inglês, em homenagem aos conquistadores:

M. FUJII, M. D.

CLÍNICA GERAL & MOLÉSTIAS VENÉREAS

Restabelecido de seus ferimentos e fraturas, logo atraiu uma boa clientela e, à noite, passou a receber, com prazer, integrantes das forças de ocupação, com os quais praticava seu inglês em conversações generosamente regadas a uísque.

No dia 23 de outubro, o Dr. Sasaki ministrou procaína, um anestésico local, à srta. Sasaki e fez-lhe uma incisão na perna a fim de drenar o pus — onze semanas após a explosão, a infecção persistia. Nos dias subsequentes formou-se tanto pus que ele teve de aplicar curativo no corte de manhã e à noite. Uma semana depois a paciente se queixou de muita dor; o doutor fez mais uma incisão, repetindo o procedimento nos dias 9 e 26 de novembro. Durante esse período a srta. Sasaki enfraqueceu mais e mais e mergulhou na depressão. Um dia o jovem que lhe emprestara sua tradução japonesa de Maupassant, em Hatsukaichi, foi visitá-la; disse que estava a caminho de Kyushu, mas que, ao voltar, iria vê-la novamente. Ela não demonstrou o mínimo interesse. Sua perna inchava e doía tanto que o médico nem sequer tentara cuidar das fraturas, e, embora uma radiografia tirada em novembro mostrasse que os ossos estavam se unindo, a paciente percebia que a perna esquerda estava uns sete centímetros

mais curta que a direita e que o pé esquerdo se entortara, virando-se para dentro. Com frequência a srta. Sasaki pensava em seu noivo. Soubera que ele havia retornado do exterior e se perguntava o que lhe teriam dito sobre sua situação que o impedia de procurá-la.

O padre Kleinsorge recebeu alta do hospital de Tóquio em 19 de dezembro e partiu para casa. Dois dias depois o trem parou em Yokogawa, uma estação antes de Hiroshima, e o Dr. Fujii embarcou. Foi a primeira vez que os dois homens se encontraram desde a explosão. Sentaram-se juntos. O médico contou que estava indo para a reunião anual de sua família, realizada no aniversário da morte de seu pai. Quando passaram a conversar sobre suas experiências, o Dr. Fujii fez um relato muito divertido do mergulho de seus domicílios nos rios. Depois perguntou sobre a saúde do jesuíta, que lhe descreveu sua estadia no hospital. "Os médicos disseram para eu me cuidar", o padre Kleinsorge concluiu. "Receitaram-me uma soneca de duas horas, toda tarde". O Dr. Fujii replicou: "Hoje em dia é difícil se cuidar em Hiroshima. Todo mundo parece tão atarefado..."

Um novo governo municipal, instituído sob a direção do Governo Militar Aliado, finalmente se pôs a trabalhar no prédio da prefeitura. Os cidadãos que se restabeleceram dos vários graus de radiointoxicação regressaram aos milhares — em 1- de novembro a população, concentrada na periferia, já era de 137 mil, mais que um terço do maior número alcançado durante a guerra —, e, para utilizá-los nos trabalhos de reconstrução, as autoridades começaram a implementar todo tipo de projeto. Contrataram homens para limpar as ruas e para reunir a sucata, separá-la e empilhá-la diante da prefeitura. Alguns residentes que retornaram ergueram suas próprias choupanas e, ao lado, semearam trigo para colher na primavera, mas a municipalidade também autorizou e empreendeu a construção de quatrocentos "barracões" para outras tantas famílias. Os serviços de utilidade pública voltaram a funcionar — as luzes elétricas se acenderam, os bondes circularam novamente, e os funcionários do abastecimento de água consertaram 70 mil vazamentos na tubulação. Uma Conferência de Planejamento, que tinha como conselheiro um jovem e entusiástico oficial do Governo Militar, o tenente John D. Montgomery, natural de Kalamazoo, Michigan, pôs-se a analisar o tipo de cidade que deveria ressurgir das cinzas. Hiroshima prosperara — e se convertera num alvo atraente — basicamente por ser um dos mais importantes centros de comando militar e comunicações do Japão, e teria abrigado a sede do império, se o inimigo tivesse invadido as ilhas e tomado Tóquio. Agora não haveria grandes estabelecimentos militares para ajudar a ressuscitá-la. Sem saber que importância Hiroshima poderia ter, a Conferência de Planejamento concentrou-se em vagos projetos culturais e em programas de pavimentação. Elaborou mapas com avenidas de noventa metros de largura e cogitou seriamente em erguer um monumento à catástrofe, um conjunto de edifícios que receberia o nome de Instituto da Amizade Internacional. Os estatísticos reuniram todos os números referentes aos efeitos da bomba. Relataram que 78 150 indivíduos tinham morrido, 13 983

estavam desaparecidos e 37 425 tinham sido feridos. Nenhuma autoridade municipal apresentou esses números como precisos — embora os americanos os aceitassem como oficiais —, e com o passar dos meses, à medida que se retiravam das ruínas centenas e centenas de corpos e milhares de urnas contendo cinzas se acumulavam no templo Zempoji, em Koi, sem que ninguém as reclamasse, os especialistas começaram a avaliar que no mínimo 100 mil pessoas haviam perdido a vida. Como muitas dessas mortes resultaram de uma combinação de fatores, era impossível determinar o número exato dos óbitos devidos a cada causa; mesmo assim, os estatísticos calcularam que cerca de 25% das vítimas sucumbiram em função de queimaduras provocadas pela bomba; cerca de 50%, em função de outros ferimentos; e cerca de 20% em função dos efeitos da radiação. No tocante a danos materiais, os dados eram mais confiáveis: 62 mil dos 90 mil edifícios foram destruídos e 6 mil sofreram avarias irreparáveis. No centro da cidade sobraram apenas cinco prédios modernos que poderiam ser utilizados sem maiores reparos. Esse número tão pequeno não se devia absolutamente à fragilidade das construções japonesas. Desde o terremoto de 1923 as normas de engenharia vigentes no país exigiam que a cobertura de todo edifício de grande porte pudesse suportar uma carga de no mínimo 31,5 quilos por nove centímetros quadrados — as normas americanas não especificam mais que dezoito quilos por nove centímetros quadrados.

Uma multidão de cientistas invadiu a cidade. Alguns mediram a força que havia sido necessária para deslocar lápides de mármore nos cemitérios, derrubar 22 dos 47 vagões parados no pátio da estação de Hiroshima, arrancar a pista de concreto de uma ponte e dar outras extraordinárias demonstrações de poder. Concluíram que a pressão exercida pela explosão variou entre 5,3 e 8 toneladas por oitenta centímetros quadrados. Outros cientistas constataram que a mica, cujo ponto de fusão é 900 °C, fundira-se em lápides de granito que se encontravam a 342 metros do centro; que postes telefônicos feitos de *Cryptomeriajaponica*, árvore que se carboniza a 240 °C, haviam queimado a 3960 metros do centro; e que a superfície de telhas de argila cinzenta usadas em Hiroshima, cujo ponto de fusão é 1300 °C, dissolveram-se a 540 metros; e, depois de examinar mais algumas cinzas significativas e partículas derretidas, concluíram que o calor da bomba no solo do centro havia sido de 6000 °C. Outras medidas da radiação, que, entre vários procedimentos, envolveram a remoção de fragmentos atômicos encontrados em calhas e condutores em Takasu, um bairro situado a 2970 metros do centro, esclareceram alguns fatos bem mais importantes sobre a natureza da bomba. O gabinete do general MacArthur censurava sistematicamente toda menção à bomba presente nas publicações científicas japonesas, porém os resultados dos cálculos logo se difundiram entre físicos, médicos, químicos, jornalistas, professores e, sem dúvida, estadistas e militares ainda ativos no país. Graças aos cálculos de seus físicos nucleares, a maioria dos cientistas e boa parte dos leigos japoneses souberam, muito antes do público americano, que uma bomba de urânio fora lançada sobre Hiroshima e que outra, ainda mais potente — de plutônio — devastara Nagasaki. Souberam também que era possível desenvolver uma bomba teoricamente dez — ou vinte

— vezes mais potente. Os cientistas japoneses determinaram a altitude exata em que a bomba de Hiroshima explodira e o peso aproximado do urânio utilizado. Avaliaram que, mesmo no caso da bomba de Hiroshima, seria necessário um abrigo de concreto com 125 metros de espessura para proteger um ser humano da radiointoxicação. Esses e outros detalhes, que nos Estados Unidos continuavam sendo confidenciais, foram mimeografados e publicados na forma de livretes. Os americanos sabiam da existência de tais livretes, porém teriam de montar um vasto sistema policial só para rastreá-los e evitar que caíssem em mãos erradas. Os cientistas japoneses não deixavam de se divertir com os esforços de seus conquistadores para manter sigilo a respeito da fissão atômica.

No final de fevereiro de 1946 um amigo da srta. Sasaki procurou o padre Kleinsorge e lhe pediu que fosse vê-la no hospital. Ela estava cada vez mais deprimida e mórbida e parecia pouco disposta a viver. O jesuíta lhe fez várias visitas. Na primeira, conversou sobre generalidades, mantendo uma postura formal, enquanto vagamente solidária, e não tocou em religião. Na segunda visita, a própria paciente mencionou esse assunto. Evidentemente já havia conversado com algum católico. "Se seu Deus é tão bom, como pode deixar as pessoas sofrerem desse jeito?", perguntou-lhe abruptamente, abarcando com um gesto sua perna atrofiada, os outros doentes que estavam no quarto e Hiroshima como um todo. "Minha menina, o homem de hoje não é como Deus queria que fosse. Ele caiu em desgraça, por causa do pecado", o padre Kleinsorge respondeu, passando a explicar as razões de todas as coisas.

A Sra. Nakamura soube que um carpinteiro de Kabe estava construindo cabanas de madeira em Hiroshima para alugá-las por cinquenta ienes mensais — cerca de cinquenta centavos de dólar, pelo câmbio vigente. Ela perdera seus certificados de obrigações e outros haveres, mas felizmente anotara todos os números dias antes da explosão e levava a lista para Kabe; assim, quando seu cabelo cresceu o bastante para fazê-la se sentir apresentável, foi até o banco, em Hiroshima, e recebeu seu dinheiro depois que um funcionário cotejou os números com os do registro bancário. Imediatamente alugou uma das cabanas do carpinteiro, em Nobori-cho, perto de onde havia morado, e, embora o chão estivesse sujo e o interior fosse escuro, ao menos tinha uma casa em Hiroshima, e não precisava depender da caridade dos parentes. Na primavera removeu alguns destroços nas vizinhanças da cabana e plantou uma horta. Para cozinhar e comer, usava utensílios que resgatara dos escombros. Mandou Myeko para o jardim-de-infância que os jesuítas tinham reaberto e os filhos mais velhos para a escola primária de Nobori-cho, que, por falta de instalações, ministrava as aulas ao ar livre. Toshio queria estudar para ser mecânico, como seu herói, Hideo Osaki. O custo de vida era alto; em meados do verão, as economias da viúva chegaram ao fim. A Sra. Nakamura vendeu algumas roupas para comprar comida. No passado tivera vários quimonos caros, mas durante a guerra roubaram-lhe um, ela dera um a uma irmã cuja casa fora bombardeada, em

Tokuyama, perdera dois no bombardeio de Hiroshima e agora vendia o último que lhe restara. Com isso levantou apenas cem ienes, que não duraram muito. Em junho foi pedir conselhos ao padre Kleinsorge, e no início de agosto ainda estava considerando as duas possibilidades que o sacerdote lhe sugerira: trabalhar como doméstico para algum integrante das forças aliadas de ocupação ou pedir emprestados aos parentes uns quinhentos ienes (pouco mais de trinta dólares) para consertar a máquina de costura enferrujada e reassumir seu ofício de costureira.

Ao voltar de Shikoku, o Sr. Tanimoto cobriu com uma barraca de lona o telhado da casa arruinada que alugara em Ushida. Não resolveu o problema das goteiras, porém oficiava o culto na sala molhada. Começou a pensar em arrecadar dinheiro para restaurar sua paróquia na cidade. Tornou-se muito amigo do padre Kleinsorge e com freqüência visitava os jesuítas. Invejava a riqueza de sua Igreja, que aparentemente lhes permitia fazer tudo que queriam. Ele não tinha nada além de sua energia, que no entanto já não era a mesma de antigamente.

A Companhia de Jesus foi a primeira instituição a construir uma cabana relativamente duradoura nas ruínas de Hiroshima. O padre Kleinsorge estava no hospital quando isso ocorreu. Assim que se restabeleceu, ele se instalou na cabana, dividindo-a com o padre Laderman. Os dois religiosos conseguiram comprar três dos "barracões" padronizados que a cidade vendia a 7 mil ienes cada. Transformaram dois numa boa capela, unindo-os pelos fundos, e usavam o terceiro como refeitório. Quando puderam adquirir o material necessário, contrataram um empreiteiro para erguer uma casa de três andares, idêntica à que o fogo destruíra. No complexo da missão carpinteiros serraram tábuas e vigas, entalharam malhetes, recortaram espigas, tornearam cavilhas e abriram furos para encaixá-las; por fim, com todas as partes empilhadas em perfeita ordem, em três dias montaram a casa, como um quebra-cabeça oriental, sem usar nenhum prego. Conforme o Dr. Fujii previra, o padre Kleinsorge estava achando difícil se cuidar e tirar suas sonecas. Todos os dias saía, a pé, para visitar japoneses católicos e conversos em potencial. Com o passar dos meses sentia-se cada vez mais cansado. Em junho leu no *Chugoku* de Hiroshima um artigo que aconselhava os sobreviventes a não trabalhar muito — mas o que podia fazer? Em julho estava exausto, e no começo de agosto, praticamente no aniversário da explosão, voltou para o Hospital Católico Internacional, em Tóquio, para repousar durante um mês.

Sendo ou não verdades definitivas e absolutas, as respostas do padre Kleinsorge às perguntas da srta. Sasaki sobre a vida lhe deram força física. O Dr. Sasaki percebeu isso e congratulou o sacerdote. Em 15 de abril a temperatura e os glóbulos brancos da paciente se normalizaram e a infecção começou a melhorar. Em 20 de abril quase não havia pus, e pela primeira vez a srta. Sasaki

caminhou pelo corredor, com a ajuda de muletas. Cinco dias mais tarde teve início a cicatrização do ferimento, e no final do mês a paciente recebeu alta.

No verão ela se preparou para sua conversão ao catolicismo. Nessa época experimentou altos e baixos, sofrendo depressões profundas. Sabia que estava aleijada. Nunca recebeu uma visita do noivo. Não tinha nada para fazer, além de ler e olhar pela janela de sua casa, numa colina de Koi, do outro lado dos destroços onde seus pais e seu irmão tinham morrido. Vivia nervosa, e a qualquer ruído rapidamente levava as mãos ao pescoço. Sentia dor na perna, que massageava e acariciava com freqüência, como se a consolasse.

* * *

O hospital da Cruz Vermelha demorou seis meses para voltar à normalidade, e o Dr. Sasaki levou ainda mais tempo. Até a cidade restaurar a rede elétrica, o hospital funcionou graças a um gerador do exército japonês, instalado em seu pátio. Mesas de cirurgia, aparelhos de raio X, cadeiras de dentista, tudo que era complexo e essencial chegara paulatinamente de outras cidades. No Japão as aparências são importantes até mesmo para as instituições, e muito antes de repor o equipamento básico os diretores da Cruz Vermelha local providenciaram uma fachada nova, de tijolo amarelo; assim, o edifício se tornou o mais bonito de Hiroshima — por fora. Nos quatro primeiros meses o Dr. Sasaki foi o único cirurgião do hospital e praticamente não deixou o prédio; depois, pouco a pouco, voltou a interessar-se por sua vida particular. Casou-se em março. Recuperou parte do peso que perdera, porém mantinha um apetite apenas regular; antes da bomba comia quatro bolinhos de arroz em cada refeição, mas um ano depois só conseguia comer dois. Sentia-se constantemente cansado. "Tenho de entender que a comunidade inteira está cansada", dizia.

Um ano depois da explosão a srta. Sasaki era uma aleijada; a Sra. Nakamura vivia na pobreza; o padre Kleinsorge estava novamente hospitalizado; o Dr. Sasaki não dava conta do trabalho como antes; o Dr. Fujii perdera o hospital de trinta quartos que levava muitos anos para adquirir e não planejava reconstruí-lo; o Sr. Tanimoto continuava com sua igreja em ruínas e já não tinha sua excepcional vitalidade. A vida dessas seis pessoas, que estavam entre as mais afortunadas de Hiroshima, nunca voltaria a ser a mesma. Suas opiniões sobre as próprias experiências e sobre o uso da bomba atômica evidentemente não eram unânimes. Um sentimento que parecia comum a todas era um elevado espírito comunitário, semelhante ao dos londrinos depois de sua *blitz* — um orgulho pela maneira como elas e os outros sobreviventes enfrentaram uma tremenda provação. Pouco antes do aniversário da catástrofe, o Sr. Tanimoto escreveu a um americano uma carta que expressava esse sentimento: "Que cena de partir o coração presenciei na primeira noite! Por volta da meia-noite saltei na margem do rio. Tantos feridos jaziam no chão que tive de passar por cima deles. Repetindo 'desculpe', segui em frente e enchi uma bacia de água e lhes dei de beber. Eles ergueram lentamente a parte superior do corpo, fizeram-me uma ligeira reverência e aceitaram a água; tomaram-na em silêncio e, tendo

derramado o resto, devolveram-me o copo com uma expressão de sincera gratidão. Contaram-me: 'Não pude ajudar minha irmã, que estava soterrada debaixo da casa, porque precisei acudir minha mãe, que tinha um ferimento profundo no olho, e nossa casa se incendiou, e escapamos por pouco. Olhe, perdi minha casa, minha família e estou muito ferido. Mas agora decidi dar o que tenho para acabar com a guerra pelo bem de nossa pátria'. Assim me disseram, até as mulheres e as crianças. Absolutamente exausto, deitei-me junto a eles, porém não consegui dormir. De manhã encontrei muitos mortos, muitos homens e mulheres a quem eu havia dado de beber. Para minha grande surpresa, contudo, nunca ouvi um grito, nem mesmo de quem sofria terrivelmente. Morreram em silêncio, sem reclamar, cerrando os dentes para suportar a dor. Tudo pela pátria!''

"O Dr. Y. Hiraiwa, professor da Universidade de Literatura e Ciência de Hiroshima e membro de minha igreja, foi soterrado pela bomba junto com seu filho, um estudante da Universidade de Tóquio. Sob o peso do sobrado, não podiam mover-se um centímetro sequer. E a casa já ardia em chamas. 'Pai, nada podemos fazer, além de oferecer nossas vidas à pátria', disse o filho. 'Gritemos *Banzai* a nosso imperador.' E os dois exclamaram: '*Tenno-heika, Banzai, Banzai, Banzai!*'. Depois o Dr. Hiraiwa me contou: 'É estranho, mas, quando gritei *Banzai* a o *Tenno*, calma, alegria e paz encheram-me o coração'. Mais tarde o filho saiu de debaixo dos escombros, escavou-os e puxou o pai para fora; assim, ambos se salvaram. Refletindo sobre sua experiência, o Dr. Hiraiwa repetiu: 'Que sorte sermos japoneses! Quando decidi morrer por nosso imperador, senti, pela primeira vez na vida, o gosto de um espírito nobre!''

A srta. Kayoko Nobutoki, aluna de nosso colégio feminino, o Hiroshima Jokakuin, e filha de um membro de minha igreja, estava descansando com as amigas, junto à pesada cerca do templo budista. No momento em que a bomba atômica foi lançada, a cerca caiu sobre o grupo. Elas não conseguiram fazer o menor movimento, sob o peso da cerca, e então uma fumaça sufocante penetrou por uma brecha. Uma das meninas se pôs a cantar *Kimi ga yo*, o hino nacional, e as outras a imitaram, e morreram. Entrementes uma delas encontrou uma brecha e lutou para libertar-se. Já no hospital da Cruz Vermelha, contou como as amigas morreram, lembrando que cantaram em coro nosso hino nacional. Tinham apenas treze anos.

. "Sim, o povo de Hiroshima morreu bravamente no bombardeio atômico, acreditando que morria pelo imperador".

Um número surpreendente de cidadãos de Hiroshima se mostrou mais ou menos indiferente em relação ao aspecto ético da utilização da bomba. Possivelmente estavam apavorados demais para pensar nisso. Poucos se deram ao trabalho de se informar. A Sra. Nakamura expressou uma concepção típica — e um medo igualmente comum. "A bomba atômica é do tamanho de uma caixa de fósforos", dizia, quando lhe perguntavam. "Seu calor é 6 mil vezes maior que o do Sol. Ela explodiu no ar. Tem um pouco de rádio. Não sei como funciona, mas explode, quando crescem o rádio". Quanto ao uso da bomba, explicava:

"Estávamos em guerra e tínhamos de esperar por isso". E concluía: "*Shikata ga nai*", uma expressão japonesa tão comum quanto a palavra russa "*nichevo*", que tem o mesmo significado: "Não tem jeito. Pois bem. É uma pena". Conversando com o padre Kleinsorge sobre o uso da bomba, o Dr. Fujii disse praticamente a mesma coisa, em alemão: "*Da ist nichts zu machen*. Não há nada a fazer".

Muitos habitantes de Hiroshima, porém, continuaram sentindo pelos americanos um ódio irreprimível. "Soube que neste momento estão julgando os criminosos de guerra em Tóquio", o Dr. Sasaki comentou certa ocasião. "Acho que deviam julgar os homens que decidiram usar a bomba e enforcá-los todos".

O padre Kleinsorge e os outros jesuítas alemães, que, pelo fato de ser estrangeiros, poderiam, talvez, ter uma opinião relativamente isenta, discutiam com frequência o aspecto ético do emprego da bomba. O padre Siemes, que se encontrava em Nagatsuka por ocasião do ataque, escreveu num relatório para a Santa Sé: "Alguns de nós incluem a bomba na mesma categoria do gás tóxico e condenam seu uso contra uma população civil. Outros argumentam que numa guerra total, como a que se travava contra o Japão, não existe diferença entre civis e soldados e afirmam que a bomba produziu o efeito de acabar com o derramamento de sangue, persuadindo o Japão a se render e, assim, evitar a destruição total. Parece lógico que, quem sustenta uma guerra total, em princípio não pode se queixar de uma guerra contra civis. O grande dilema consiste em decidir se a guerra total, em sua presente forma, é justificável, ainda que sirva a um propósito justo. Não acarreta malefícios materiais e espirituais superiores a quaisquer benefícios que possa produzir? Quando nossos moralistas nos darão uma resposta clara para essa pergunta?"

Seria impossível dizer que horrores ficaram registrados na mente das crianças que sobreviveram à bomba de Hiroshima. Meses após a catástrofe suas lembranças eram, aparentemente, as de uma aventura empolgante. Toshio Nakamura, que tinha dez anos por ocasião do bombardeio, logo falava sobre a experiência com desembaraço e até com alegria, e semanas antes do aniversário do desastre escreveu a seguinte redação, na escola primária de Nobori-cho: "Na véspera da bomba, fui nadar. De manhã eu estava comendo amendoim. Vi um clarão. Fui derrubado e caí no lugar onde minha irmãzinha estava dormindo. Quando nos salvaram, eu só enxerguei até o bonde. Minha mãe e eu começamos a empacotar nossas coisas. Os vizinhos andavam para lá e para cá, queimados e sangrando. Hataya-san me disse para fugir com ela. Eu falei que queria esperar minha mãe. Fomos para o parque. Houve um redemoinho. À noite um reservatório de gás pegou fogo, e eu vi o reflexo no rio. Ficamos no parque uma noite. No dia seguinte fui para a ponte Taiko e encontrei minhas amigas Kikuki e Murakami. Estavam procurando as mães delas. Mas a mãe de Kikuki estava ferida e a de Murakami infelizmente estava morta".

5. DEPOIS DA CATÁSTROFE

1. HATSUYO NAKAMURA

Fraca e pobre, Hatsuyo Nakamura encetou uma luta corajosa, que se estenderia por muitos anos, para garantir a própria sobrevivência e o sustento dos filhos.

Mandou consertar sua máquina Sankoku e voltou a costurar para fora; ademais, passou a fazer faxina e a lavar roupa para vizinhos que se encontravam em situação melhor que a sua. Todavia, se cansava tanto que a cada três dias de trabalho tinha de descansar dois, e se por algum motivo se via obrigada a mourejar a semana inteira, precisava folgar por três ou quatro dias. Mal ganhava para comprar comida.

Nessas condições tão precárias, caiu doente. A barriga inchou-lhe, e a diarréia e uma dor intensa a impediram de trabalhar. Um médico da vizinhança examinou-a e diagnosticou nematelminto. "Se ele roer seu intestino, a senhora morrerá", disse-lhe, erroneamente. Nessa época faltavam fertilizantes químicos no Japão e os agricultores usavam excrementos humanos; assim, muita gente contraiu parasitas, que, embora não fossem letais, debilitavam gravemente as vítimas da radiointoxicação. O médico tratou Nakamura-san (como devia chamá-la) com santonina, uma droga um tanto perigosa, derivada de certas variedades de artemísia. Para pagar a consulta a viúva teve de vender seu último pertence de valor: a máquina de costura do marido. Foi o momento mais triste de toda a sua vida.

Quando se referiam aos que passaram pelo bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, os japoneses tendiam a evitar o termo "sobreviventes", cuja ênfase no fato de estar vivo podia sugerir algum desrespeito para com os mortos sagrados. Assim, deram outro nome, mais neutro, à categoria a que Nakamura-san pertencia: "*hibakusha*", que significa literalmente "pessoas afetadas pela explosão". Por mais de uma década os *hibakusha* viveram num limbo econômico, aparentemente porque o governo japonês se recusou a arcar com qualquer responsabilidade moral pelos atos hediondos dos americanos vitoriosos. Embora logo se evidenciasse que muitos *hibakusha* sofriam conseqüências de sua exposição às bombas bem diferentes em natureza e em grau daquelas de sobreviventes dos horripilantes bombardeios incendiários de Tóquio e outros lugares, o governo não tomou nenhuma providência especial para socorrê-los — até que, ironicamente, uma onda de fúria varreu o Japão quando os 23 tripulantes e a carga de atum de um navio pesqueiro, o *Dragão Afortunado n°5*, foram afetados pela radiação da bomba de hidrogênio que os americanos testaram no atol de Bikini, em 1954. Mesmo assim a Dieta demorou três anos para aprovar uma lei que aliviaria as agruras dos *hibakusha*.

Nakamura-*sann* não sabia, mas um futuro sombrio a aguardava. Em Hiroshima os primeiros anos do pós-guerra foram particularmente penosos para gente pobre como ela, envolvendo desordens, fome, ganância, roubo, mercado negro. Os empresários não-*hibakusha* tinham preconceito contra os sobreviventes, pois dizia-se que estavam sujeitos a todo tipo de doença e não eram trabalhadores confiáveis, mesmo que, como Nakamura-*san*, não tivessem sido cruelmente mutilados nem apresentassem sintomas sérios; ademais, a maioria parecia sofrer, como ela, do mal misterioso porém real que se tornou conhecido como um tipo de enfermidade crônica da bomba A: fraqueza e cansaço constantes, tontura eventual e distúrbios digestivos, tudo agravado por um sentimento de opressão, uma sensação de fim, pois era voz corrente que moléstias inomináveis podiam a qualquer momento plantar flores malignas nos organismos das vítimas e até nos de seus descendentes.

Sempre lutando pela sobrevivência, dia após dia, Nakamura-*san* não tinha tempo para posicionar-se em relação à bomba ou a qualquer outra coisa. Sustentava-a, curiosamente, uma espécie de passividade, resumida numa frase que ela mesma usava: "Shikata ga-nai", que significa "não tem jeito". Embora não fosse religiosa, Nakamura-*san* vivia numa cultura marcada pela convicção budista de que a resignação podia levar à clarividência; partilhara com outros cidadãos um profundo sentimento de impotência em face de uma autoridade estatal divinamente forte desde a Restauração Meiji de 1868; e o inferno que testemunhara e as terríveis conseqüências que via a seu redor superavam de tal modo o entendimento humano que era impossível considerá-los obra de homens rancorosos, como o piloto de *Enola Gay*, o presidente Truman ou os cientistas que construíram a bomba — ou mesmo, mais próximos, os militaristas japoneses que ajudaram a ampliar a guerra. A bomba quase parecia um desastre natural — um azar, um destino que lhe cumpria aceitar e sofrer.

Quando eliminou os vermes e melhorou um pouco, ela combinou com um padeiro de Nobori-cho, um certo Sr. Takahashi, que entregaria o pão produzido por sua padaria. Sempre que tinha forças suficientes, anotava pedidos de varejistas do bairro e na manhã seguinte lhes levava as encomendas em cestos e caixas que carregava pelas ruas. Era um trabalho extenuante, pelo qual recebia o equivalente a cinquenta centavos de dólar por dia. Tinha de tirar folga com freqüência.

Depois de algum tempo, um pouco mais fortalecida, arrumou outro tipo de ocupação. Levantava-se de madrugada e durante duas horas empurrava um carrinho emprestado até Eba, uma parte da cidade situada na embocadura de um dos sete rios deltaicos que cortam Hiroshima. Ali esperava os pescadores puxarem as redes que haviam jogado ao amanhecer, para pescar sardinha, e os ajudava a recolher os peixes. Então voltava para Nobori-cho, com o carrinho cheio, vendia a sardinha de porta em porta e entregava o dinheiro aos pescadores. Ganhava apenas o suficiente para comprar comida.

Uns dois anos depois conseguiu um trabalho mais condizente com sua necessidade de repouso, pois, dentro de certos limites, podia determinar seu

expediente. Tratava-se de cobrar o pagamento pela entrega do *Chugoku Shimbun*, um jornal de Hiroshima lido pela maioria da população. Tinha de cobrir uma área extensa e com frequência não encontrava os clientes em casa ou chegava num momento em que não dispunham de dinheiro, sendo obrigada a retornar mais vezes. Essa atividade lhe rendia o equivalente a mais ou menos vinte dólares mensais. Diariamente sua força de vontade e seu cansaço pareciam lutar por um empate.

Em 1951, depois de cinco anos nessa labuta, Nakamura-san teve a sorte — ou era seu destino, que lhe cumpria aceitar — de conseguir uma casa melhor. Aparentemente levado por uma necessidade urgente de expiação e reconciliação, um professor de dendrologia da Universidade de Washington, um quaker chamado Floyd W. Schmoie, desembarcara em Hiroshima dois anos antes, reunira uma equipe de carpinteiros e com a ajuda desses homens pôs-se a construir uma série de casas japonesas para as vítimas da bomba; acabou erguendo um total de 21. Foi para uma delas que Nakamura-san teve a felicidade de se mudar. Os japoneses medem suas casas por múltiplos da área do *tsubo*, ou esteira, que reveste o piso — pouco menos de 3,2 metros quadrados —, e as casas do Dr. Shum-o, como a população de Hiroshima as chamava, tinham dois cômodos de seis *tsubo* cada um. Foi um progresso e tanto para os Nakamura. A casa recendia a madeira verde e a esteira limpa. O aluguel, que devia ser pago ao governo municipal, equivalia e cerca de um dólar por mês.

Apesar da pobreza, as crianças cresciam normalmente. Yaeko e Myeko, as meninas, eram anêmicas, mas até então os três haviam escapado das complicações mais sérias que acometiam tantos jovens *hibakusha*. Yaeko, agora com catorze anos, e Myeko, com onze, estavam no ginásio. O menino, Toshio, ia cursar o colegial, mas teria de ganhar dinheiro para continuar estudando e, assim, passou a entregar os jornais que já haviam sido pagos a sua mãe. Todos esses locais eram distantes de sua casa, de modo que os Nakamura viajavam algumas horas de bonde.

Sem abandonar a cobrança dos jornais, Nakamura-san converteu a velha cabana de Nobori-cho, que ficou vazia por algum tempo, numa lojinha para crianças, onde vendia batata-doce assada, *dagashi*, ou doces e bolos de arroz, e brinquedos baratos, que comprava de um atacadista.

Entre os interessados em receber o *Chugoku Shimbun* figurava uma pequena indústria química, a Suyama, que fabricava bolas de naftalina comercializadas com o nome de Paragen. Uma amiga de Nakamura-san trabalhava lá e um dia lhe sugeriu que pleiteasse uma vaga no setor de embalagem. O proprietário era um homem piedoso, que não partilhava o preconceito de muitos empresários contra os *hibakusha*; tinha vários, sobreviventes em sua equipe de vinte empacotadoras. Nakamura-san argumentou que não podia trabalhar mais que alguns dias seguidos; a amiga lhe garantiu que o Sr. Suyama haveria de entender isso.

Vestidas no uniforme da firma, as mulheres permaneciam de pé, meio inclinadas, em ambos os lados de um par de esteiras rolantes, embalando em celofane, o mais depressa possível, dois tipos de Paragen. O cheiro do produto provocava tontura e a princípio fazia os olhos arderem. Em forma de losango ou de esferas do tamanho de uma laranja pequena, as bolas de paradichlorobenzeno pulverizado e comprimido destinavam-se a contrabalançar, com seu desagradável odor pseudomedicinal, os inconvenientes dos banheiros japoneses, desprovidos de descarga.

Como principiante, Nakamura-san ganhava 170 ienes por dia — menos de cinquenta centavos de dólar. No começo achava o trabalho confuso, extenuante e um pouco enjoativo. O patrão se preocupava com sua palidez. Ela precisava tirar muitos dias para descansar. Paulatinamente, porém, acostumou-se. Fez amizades. Havia na fábrica uma atmosfera familiar. Seu salário aumentou. Nas duas folgas de dez minutos, uma de manhã e a outra à tarde, quando a esteira parava, ela participava dos mexericos e das risadas. Parece que sempre manteve no fundo de si mesma uma alegria que deve tê-la sustentado em sua longa batalha contra a lassidão provocada pela bomba A — algo mais caloroso e mais vivificante que a mera submissão, que o "*Shikata ga-nai*". Com frequência prestava pequenos favores às colegas, que se afeioaram a ela e passaram a chamá-la, carinhosamente, de *Oba-san* — "tia", numa tradução aproximada.

Nakamura-san trabalhou na Suyama durante treze anos. Embora sua energia eventualmente sucumbisse à síndrome da bomba A, as terríveis experiências daquele dia de 1945 pareciam afastar-se pouco a pouco de seus pensamentos.

O episódio do *Dragão Afortunado nº 5* ocorreu em 1954, o ano seguinte ao do ingresso de Nakamura-san na fábrica Suyama. Na onda de fúria que varreu o país, a devida assistência médica às vítimas das bombas de Hiroshima e Nagasaki finalmente se converteu numa questão política. Desde 1946 lembrava-se o aniversário do bombardeio de Hiroshima com um Encontro Comemorativo da Paz realizado quase todos os anos num parque que, durante a reconstrução da cidade, os urbanistas designaram como centro de recordações, e em 6 de agosto de 1955 representantes do mundo inteiro se reuniram ali para a primeira Conferência Mundial contra as Bombas Atômica e de Hidrogênio. No segundo dia um grupo de *hibakusha* tristemente atestou o descaso do governo por seus sofrimentos. Os partidos políticos japoneses abraçaram a causa, e em 1957 a Dieta finalmente aprovou a Lei de Assistência Médica às Vítimas da Bomba A. Essa lei e suas sucessivas emendas definiram quatro classes de pessoas credenciadas a receber ajuda: as que no dia da bomba se achavam no perímetro urbano; as que nos catorze dias subsequentes à explosão entraram numa área situada a não mais de dois quilômetros do hipocentro; as que tiveram contato físico com vítimas da bomba, ao ministrar primeiros socorros ou ao remover seus corpos; e aquelas que estavam no ventre de mulheres que se encaixavam em qualquer uma das categorias anteriores. Esses *hibakusha* podiam ter as

chamadas cadernetas de saúde, que os habilitariam a receber tratamento médico gratuito. Revisões posteriores da lei estabeleceram pensões mensais para as vítimas que sofriam de vários efeitos retardados da radiação.

Como muitos *hibakusha*, Nakamura-san se manteve longe de toda a agitação e só uns dois anos depois se deu ao trabalho de retirar sua caderneta de saúde. Pobre demais para ir ao médico, adquirira o hábito de tratar-se sozinha, da melhor maneira possível. Ademais, partilhava com alguns sobreviventes a suspeita de que motivos ocultos inspiravam os políticos participantes das cerimônias e conferências anuais.

Toshio Nakamura concluiu o curso colegial e arrumou um emprego na divisão de ônibus das Ferrovias Nacionais Japonesas. Trabalhava no setor administrativo, lidando inicialmente com os horários e depois com a contabilidade. Quando estava com vinte e poucos anos, arranjaram-lhe um casamento, por intermédio de um parente que conhecia a família da noiva. Toshio ampliou a casa do Dr. Shum-o e passou a contribuir para o sustento da mãe, começando por presenteá-la com uma máquina de costura.

Yaeko, a filha mais velha, deixou Hiroshima ao completar o ginásio e foi ajudar uma tia doente a administrar um *ryokan*, um hotel no estilo japonês. Tinha quinze anos. No devido tempo, apaixonou-se por um homem que fazia as refeições no restaurante do hotel e casou-se por amor.

Myeko, dos três filhos, a mais suscetível à síndrome da bomba A, terminou o curso médio, tornou-se uma exímia datilógrafa e foi lecionar datilografia. Também lhe arranjaram um casamento.

Como a mãe, os jovens Nakamura se mantinham longe da agitação *pró-hibakusha* e antinuclear.

Em 1966 Nakamura-san completou 55 anos e aposentou-se. A essa altura ganhava na fábrica Suyama 30 mil ienes por mês, ou cerca de 85 dólares. Os filhos já não dependiam dela, e Toshio estava disposto a assumir sua responsabilidade para com a mãe. Agora ela se sentia à vontade com seu corpo; descansava quando precisava e não se preocupava com os custos dos cuidados médicos, pois finalmente retirara sua caderneta de saúde nº 1023993. Chegara a hora de aproveitar a vida. Pelo prazer de presentear, passou a bordar e a vestir as tradicionais bonecas *kimekomi*, supostas portadoras de boa sorte. Vestida num esplêndido quimono, uma vez por semana ia dançar no Grupo de Estudo de Música Folclórica Japonesa. Com movimentos firmes e gestos expressivos, ajeitando cá e lá as longas mangas do quimono, mantendo a cabeça erguida, dançava como se flutuasse, em meio a trinta mulheres, ao som de uma canção que celebrava a entrada numa casa:

Que sua família prospere

Por mil gerações

Por oito mil gerações.

Fazia cerca de um ano que se aposentara quando recebeu um convite: uma organização chamada Associação das Famílias Enlutadas ofereceu-lhe uma viagem de trem, com mais umas cem viúvas de guerra, para visitar o templo Yasukuni, em Tóquio. Esse santuário, construído em 1869, era dedicado aos espíritos de todos os japoneses que tinham morrido lutando contra potências estrangeiras e, em termos do que simbolizava para a nação, guardava certa analogia com o Cemitério Nacional de Arlington — com a diferença de que ali se veneravam as almas, e não os restos mortais. Muitos japoneses o consideravam o foco de um militarismo ainda vivo, porém Nakamura-san, que nunca tinha visto as cinzas do marido e se agarrara à esperança de que um dia ele haveria de regressar, não sabia disso. A visita foi decepcionante. Além das cem viúvas de Hiroshima, multidões de mulheres de outras cidades se apinhavam diante do templo. Sem poder sentir a presença do marido morto, Nakamura-san voltou para casa em estado de inquietação.

O Japão florescia. A situação dos Nakamura ainda era difícil, e Toshio tinha de trabalhar muitas horas por dia, mas a dura luta pela vida começava a parecer coisa de um passado distante. Em 1975 revisou-se uma das leis que asseguravam ajuda aos *hibakusha*, e Nakamura-san passou a receber uma pensão mensal — de proteção à saúde — de 6 mil ienes, ou aproximadamente vinte dólares; essa quantia aumentou pouco a pouco, chegando a mais que o dobro do valor original. Ela ganhava também uma aposentadoria mensal de 20 mil ienes, ou cerca de 65 dólares, para a qual contribuía quando estava na fábrica Suyama, e, como viúva de guerra, recebera durante alguns anos outros 20 mil ienes por mês. Com o progresso econômico, os preços subiram verticalmente (em poucos anos Tóquio se tornaria a cidade mais cara do mundo), porém Toshio conseguiu comprar um carro Mitsubishi, pequeno, e às vezes saía de casa antes do amanhecer para viajar duas horas de trem a fim de jogar golfe com os colegas. O marido de Yaeko trabalhava com vendas e assistência técnica de condicionadores de ar e aquecedores, e o de Myeko tinha uma banca de jornais e doces nas imediações da estação ferroviária.

Em maio, na época do aniversário do imperador, quando as árvores do bulevar da Paz vicejavam como nunca e as azaléias floriam por toda parte, Hiroshima realizava um festival das flores. Barracas de diversões margeavam o bulevar, onde ocorriam longos desfiles, com carros alegóricos, bandas de música e milhares de participantes. No quadragésimo aniversário da bomba, Nakamura-san dançou com as mulheres do Grupo de Estudo de Música Folclórica Japonesa, dispostas em sessenta fileiras de seis. Erguendo os braços em gestos que expressavam alegria e batendo palmas em ritmo ternário, elas dançaram ao som de *Oiwai-Ondo*, uma canção que falava de felicidade:

Pinheiros verdes, grous e tartarugas...

Contem a história de suas agruras

E riam duas vezes.

A bomba explodira quatro décadas antes. Como parecia distante!

Nesse dia o sol era abrasador. Manter os passos cadenciados e os braços erguidos durante horas era cansativo. No meio da tarde Nakamura-san sentiu uma tontura repentina. Quando se deu conta, profundamente constrangida, estava sendo carregada para uma ambulância, apesar de suas súplicas para que a largassem. No hospital declarou que estava bem e só queria ir para casa. Deixaram-na ir.

2. DR. TERUFUMI SASAKI

As lembranças dos dias e noites apavorantes que se seguiram à explosão ainda atormentavam o Dr. Terufumi Sasaki — que pelo resto da vida tentaria afastá-las. Além de cumprir seus deveres como cirurgião do hospital da Cruz Vermelha, agora ele tinha de atravessar a cidade, toda quinta-feira, para ir até a Universidade de Hiroshima trabalhar em sua tese de doutorado sobre tuberculose apendicular. Como era costume no Japão, fora autorizado a exercer a profissão assim que se formou. A maioria dos jovens internos demorava cinco anos para concluir os estudos complementares que lhes conferiam o título de doutor; o Dr. Sasaki demorou dez.

Naquele ano viajava uma hora de trem desde a pequena cidade de Mukaihara, onde sua mãe morava, até Hiroshima. Sua família tinha dinheiro — e, com o passar dos anos, ele constatou (assim como muitos de seus colegas japoneses) que o remédio mais eficaz para qualquer coisa que o incomodasse era moeda sonante ou crédito, e, quanto maior a dose, melhor o efeito. Seu avô acumulara propriedades, que incluíam vastas e valiosas áreas verdes nas montanhas. Seu falecido pai, igualmente médico, ganhara um bom dinheiro numa clínica particular. Na época turbulenta de fome e crime que se seguiu ao bombardeio, os ladrões arrombaram dois depósitos vizinhos à casa de sua mãe e levaram muitos bens preciosos, como uma caixa de laca que o imperador dera a seu avô, um estojo antigo de pincéis e tinta de escrever e um quadro clássico com a figura de um tigre que valia, sozinho, 10 milhões de ienes, ou mais de 25 mil dólares.

Seu casamento ia bem. O Dr. Sasaki soubera escolher. Não havia em Mukaihara muitos bons partidos como ele, e numerosos agentes matrimoniais o sondaram. Algumas sugestões lhe interessaram. Entretanto, o pai de uma noiva em potencial recebeu seu agente e recusou sua proposta — talvez por conhecer sua reputação de mau rapaz, de "mulherengo", como diziam alguns; talvez por saber que ele andara clinicando sem licença em Mukaihara, depois de seu expediente no hospital da Cruz Vermelha; talvez por ser extremamente cauteloso.

Consta que esse homem não só seguia à risca o ditado japonês que recomenda: "Antes de cruzar uma velha ponte de ferro, olhe bem", como não a cruzava nem mesmo depois de olhar bem. Nunca na vida o Dr. Sasaki sofrera esse tipo de recusa, e ele resolveu que aquela moça tinha de ser sua esposa; assim, com a ajuda de dois persistentes intermediários, conquistou a confiança do precavido pai. Agora, casado havia apenas alguns meses, rapidamente descobria que sua mulher era mais sábia e mais sensata que ele.

Nos cinco anos seguintes grande parte de seu trabalho no hospital da Cruz Vermelha consistia em remover quelóides — as excrescências vermelho-cobre, medonhas, grossas, prurientes, elásticas, em forma de caranguejo, que surgiam com freqüência sobre as queimaduras graves dos *hibakusha*, em especial dos que tinham sido expostos ao calor da bomba num raio de dois quilômetros a partir do hipocentro. O Dr. Sasaki e seus colegas tateavam às cegas, pois não dispunham de bibliografia confiável sobre o assunto. Descobriram que os quelóides recidivavam depois de extraídos. Alguns infeccionavam, se não recebiam tratamento, e outros retesavam os músculos subjacentes. Os médicos acabaram chegando à conclusão de que não deviam ter retirado muitas dessas formações. Com o tempo elas tendiam a retrair-se espontaneamente e então podiam ser extirpadas com facilidade ou permanecer intactas.

Em 1951 o Dr. Sasaki decidiu deixar o hospital, com suas terríveis lembranças, e, como seu pai, abrir uma clínica particular em Mukaihara. Era um homem ambicioso. Seu irmão mais velho herdaria a clientela do pai, conforme o costume das famílias de médicos japonesas; quanto a ele, sendo o segundo filho, teria de construir sua carreira sozinho. Em 1939 partira para a China, seduzido pela propaganda da época, que acenava com a possibilidade de fazer fortuna nas vastidões inexploradas do país, e lá cursou a Faculdade Japonesa do Leste de Medicina, em Tsingtao. Ao diplomar-se, voltou para Hiroshima, pouco antes do bombardeio. Seu irmão tinha morrido na guerra, de modo que agora ele estava livre — não só para clinicar na cidade de seu pai, mas também para afastar-se de Hiroshima e de sua condição de *hibakusha*. Nas quatro décadas seguintes, nunca falou com ninguém sobre as horas e os dias subseqüentes à explosão.

Como seu avô sempre depositara grandes somas no Banco de Hiroshima, o Dr. Sasaki esperava obter um bom empréstimo para montar sua clínica. Entretanto o gerente argumentou que esse tipo de empreendimento numa cidade tão pequena poderia não vingar e limitou seu crédito a 300 mil ienes, ou menos de mil dólares. Assim, o Dr. Sasaki começou a receber seus clientes na casa dos sogros, onde não só realizava cirurgias simples — de apêndice, úlceras gástricas, fraturas expostas —, como se atrevia a praticar todas as especialidades médicas, com exceção de ginecologia e obstetrícia. Saiu-se surpreendentemente bem. Em pouco tempo já estava atendendo quase cem pacientes por dia, alguns dos quais percorriam distâncias consideráveis para consultá-lo. Ao tomar conhecimento de seu sucesso, o banco elevou seu limite de crédito para 1 milhão de ienes.

Em 1954 o Dr. Sasaki construiu uma clínica no complexo pertencente à

família de sua esposa: um prédio de dois andares, com dezenove leitos e espaço disponível para 280 esteiras. Para financiar a obra, tomou um empréstimo bancário de 300 mil ienes e vendeu uma quantidade de madeira das terras que herdara do avô. Com uma equipe de cinco enfermeiras e três estagiários, trabalhava seis dias por semana, das oito e meia da manhã às seis da tarde, e continuou prosperando.

Muito antes disso os médicos de Hiroshima começaram a deparar-se com conseqüências da exposição à bomba bem mais sérias que os traumatismos e os quelóides tão dramaticamente visíveis nos primeiros dias. Os sintomas violentos da radiointoxicação primária desapareceram pouco a pouco na maioria dos pacientes, porém logo se evidenciou que os *hibakusha* estavam propensos a seqüelas mais profundas e muito mais perigosas das enormes doses de radiação que os tinham afetado. Em 1950, verificou-se que a ocorrência de leucemia nos sobreviventes era muito maior que no restante da população; entre os que sofreram exposição num raio de um quilômetro a partir do hipocentro, a incidência era de dez a cinquenta vezes superior à média. Ao longo dos anos os *hibakusha* passaram a temer o surgimento de "pintas roxas", pequenas manchas hemorrágicas sintomáticas da leucemia. Posteriormente outras formas de câncer, com períodos de latência mais extensos que o da leucemia, manifestaram-se em índices mais elevados que os normais: carcinomas na tireóide, nos pulmões, nas mamas, nas glândulas salivares, no estômago, no fígado, nas vias urinárias e nos órgãos reprodutores masculinos e femininos. Alguns sobreviventes — inclusive crianças — começaram a apresentar a chamada catarata da bomba A. Registraram-se problemas de crescimento em crianças expostas à radiação, e — uma das constatações mais chocantes — alguns bebês que ainda estavam no ventre materno por ocasião da explosão nasceram com a cabeça menor que o normal. Sabendo-se que a radiação afetava os genes de animais de laboratório, difundiu-se entre muitos *hibakusha* o medo de que seus futuros descendentes pudessem sofrer mutações. (Só no final da década de 60 as análises mostraram algumas aberrações cromossômicas em sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki, e naturalmente demoraria muito mais tempo para determinar os eventuais efeitos sobre sua progênie.) Muitos médicos — bem como a maioria das vítimas em potencial — atribuíam à exposição à bomba várias enfermidades menos graves que o câncer: diversos tipos de anemia, disfunções hepáticas, problemas sexuais, distúrbios endócrinos, envelhecimento acelerado e a inegável debilitação (que não chegava a ser uma doença) da qual muitos se queixavam.

Não tendo sofrido nenhum desses transtornos, à exceção da debilitação, o Dr. Sasaki deu pouca ou nenhuma atenção a tais revelações. Não as acompanhou devidamente nas publicações especializadas. Em sua cidade, nas montanhas, tratou de poucos *hibakusha*. Vivia fechado no presente.

A fim de informar-se sobre as últimas novidades no campo da anestesia, em 1963 o Dr. Sasaki procurou seu antigo chefe no hospital de Hiroshima, o Dr.

Tatsutaro Hattori, que agora era diretor-geral do hospital da Cruz Vermelha de Yokohama, para onde se transferira depois de haver tido radiointoxicação. O Dr. Hattori lhe sugeriu que aproveitasse o moderníssimo equipamento do hospital para submeter-se a um exame completo. Sugestão aceita, uma tomografia do tórax revelou uma mancha no pulmão esquerdo. O Dr. Sasaki fumava. Sem mencionar o que se averiguara sobre a incidência de câncer de pulmão em *hibakusha* — talvez por achar que o outro certamente estava a par dessas descobertas —, o Dr. Hattori recomendou uma biópsia. Ao voltar da anestesia, o Dr. Sasaki soube que todo o seu pulmão esquerdo fora removido.

Algumas horas depois da cirurgia a ligadura de um dos vasos sanguíneos da cavidade pulmonar se rompeu, e o paciente sofreu uma grave hemorragia, que perdurou por quase uma semana. No final desse período, como ele continuasse tossindo sangue e enfraquecendo cada vez mais, reuniu-se a seu redor um pequeno grupo que, a seus olhos, parecia velá-lo: sua mulher, o Dr. Hattori, a zeladora do hospital e várias enfermeiras. O Dr. Sasaki agradeceu-lhes, despediu-se da esposa e morreu.

Ou melhor: pensou que tinha morrido. Ao cabo de algum tempo recuperou a consciência e começou a convalescer.

Anos depois classificou essa experiência como a mais importante de sua vida — mais importante que a bomba. Assombrado pela solidão que sentira quando se julgou morto, agora fazia o possível para aproximar-se mais da mulher e dos filhos — dois meninos e duas meninas. Um dia surpreendeu-se com um comentário de uma tia: "Você é um homem de sorte, Terufumi. Afinal, *wajin-jutsu* — a medicina é a arte da compaixão". Ele nunca havia meditado sobre o significado dessas palavras, repetidas para todos os estudantes japoneses de medicina. Decidiu que dali em diante seria calmo e sereno e não deixaria de fazer nada que pudesse por um paciente. Tentaria ser gentil com pessoas que detestava. Deixaria de caçar e de jogar *mah-jongg* ¹³¹. "Você alcançou a maturidade depois dos quarenta", sua esposa observou. "Eu cresci aos vinte e poucos".

Ele não largou o cigarro.

Em 1972 sua mulher morreu de câncer de mama — a terceira crise de sua vida. O Dr. Sasaki experimentava agora outro tipo de solidão, permanente e intensa, relacionada com a morte. E mergulhou no trabalho, mais incansável que nunca.

A morte da esposa e sua quase-morte, bem como sua consciência de que já não era jovem, levaram-no a pensar nos velhos. Ele resolveu construir uma clínica bem maior, onde poderia praticar geriatria. Esse ramo da arte da compaixão atraía então alguns dos médicos japoneses mais competentes e por acaso se tornava também extremamente lucrativo. Conforme o Dr. Sasaki

explicou aos amigos, que riram do que consideraram um exagero de sua parte, todos os indivíduos com mais de sessenta anos sofriam de achaques e de dores, precisavam de massagens, de termoterapia, de acupuntura, de moxa e do conforto de um médico amigo — e o procurariam aos bandos.

Em 1977 seu crédito junto ao Banco de Hiroshima aumentara, permitindo-lhe tomar um empréstimo de 19 milhões de ienes, ou cerca de 80 mil dólares. Com esse dinheiro ele ergueu na periferia da cidade um imponente edifício de concreto, com quatro andares, dezenove leitos para internos e instalações para reabilitação, além de um esplêndido apartamento para si mesmo. Contratou uma equipe de três acupunturistas, três fisioterapeutas, oito enfermeiras, quinze paramédicos e profissionais encarregados da manutenção. Seus dois filhos, Yoshihisa e Ryuji, agora também formados em medicina, iam ajudá-lo em períodos de excepcional movimento.

Ele acertara com relação aos bandos. Mais uma vez trabalhava das oito e meia às seis, seis dias por semana, e atendia em média 250 pacientes por dia. Alguns vinham de cidades distantes, como Kure, Ondo e Akitsu, no litoral; outros, de aldeias espalhadas por toda a prefeitura.^[4] Valendo-se das vantajosas deduções tributárias permitidas aos médicos japoneses, o Dr. Sasaki economizou vultosas quantias, e, à medida que pagava seus empréstimos, sua linha de crédito subia. Ocorreu-lhe construir um lar para idosos, que custaria 200 milhões de ienes. A Associação Médica do Condado de Takata teria de aprovar o projeto. Recusou-o. Logo depois um importante membro da associação construiu na cidade de Yoshida um lar exatamente igual.

Sabendo que os três maiores prazeres de seus pacientes idosos eram as visitas dos familiares, a boa alimentação e um banho relaxante, o destemido Dr. Sasaki usou os empréstimos bancários para erguer uma luxuosa casa de banho no local de sua antiga clínica. Embora a destinasse basicamente a seus pacientes, abriu-a também à população em geral, cobrando um ingresso mais caro que o dos estabelecimentos públicos: afinal, oferecia banheiras de mármore. Para manter o novo empreendimento gastava mensalmente meio milhão de ienes (dedutíveis do imposto de renda).

Todas as manhãs reunia-se com sua equipe e pronunciava seu sermão predileto: não trabalhar só por dinheiro; cumprir em primeiro lugar as obrigações para com o paciente e deixar o dinheiro em segundo plano; a vida é curta, não se vive duas vezes; o vendaval arranca as folhas e as volteia, mas acaba largando-as, e elas se amontoam.

O Dr. Sasaki via seu capital crescer mais e mais. Segurara sua vida em 100 milhões de ienes e sua perícia profissional em 300 milhões de ienes. Dirigia um BMW branco. Tinha vasos raros em sua sala de estar. Apesar das enormes deduções tributárias facultadas aos médicos japoneses, pagava o maior imposto de renda do condado de Takata (37 mil habitantes) e um dos dez maiores de toda a prefeitura de Hiroshima (doze cidades grandes e 68 cidades pequenas em quinze condados; 2,7 milhões de habitantes).

Quando lhe ocorreu escavar o terreno vizinho à clínica em busca de fontes subterrâneas de águas quentes para a instalação de termas, encomendou um levantamento à Empresa de Engenharia Geológica de Tóquio, que lhe garantiu: se cavasse oitocentos metros, conseguiria bombear, por minuto, entre sessenta e cem litros de água, numa temperatura de 26 a 30 °C. O Dr. Sasaki sonhava com um balneário e calculou que poderia fornecer águas termais a três hotéis. Em junho de 1985 deu início à escavação.

Nessa época começou a parecer meio esquisito aos olhos de seus colegas de Hiroshima. Ao contrário deles, não se mostrava fascinado pela exclusiva alta sociedade das agremiações médicas. Preferia outras coisas, como, por exemplo, patrocinar um campeonato de *gateball* — uma variante primitiva do croquet — em Mukaihara; com frequência usava uma gravata—que lhe custara 5 mil ienes, ou vinte dólares — com as palavras *Gate Bali* bordadas em inglês. Seu maior prazer, além do trabalho, era saborear comida chinesa no subsolo do Grand Hotel de Hiroshima e, no fim da refeição, acender um cigarro Mild Seven, que trazia no maço, além da marca em inglês, uma cortês advertência em japonês: "Tomemos cuidado para não fumar demais, pelo bem de nossa saúde".

Agora o Dr. Sasaki conseguia encarar Hiroshima, porque uma vistosa fênix emergira das ruínas de 1945: uma cidade extraordinariamente linda, com mais de 1 milhão de habitantes — dos quais apenas um em dez era *hibakusha* —, com edifícios modernos erguendo-se ao longo de largas avenidas arborizadas, com carros japoneses que ostentavam nomes ingleses e pareciam novos em folha; uma cidade de batalhadores e sibaritas, com 753 livrarias e 2356 bares. Se lembranças do passado ainda o afligiam, o Dr. Sasaki aprendera a conviver com seu único pesar: o de que não fora possível identificar todos os corpos dos que morreram no hospital da Cruz Vermelha, nos primeiros dias após a explosão, e foram arrastados para as cremações em massa; tantos anos depois essas almas anônimas ainda podiam estar vagando, abandonadas e insatisfeitas.

3. PADRE WILHELM KLEINSORGE

Hospitalizado pela segunda vez em Tóquio, o padre Kleinsorge penava com febre alta, diarreia, feridas que não cicatrizavam, variações violentas na contagem dos glóbulos sanguíneos e exaustão. Pelo resto da vida seria um caso clássico daquela forma imprecisa de doença da bomba A em que o paciente apresentava uma ampla variedade de sintomas, dos quais poucos podiam ser corretamente atribuídos à radiação, porém muitos apareciam nos *hibakusha*, em combinações e graus diferentes, com tanta frequência que alguns médicos e quase todos os enfermos os relacionavam com a bomba.

O padre Kleinsorge levou essa vida de sofrimento com o mais extraordinário

altruísmo. Ao receber alta do hospital, voltou para a pequena capela de Noborimachi que ajudara a construir e continuou cumprindo abnegadamente seus deveres pastorais.

Em 1948 foi nomeado pároco da igreja de Misasa, em outra parte da cidade. Ainda não havia muitos edifícios altos em Hiroshima, e, como essa igreja era grande, os moradores locais a chamavam de palácio Misasa. Havia um convento das Auxiliadoras das Almas Santas, ligado ao "palácio", e, além de rezar a missa, ouvir confissões e dar aulas de religião, o padre Kleinsorge organizava retiros de oito dias para as noviças e as freiras, que durante esse período se mantinham em silêncio, comungavam e recebiam instruções diariamente. O jesuíta ainda visitava Sasaki-san e outros *hibakusha* doentes e feridos e até cuidava dos filhos pequenos de jovens mães. Frequentemente viajava uma hora de trem para confortar os tuberculosos do sanatório de Saijyo.

Por mais duas vezes esteve hospitalizado em Tóquio. Seus colegas alemães achavam que, com tantos afazeres, ele se preocupava excessivamente com os outros e muito pouco consigo mesmo. Como se não lhe bastasse seu obstinado senso do dever missionário, o padre Kleinsorge assimilara o espírito japonês do *enryo* — o que implica deixar de lado o próprio eu e priorizar os desejos alheios. Os outros jesuítas temiam que tamanha bondade acabasse matando-o literalmente; consideravam-no demasiado *rücksichtsvoll* — demasiado atencioso. Ele sempre distribuía as guloseimas que seus parentes lhe enviavam da Alemanha. Quando ganhava penicilina de algum médico da Ocupação, repassava-a a paroquianos que não estavam tão doentes quanto ele. (Um de seus muitos males era a sífilis, que contraíra, aparentemente, por meio de uma transfusão de sangue, em uma de suas internações hospitalares, e da qual se curaria mais tarde.) Mesmo com febre alta, dava aulas de catecismo. Ao retornar de suas visitas pastorais, após uma longa caminhada, praticamente desabava nos degraus da reitoria, cabisbaixo — uma imagem de absoluta desolação. No dia seguinte saía de novo pelas ruas.

Paulatinamente, durante anos de trabalho infatigável, preparou sua modesta messe: cerca de quatrocentos batismos e de quarenta casamentos.

O padre Kleinsorge amava os japoneses e seus costumes. Era casado com o Japão, dizia, brincando, o padre Berzikofer, um de seus colegas alemães. Pouco depois de se instalar em Misasa, ele soube que a Dieta havia aprovado uma nova lei de naturalização, exigindo dos interessados os seguintes requisitos: morar no país há pelo menos cinco anos, ter mais de vinte anos, gozar de plena saúde mental, possuir bom caráter, ser capaz de se sustentar e estar disposto a aceitar uma única nacionalidade. O padre Kleinsorge se apressou a apresentar provas de que preenchia todos esses requisitos e, meses depois, tornou-se cidadão japonês, registrando-se com o nome que usaria dali em diante: padre Makoto Takakura.

Na primavera e no verão de 1956, sua saúde precária declinando ainda mais,

o padre Takakura trabalhou por alguns meses na pequena paróquia do distrito de Midorimachi. Cinco anos antes o reverendo Kiyoshi Tanimoto, seu velho conhecido, passara a ensinar religião para um grupo de moças cujos rostos estavam desfigurados por quelóides. Posteriormente algumas dessas Donzelas de Hiroshima, como eram chamadas, foram levadas para os Estados Unidos, onde se submeteram a cirurgia plástica. Uma delas, Tomoko Nakabayashi, que o padre Takakura convertera e batizara, morreu na mesa de cirurgia, no Mount Sinai Hospital, de Nova York. O primeiro grupo de Donzelas que regressou a Hiroshima, naquele verão de 1956, entregou suas cinzas à família, e coube ao padre Takakura presidir a cerimônia fúnebre. Durante o ritual ele quase desmaiou.

Em Noborimachi se pôs a catequizar as mulheres — mãe e duas filhas — da rica e culta família Naganishi. Com febre ou não, sempre a pé, visitava-as toda noite. Às vezes chegava cedo demais e caminhava pela rua, de um lado para o outro, até as sete horas em ponto, quando tocava a campainha. Ao entrar no saguão, olhava-se no espelho e ajeitava o cabelo e o hábito, antes de passar à sala de estar. A aula demorava uma hora. Quando terminava, as Naganishi serviam chá e doces, e os quatro conversavam até as dez horas. Ele se sentia à vontade nessa casa. Hisako, a caçula, era-lhe muito afeiçoada e, dezoito meses depois, quando seus vários sintomas se agravaram tanto que exigiram uma nova hospitalização, pediu-lhe que a batizasse; ele realizou o batismo no dia anterior a sua entrada no hospital da Cruz Vermelha de Hiroshima, onde permaneceria por todo um ano.

Sua queixa mais séria referia-se a uma curiosa infecção nos dedos, que causara inchaço e pus e não cedia. O quadro incluía febre e sintomas típicos de gripe, um número muito baixo de glóbulos brancos e dor nos joelhos, particularmente no esquerdo, e em outras articulações. Os dedos foram operados e sararam pouco a pouco. A leucopenia foi tratada. O paciente recebeu alta, mas, antes de deixar o hospital, foi examinado por um oftalmologista, que constatou uma incipiente catarata da bomba A.

O padre Takakura voltou para seu numeroso rebanho de Misasa, porém encontrava dificuldades cada vez maiores para carregar o fardo que tanto amava. Começou a sentir uma dor nas costas que, segundo os médicos, devia-se a uma pedra nos rins; acabou por expeli-la. Debilitado por dores constantes e por infecções que a deficiência de glóbulos brancos favorecia, ele se arrastava, ultrapassando o limite de suas forças.

Finalmente, em 1961, a diocese o transferiu para uma pequena paróquia de Mukaihara—a cidadezinha onde o Dr. Sasaki prosperava com sua clínica particular.

Situada no alto de uma ladeira íngreme, a paróquia de Mukaihara compreendia uma capela — com uma mesa de carvalho que funcionava como

altar e espaço suficiente para uns vinte fiéis ajoelhados sobre tatames, à maneira japonesa—e um minúsculo presbitério. O padre Takakura escolheu para seu dormitório um cubículo de cerca de dois metros quadrados, despojado como a cela de um monge; uma cela contígua servia-lhe de refeitório; a cozinha e o banheiro, mais abaixo, eram escuros, frios e igualmente exíguos. Um corredor estreito cortava o edifício, levando a um escritório e a um quarto bem maior, que o jesuíta, fiel a sua natureza, tinha reservado aos hóspedes.

Tão logo se instalou em Mukaihara, sentindo-se cheio de energia e baseado no princípio de que se colhem as melhores almas ainda verdes, o padre Takakura mandou construir duas salas junto à capela e nelas instalou o que chamou de Jardim-de-infância Santa Maria. Assim teve início uma vida austera para quatro católicos: o pároco, duas irmãs japonesas que instruíam as crianças e uma cozinheira japonesa. Poucos fiéis freqüentavam a igreja. O rebanho se resumia a quatro famílias de conversos — cerca de dez indivíduos no total. Às vezes ninguém assistia à missa de domingo.

Depois desse primeiro rasgo de energia, o padre Takakura rapidamente esmoreceu. Todas as semanas ia ao hospital da Cruz Vermelha submeter-se a um *check-up*. Na estação de Hiroshima pegava o que mais gostava de ler em viagem—os horários dos trens que percorriam a ilha de Honshu. Os médicos injetavam esteróides nas juntas doloridas e tratavam os sintomas crônicos que se assemelhavam aos de gripe; quando o paciente lhes informou que encontrara manchas de sangue em sua roupa de baixo, atribuíram-nas a novas pedras nos rins.

Em Mukaihara o padre Takakura procurava ser o mais discreto — o mais japonês — possível. Ocasionalmente usava trajes japoneses. Não querendo parecer que vivia no luxo, nunca comprava carne no mercado local, porém às vezes a adquiria na cidade. O padre Hasegawa, um japonês que o visitava de quando em quando, admirava seus esforços para levar sua naturalização à perfeição, mas sob muitos aspectos o achava inabalavelmente alemão. Se algum obstáculo o impedia de alcançar seu objetivo, o padre Takakura tendia a insistir com maior empenho, enquanto um japonês tentaria, mais diplomaticamente, encontrar outro caminho. No hospital, observava os horários de visitas ao pé da letra, recusando-se a receber quem chegasse fora de hora, ainda que tivesse vindo de longe. Uma vez, comendo com ele, o padre Hasegawa rejeitou sua oferta de uma tigela de arroz; disse que estava satisfeito. Mas depois, ao deparar-se com uns picles deliciosos que fizeram seu paladar clamar por arroz, decidiu, por fim, aceitar a tigela. Seu anfitrião ficou indignado (ou seja, agiu como alemão, a seu ver): como podia comer arroz e picles, se já estava satisfeito demais para comer arroz sozinho?

Nessa época o padre Takakura foi uma das muitas pessoas que o Dr. Robert J. Lifton entrevistou para escrever *Death in Life: Sur-vivors of Hiroshima*. Numa conversa, o sacerdote deu a entender que se identificava mais como *hibakusha* do que como japonês:

Se alguém me diz que está cansado [darui], e é um hibakusha que diz isso, sinto algo diferente do que se fosse uma pessoa comum.

Ele não precisa explicar [...] ele sabe tudo sobre desconforto — tudo sobre a tentação de entregar os pontos e mergulhar na depressão — e depois recomendar para procurar dar conta de sua tarefa. [...] As palavras "tenno heika" [Sua Majestade, o imperador] são diferentes para um japonês e para um ocidental — infundem no coração do estrangeiro um sentimento muito diferente do que infundem no coração do japonês. Algo semelhante ocorre quando uma vítima e uma pessoa que não é vítima ficam sabendo de outra vítima. [...] Uma vez um homem [...] me falou: "Eu vivi a experiência da bomba atômica" — e a partir daí a conversa mudou. Cada um de nós entendeu os sentimentos do outro. Não tivemos de dizer nada.

Em 1966 o padre Takakura precisou arrumar outra cozinheira. Sugeriram a Satsue Yoshiki, uma mulher de 35 anos, ex-paciente de tuberculose e recém-batizada, que se apresentasse para uma entrevista na igreja de Mukaihara. Tendo ouvido o nome japonês do padre, ela ficou perplexa ao deparar-se com um *gaijin*, um estrangeiro, vestido à maneira japonesa, e impressionou-se com seu rosto redondo e rechonchudo (inchado, na verdade, em função dos medicamentos) como o de um bebê. Foi o início de um relacionamento caracterizado pela absoluta confiança recíproca, no qual ela desempenharia um papel ambivalente: em parte filha, em parte mãe. Yoshiki-*san* se curvou à crescente fraqueza do patrão e cuidava dele com carinho. Cozinhas mal e, com isso, o irritava. Embora tivesse lhe assegurado que comia de tudo, até macarrão japonês, ele era impiedoso com seus pratos como nunca o fora com ninguém. Uma vez falou da "batata assada" que sua mãe preparava. Yoshiki-*san* tentou fazê-la. "Não é como a de minha mãe", o padre resmungou. Quando ia a Hiroshima, para seu *check-up*, ele se regalava com camarão frito. Yoshiki-*San* tentou fazê-lo. "Você deixou queimar", o padre resmungou. Ela ficava a seu lado no minúsculo refeitório, as mãos para trás, agarrando o batente da porta com tanta força que, com o tempo, descascou a pintura. No entanto, o sacerdote a elogiava, fazia-lhe confidências, brincava com ela, pedia-lhe desculpas sempre que se irritava. Yoshiki-*san* atribuía suas zangas à dor e o considerava gentil, puro, paciente, meigo, engraçado e profundamente bondoso.

Um dia, no final da primavera, pouco tempo após a chegada da nova cozinheira, um bando de pardais pousou num caquizeiro, junto à janela do escritório. O jesuíta bateu palmas para afugentá-los, e logo surgiram pintas roxas em suas mãos — as mesmas pintas que todos os *hibakusha* temiam. Os médicos de Hiroshima abanaram a cabeça. Quem poderia dizer o que eram? Pareciam manchas hemorrágicas, porém os exames de sangue não indicaram leucemia. Havia ocorrido pequenas hemorragias nas vias urinárias. "E se eu sangrar nos miolos?", o paciente perguntou. Ainda sentia dor nas juntas. Passou a sofrer de

disfunção hepática, pressão alta, dores nas costas, dores no peito. Um eletrocardiograma apontou uma anomalia. Os médicos lhe receitaram drogas para evitar problemas das coronárias, para combater a hipertensão e para controlar o diabetes. Deram-lhe ainda esteróides e hormônios. "Eu não tomo remédios", o padre Takakura disse para Yoshiki-*san*. "Eu os como". Em 1971 foi hospitalizado para proceder-se a uma biópsia do fígado; não estava com câncer.

Em todo esse período de declínio recebeu uma multidão de visitantes, que iam agradecer por tudo que lhes fizera. Hisako Naganishi, a mulher que ele batizara antes de sua longa internação, revelou-se particularmente fiel; levava-lhe sanduíches com pão de centeio alemão, que o sacerdote adorava, e substituía Yoshiki-*san*, quando a empregada folgava. Eventualmente o padre Berzikofer passava alguns dias no presbitério, e os dois conversavam e tomavam gim, bebida que o padre Takakura aprendera a apreciar muito.

Um dia, no início de 1976, o padre Takakura escorregou e caiu na ladeira gelada que conduzia à cidade. Na manhã seguinte Yoshiki-*san* o ouviu gritar seu nome. Encontrou-o no banheiro, debruçado sobre a pia, incapaz de se mover. Com toda a força de seu amor, carregou-o até a cama — ele pesava mais de 78 quilos — e o deitou. Durante um mês o jesuíta ficou acamado, sem poder se levantar. Yoshiki-*san* improvisou uma comadre e cuidou dele dia e noite. Por fim pediu emprestada uma cadeira de rodas e levou-o à clínica do Dr. Sasaki. Os dois homens haviam se conhecido anos antes, mas agora, um vivendo em sua cela de monge e o outro prestes a se mudar para o apartamento novo, na clínica de quatro andares, anos-luz os separavam. O médico tirou uma radiografia, não encontrou nada, diagnosticou nevralgia e recomendou massagem. Avesso à idéia de que uma mulher o massageasse, o padre Takakura contratou um homem. Durante a sessão segurava a mão de Yoshiki-*san*, e seu rosto se ruborizava. A dor era insuportável. Yoshiki-*san* alugou um carro e o conduziu ao hospital da Cruz Vermelha. Um raio X tirado com um aparelho maior apontou fraturas nas undécima e duodécima vértebras torácicas. O paciente foi submetido a uma cirurgia para aliviar a pressão sobre o nervo ciático direito e teve de usar colete ortopédico.

A partir de então não saiu mais da cama. Yoshiki-*san* lhe dava de comer, trocava-lhe as fraldas que ela mesma fizera e o banhava. Ele lia a Bíblia e os horários de trens — os únicos textos que nunca continham mentiras, garantiu à cozinheira. Sabia que trem se devia tomar para ir a determinado lugar, quanto custava uma refeição no vagão-restaurante e como fazer baldeação nessa ou naquela estação para economizar trezentos ienes. Um dia, furioso, chamou Yoshiki-*san*. Encontrara um erro. Só a Bíblia dizia a verdade!

Seus colegas finalmente o convenceram a internar-se no hospital Kobe Kaisei, em Kobe. Yoshiki-*san* o visitava. Ele arrumou uma cópia de seu quadro clínico, no qual estava escrito "um morto vivo". Declarou que queria ir para casa, e a fiel empregada o levou. "Graças a você minha alma conseguiu passar pelo purgatório", disse-lhe ele, já instalado em sua própria cama.

Estava cada vez mais fraco, e os jesuítas o transferiram para uma casa de dois cômodos, num vale próximo ao Noviciado, em Nagatsuka. Yoshiki-*san* lhe pediu para deixá-la dormir em seu quarto. Não, ele respondeu, seus votos não o permitiam. Mas era uma ordem do padre superior, ela mentiu. Imensamente aliviado, ele concordou. Depois disso raramente abriu os olhos. Alimentava-se de sorvete. Ao receber visitas, tudo que conseguia dizer era "Obrigado". Entrou em coma, e em 19 de novembro de 1977, tendo a seu lado um médico, um sacerdote e Yoshiki-*san*, exalou um profundo suspiro e faleceu.

Foi enterrado num tranqüilo pinheiral, no alto da colina sobranceira ao Noviciado.

PADRE WILHELM M. TAKAKURA, C. J.

R. I. P. 51

No correr dos anos, os padres e os irmãos do Noviciado de Nagatsuka constataram que quase sempre havia flores frescas em seu túmulo.

4. TOSHIKO SASAKI

Em agosto de 1946 Toshiko Sasaki recuperava-se lentamente das dores e da depressão que a atormentavam desde a explosão. Seus irmãos menores—Yasuo e Yaeko — escaparam ilesos porque estavam na casa da família, no bairro de Koi. Agora, morando com eles nessa casa, Sasaki-*san* começava a sentir-se viva novamente quando sofreu um novo choque.

Três anos antes seus pais tinham combinado seu casamento, e ela conhecera o rapaz que deveria ser seu marido. Os dois jovens gostaram um do outro e aceitaram o acordo firmado entre suas famílias. Alugaram uma casa, onde iriam morar, mas de repente o noivo foi convocado para servir na China. Sasaki-*san* soube que ele havia voltado, porém não o viu. Quando finalmente recebeu sua visita, ambos perceberam que o compromisso estava fadado a desmanchar-se. Sempre que o noivo ia a sua casa, o pequeno Yasuo, por quem ela se sentia responsável, sumia, irritado. Havia indicações de que a família do rapaz pensara melhor sobre a união de seu filho com uma *hibakusha* aleijada. Ele não apareceu mais. Escreveu-lhe cartas cheias de símbolos e imagens abstratas — sobretudo borboletas —, tentando expressar sua incerteza e provavelmente seu sentimento de culpa.

A única pessoa que a confortava era o padre Kleinsorge, que continuava visitando-a em Koi, claramente decidido a convertê-la. A lógica de sua catequese não a convencia, pois ela não conseguia aceitar a idéia de que um

Deus que lhe tirara os pais e lhe impusera provações tão cruéis fosse amoroso e misericordioso. Entretanto, a lealdade do sacerdote fazia-lhe bem, pois, apesar da fraqueza e da dor evidentes, ele percorria longas distâncias a pé, só para vê-la.

Sua casa se situava junto a um rochedo, onde havia um bambual. Um dia, pela manhã, ela saiu por um instante e ficou pasma, ao contemplar os raios do sol, brilhando nas folhas do bambu. Pela primeira vez em muito tempo sentiu-se surpreendentemente alegre. E ouviu-se rezando o Pai-Nosso.

Em setembro recebeu o batismo pelas mãos do padre Cieslik, já que o padre Kleinsorge estava hospitalizado em Tóquio.

Sasaki-san tinha algumas economias, que seus pais lhe deixaram, e se pôs a costurar para fora a fim de sustentar os irmãos, mas preocupava-se com o futuro. Aprendeu, sozinha, a andar sem muletas. Um dia, no verão de 1947, levou Yasuo e Yaeko para nadar em Suginoura. Na praia conversou com um jovem noviço coreano que estava ali com um grupo de crianças do catecismo. Depois de algum tempo, o rapaz lhe disse que achava impossível uma pessoa tão frágil continuar responsabilizando-se daquela maneira pelos irmãos. Falou-lhe de um bom orfanato existente em Hiroshima: o Jardim da Luz. Ela colocou as crianças no orfanato e pouco depois pleiteou uma vaga de ajudante. A contratação proporcionou-lhe o alívio de ficar com Yasuo e Yaeko.

Sasaki-san era eficiente. Parecia ter encontrado sua vocação, e no ano seguinte, convencida de que os irmãos estavam sendo bem-cuidados, aceitou uma transferência para outro orfanato, o Crisân-temo Branco, em Beppu, na ilha de Kyushu, onde poderia receber a formação profissional adequada para lidar com crianças. Na primavera de 1949 matriculou-se na Universidade de Oita, a meia hora de trem, e em setembro passou no exame que a habilitou a trabalhar na escola maternal. Permaneceu no Crisântemo Branco durante seis anos.

Sua perna esquerda estava torta, o joelho perdera a mobilidade, e as profundas incisões feitas pelo Dr. Sasaki atrofiaram-lhe a coxa. As freiras responsáveis pelo orfanato conseguiram-lhe uma internação no Hospital Nacional de Beppu. Sasaki-san ficou hospitalizada por catorze meses, ao longo dos quais sofreu três grandes cirurgias: a primeira, que não foi muito bem-sucedida, para restaurar a coxa; a segunda para devolver os movimentos ao joelho; e a terceira para fraturar a tíbia e a fibula e recolocá-las numa posição semelhante à original. Por fim ela se submeteu a um tratamento com águas termais, num centro de reabilitação. A perna lhe doeria pelo resto da vida, e o joelho nunca mais se dobraria totalmente, porém as duas pernas tinham agora mais ou menos o mesmo comprimento, permitindo-lhe um andar quase normal. Ela retomou suas atividades.

O Crisântemo Branco, com espaço para quarenta órfãos, situava-se nas imediações de uma base do exército americano; de um lado havia um campo de exercícios para os soldados e, do outro, as casas dos oficiais. Ao eclodir a Guerra da Coréia, a base e o orfanato lotaram. De quando em quando uma mulher aparecia com um bebê, dizendo que o pai era um militar americano e a mãe era

uma amiga que lhe pedira para entregá-lo aos cuidados das freiras. À noite jovens soldados tímidos, brancos e negros, deixavam a base sem permissão e iam suplicar para ver os filhos. Queriam examinar os pequenos rostos. Alguns procuravam as mães e as esposavam, embora talvez nunca mais tivessem contato com as crianças.

Sasaki-san se compadecia tanto das mães, algumas das quais eram prostitutas, quanto dos pais. Via os pais como rapazes confusos de dezenove e vinte anos, envolvidos numa guerra que não consideravam sua e sentindo-se vagamente responsáveis — ou culpados — por sua paternidade. Pensando dessa forma, chegou a uma conclusão incomum para uma *hibakusha*: que se enfatizava demais a bomba A e se dava pouca atenção aos males da guerra. Em sua visão amarga eram os *hibakushamenos* atingidos e os políticos ávidos de poder que faziam tanto estardalhaço em torno da bomba A. Não se falava muito sobre o fato de que o conflito vitimara indiscriminadamente japoneses que sofreram os efeitos da bomba atômica e dos bombardeios incendiários, chineses civis que foram atacados pelos japoneses, jovens japoneses e soldados americanos que foram convocados para morrer ou ser mutilados e, também, claro, prostitutas japonesas e seus filhos mestiços. Ela experimentara na carne a crueldade da bomba atômica, porém achava que se devia atentar mais para as causas que para os instrumentos da guerra total.

Cerca de uma vez por ano Sasaki-san viajava de Kyushu a Hiroshima para ver os irmãos e sempre passava pela igreja de Misasa a fim de visitar o padre Kleinsorge, que agora se chamava Takakura. Numa dessas viagens avistara o ex-noivo na rua e teve a certeza de que ele também a vira, porém não se falaram. "Você pretende trabalhar duro a vida inteira?" o padre Takakura lhe perguntou. "Não acha que devia se casar? Ou, se preferir não casar, não seria melhor tornar-se freira?" Ela pensou muito sobre essas perguntas.

Um dia, no Crisântemo Branco, recebeu a notícia de que seu irmão sofrera um acidente de automóvel que poderia ser fatal. Partiu imediatamente para Hiroshima. Um carro da radiopatrulha batera no de Yasuo; o policial fora culpado. Yasuo sobreviveu; quebrara quatro costelas e as duas pernas, ficou com o nariz e a testa deformados e perdeu a visão de um olho. Imaginando que teria de cuidar dele e sustentá-lo para sempre, Sasaki-san tratou de estudar contabilidade e, semanas depois, obteve seu certificado de contadora de terceira classe. Entretanto Yasuo restabeleceu-se de modo extraordinário e, com o dinheiro da indenização pelo acidente, matriculou-se numa escola de música para estudar composição. Sua irmã voltou para o orfanato.

Em 1954 ela visitou o padre Takakura e disse que, como nunca se casaria, estava na hora de entrar para o convento. Que convento lhe recomendava? Ele sugeriu a ordem francesa das Auxiliatrizes do Purgatório, Auxiliadoras das Almas Santas, instalada ali mesmo, em Misasa. Ela argumentou que não queria fazer parte de uma ordem que a obrigasse a falar outras línguas. Ele lhe prometeu que conviveria com japonesas.

Sasaki-san ingressou no convento e já nos primeiros dias constatou que o padre Takakura lhe mentira. Teria de aprender latim e francês. Ao toque do despertar, pela manhã, devia exclamar: "*Mon Jesus, miséricorde!*". Na primeira noite escreveu essas palavras na palma da mão, para lê-las quando ouvisse o toque, mas ao amanhecer estava muito escuro.

Ela teve medo de falhar. Não encontrou nenhuma dificuldade para aprender a biografia de Eugénie Smet, ou beata Maria da Providência, a fundadora da ordem, que em 1856 criara, em Paris, programas de assistência aos pobres e aos enfermos e acabara mandando para a China doze freiras, suas discípulas. Entretanto Sasaki-san estava com trinta anos e se achava velha demais para aprender latim, como qualquer colegial. Vivia encerrada no convento, saindo apenas para ir até Mitaki (duas horas de caminhada, sempre dolorosas para sua perna doente), uma montanha onde havia três belas cascatas. Acabou descobrindo em si mesma um vigor surpreendente e uma incrível tenacidade, que atribuiu ao autoconhecimento adquirido nas horas e nas semanas subsequentes à exposição. Quando a madre superiora Marie Saint-Jean de Kenti lhe perguntou o que faria se soubesse que falhara e teria de partir, respondeu: "Eu me agarraria naquela viga ali e resistiria com todas as minhas forças". E de fato resistiu. Em 1957 pronunciou seus votos de pobreza, castidade e obediência, tornando-se a irmã Dominique Sasaki.

A essa altura a ordem das Auxiliadoras conhecia sua força e confiou-lhe a direção do Jardim de São José, um lar de setenta idosos nas proximidades de Kurosaki, em Kyushu. A irmã Sasaki tinha apenas 33 anos e era a primeira japonesa a assumir esse posto, comandando uma equipe de quinze religiosas, entre as quais cinco francesas e belgas. Precisava negociar diretamente com burocratas locais e nacionais. Não dispunha de bibliografia sobre cuidados para com os velhos. Recebeu um edifício de madeira decrépito — um antigo templo — e uma instituição que mal conseguia dar de comer aos internos, alguns dos quais se viam obrigados a sair para catar lenha. A maioria dos homens havia trabalhado nas minas de carvão de Kyushu, notórias pela crueldade. Algumas freiras estrangeiras eram ríspidas e, ao contrário dos japoneses, expressavam-se de um jeito brusco, que magoava a irmã Sasaki.

Sua obstinação, conquistada a duras penas, falou mais alto, e ela conduziu o Jardim de São José por vinte anos. Seus conhecimentos de contabilidade permitiram-lhe implantar um sistema racional de escrituração. No fim, com a ajuda de conventos da ordem nos Estados Unidos, as Auxiliadoras levantaram dinheiro para um prédio novo, e a irmã Sasaki supervisionou a construção de uma estrutura de blocos de concreto no alto de uma colina. Poucos anos depois, um curso d'água subterrâneo começou a minar os alicerces, e a irmã Sasaki tratou de substituir o edifício por outro mais moderno, de concreto armado, com apartamentos individuais e duplos providos de banheiros no estilo ocidental.

Seu maior talento consistia em ajudar os internos a morrer em paz, ela dizia. Tinha visto tanta morte em Hiroshima, depois da bomba, e presenciara tanta

coisa estranha que as pessoas faziam ao confrontar-se com o fim, que agora não se surpreendia nem se assustava com nada. A primeira vez que velou um moribundo, no asilo, lembrou-se nitidamente de uma noite, logo após a explosão, quando estava deitada ao relento, abandonada, com dor, ao lado de um rapaz agonizante. Falara com ele a noite inteira e sobretudo se dera conta de sua terrível solidão. Vira-o morrer de manhã. Junto a um leito de morte, no Jardim de São José, nunca esquecia essa solidão. Falava pouco com o moribundo, mas segurava-lhe a mão ou lhe tocava o braço, simplesmente para mostrar que estava ali.

Uma vez um velho agonizante lhe confessou que apunhalara um homem pelas costas e o observara sangrar até morrer. O relato foi tão vívido que ela se sentiu testemunhando o crime. Embora o assassino não fosse cristão, a irmã Sasaki lhe garantiu que Deus o perdoava, e ele morreu tranqüilo. Outro velho era alcoólatra, como muitos mineiros de Kyushu. Tinha péssima reputação e fora abandonado pela família. No lar tentava com patética ansiedade agradar a todos. Prontificava-se a buscar carvão no depósito e cuidava da caldeira. Sofria de cirrose hepática e, apesar das recomendações em contrário, continuava aceitando a ração diária de 150 mililitros de destilado que o Jardim de São José piedosamente oferecia aos ex-mineiros. Uma noite vomitou durante o jantar, e um vaso sanguíneo se rompeu. Demorou três dias para morrer. A irmã Sasaki ficou a seu lado esse tempo todo, segurando-lhe a mão, para demonstrar-lhe que, em vida, ele a agradara.

Em 1970 a irmã Sasaki participou de uma conferência internacional de freiras trabalhadoras, realizada em Roma, e depois inspecionou obras de assistência social na Itália, Suíça, França, Bélgica e Inglaterra. Aposentou-se do Jardim de São José em 1978, aos 55 anos, e, como prêmio, ganhou uma viagem de férias à Santa Sé. Incapaz de permanecer ociosa, instalou-se a uma mesa, diante da basílica de São Pedro, para orientar turistas japoneses; depois fez turismo em Florença, Pádua, Assis, Veneza, Milão e Paris.

De volta ao Japão, trabalhou durante dois anos como voluntária na sede das Auxiliadoras em Tóquio; também durante dois anos atuou como superiora do convento da ordem em Misasa, onde fora noviça. Depois levou uma vida tranqüila como superintendente do dormitório feminino da escola de música onde seu irmão estudara; a Igreja assumira o estabelecimento, que passara a chamar-se Faculdade de Música Elizabeth. Yasuo se formara e agora lecionava composição e matemática num colégio de Kochi, na ilha de Shikoku. Yaeko casara-se com um médico que tinha sua própria clínica em Hiroshima, e a irmã Sasaki podia consultá-lo quando necessário. Além das constantes dificuldades com a perna, durante alguns anos sofrera uma série de distúrbios que — como no caso de muitos *hibakusha* — podiam ou não atribuir-se à bomba: disfunção hepática, suores noturnos e febres matinais, angina limítrofe, manchas hemorrágicas nas pernas e indícios de alterações ligadas a reumatismo presentes em exames de sangue.

Um dos momentos mais felizes de sua vida teve lugar em 1980, quando ela se encontrava na sede da ordem, em Tóquio, e foi homenageada com um jantar que celebrou seus 25 anos de freira. Por acaso uma segunda convidada de honra foi a diretora da irmandade em Paris, a madre-geral France Delcourt, que também comemorava 25 anos de Auxiliadora. A madre Delcourt presenteou-a com um retrato da Virgem Maria. A irmã Sasaki pronunciou um discurso: "Não me deterei no passado. Quando sobrevivi à bomba A, foi como se tivesse ganho uma vida sobressalente. Mas prefiro não olhar para trás. Vou continuar andando para a frente".

5. DR. MASAKAZU FUJII

Cinquentão jovial, o Dr. Fujii apreciava a companhia de estrangeiros e, com a clínica de Kaitaichi prosperando, tinha o prazer de receber, à noite, integrantes das forças de ocupação e oferecer-lhes um estoque de uísque Suntory que parecia inesgotável. Durante anos estudara idiomas, um dos quais era o inglês. O padre Kleinsorge, seu velho amigo, visitava-o, ao anoitecer, para ensinar lhe alemão. O médico também aprendera esperanto. Durante a guerra a polícia secreta japonesa acreditava que espões russos utilizavam o esperanto em seus códigos, e mais de uma vez interrogou o Dr. Fujii para saber se recebia mensagens do Comintern. Agora ele estava ansioso para fazer amizade com americanos.

Em 1948 ergueu uma nova clínica em Hiroshima, no lugar da que a bomba destruíra. Contentou-se com um modesto edifício de madeira, com meia dúzia de quartos para pacientes internos. Havia se doutorado em cirurgia ortopédica, mas depois da guerra esse ramo da medicina começou a subdividir-se. Antes ele se interessava particularmente por deslocamentos pré-natais do quadril, porém agora se achava muito velho para aprofundar-se nessa ou em outra especialidade; ademais, não dispunha do equipamento sofisticado que a especialização requeria. Removia quelóides, fazia apendicectomias e tratava de ferimentos; também atuava como clínico geral (e, eventualmente, cuidava de doenças venéreas). Ob-tinha penicilina com seus amigos da Ocupação. Atendia cerca de oitenta pessoas por dia.

Tinha cinco filhos adultos, que, em conformidade com a tradição japonesa, seguiram seus passos. Myeko, a primogênita, e Chieko, a caçula, casaram-se com médicos. Masatoshi, o mais velho dos varões, herdou a clínica de Kaitaichi e sua clientela; Keiji, o segundo filho, não estudou medicina, porém se tornou técnico de raio X; e Shigeyuki, o terceiro filho, integrava a equipe do hospital da Universidade Nihon, em Tóquio. Keiji morava com os pais numa casa que o Dr. Fujii construía perto da clínica de Hiroshima.

O Dr. Fujii não sofreu nenhum dos efeitos da superexposição a radiação e

evidentemente achava que a melhor terapia para qualquer dano causado pelos horrores da bomba consistia em observar o princípio do prazer. Até recomendava uma dose de álcool aos lubakusha que apresentavam sintomas da radiação. E se divertia. Compadecia-se de seus pacientes, mas não era adepto do trabalho excessivo. Mandou instalar uma pista de dança em sua casa. Comprou uma mesa de bilhar. Amante da fotografia, providenciou uma camara escura. Jogava *mah-jongg*. Adorava receber estrangeiros. Na hora de dormir suas enfermeiras o massageavam e, às vezes, aplicavam-lhe injeções terapêuticas.

Quando passou a se interessar por golfe, o Dr. Fujii ergueu um obstáculo de areia e instalou uma rede para treinar em seu jardim. Em 1955 desembolsou 150 mil ienes, ou pouco mais que quatrocentos dólares, para ser sócio do exclusivo Hiroshima Country Club. Não jogava muito golfe, mas, para grande alegria de seus filhos, manteve o título familiar. Trinta anos depois o ingresso no clube custaria 15 milhões de ienes, ou 60 mil dólares.

O Dr. Fujii também sucumbiu à paixão dos japoneses pelo beisebol. E corrigiu publicamente o nome do time de Hiroshima — Carps —, assinalando que, em inglês, o plural do substantivo que designa esse peixe [carpa] — e esses jogadores homônimos — não tem "s". Com freqüência ia assistir às partidas no enorme estádio construído a pequena distância da Cúpula da Bomba A — as ruínas do Salão da Promoção Industrial de Hiroshima, que a cidade preservara como seu único lembrete concreto da explosão. Em suas primeiras temporadas, apesar de contar com uma torcida fanática, os Carp tiveram um desempenho lamentável, semelhante ao dos Brooklyn Dodgers e dos New York Mets nas piores fases. Mas o Dr. Fujii torcia pelos Swallows de Tóquio, cujo distintivo ostentava na lapela.

Ao ressurgir como uma cidade inteiramente nova, Hiroshima passou a ter uma vida noturna das mais agitadas do Japão, concentrada numa área onde grandes luminosos coloridos de néon piscavam e acenavam para os freqüentadores em potencial de bares, casas de gueixas, lanchonetes, danceterias e prostíbulos. O Dr. Fujii começava a ter fama de *puraboy*, ou *playboy*, e uma noite resolveu ensinar seu filho Shigeyuki a ser homem. O rapaz tinha vinte anos, era inexperiente e estava em casa descansando dos estudos (cursava a faculdade de medicina de Tóquio). O pai o levou a um estabelecimento onde havia uma enorme pista de dança e várias moças enfileiradas junto à parede. Shigeyuki lhe disse que não sabia o que fazer; estava com as pernas bambas. Depois de comprar um ingresso e escolher uma jovem particularmente bonita, o Dr. Fujii ordenou ao filho que a cumprimentasse com uma reverência, a conduzisse para a pista e repetisse os passos que lhe ensinara em casa. Pediu à moça para ser gentil com o rapaz e foi embora.

Em 1956 viveu uma aventura. No ano anterior, quando as chamadas Donzelas de Hiroshima foram submeter-se a cirurgia plástica nos Estados Unidos, dois cirurgiões de Hiroshima as acompanharam. Esses médicos não podiam ficar lá por mais de um ano, e o Dr. Fujii foi um dos escolhidos para

substituí-los. Partiu em fevereiro, e durante dez meses desempenhou o papel do pai amoroso de 25 jovens mutiladas. Observou as operações no Mount Sinai Hospital e atuou como intérprete entre os médicos americanos e as moças, ajudando-as a entender todo o processo. Foi um prazer para ele poder conversar em alemão com as viúvas de alguns colegas judeus, e, numa recepção, ninguém menos que o governador do estado de Nova York o cumprimentou por seu inglês.

Hospedadas em casa de famílias americanas que quase ou absolutamente não falavam japonês, as moças muitas vezes se sentiam solitárias, e o Dr. Fujii vivia inventando maneiras de animá-las. Era brincalhão e atencioso. Levava pequenos grupos, de duas ou três, a restaurantes japoneses. Uma vez um médico americano e sua esposa o convidaram para uma festa. Uma das Donzelas, Michiko Yamaoka, passara por uma grande cirurgia três dias antes e estava com o rosto envolto em bandagens e as mãos enfaixadas e presas ao corpo. O Dr. Fujii não queria perder a festa e convenceu seu colega americano a liberar a paciente por uma noite, além de providenciar uma limusine vermelha aberta e uma escolta policial com sirene e tudo. No caminho parou numa loja, pagou dez centavos de dólar para Michiko montar um cavalo mecânico e pediu ao policial que o fotografasse escarranchado na montaria de brinquedo.

Eventualmente saía sozinho para se distrair. O Dr. Takahashi, o outro médico japonês que acompanhava as Donzelas, dividia o quarto com ele; era um homem que bebia pouco e tinha o sono leve. Tarde da noite, o Dr. Fujii voltava para o hotel, fazia um barulho infernal, caía na cama e dava início a uma ruidosa sinfonia de roncos. Divertia-se muito.

Seria tão feliz sete anos depois, em Hiroshima? O marido de sua filha Chieko achava que não. Percebia nele sinais de crescente teimosia e rigidez e uma tendência à melancolia. A fim de aliviar a carga de trabalho do pai, Shigeyuki largou o consultório em Tóquio, [instalou-se](#) numa casa que o dr. Fujii construíra a cerca de um quarteirão da clínica e tornou-se seu assistente. Uma nuvem na vida do velho médico foi uma disputa no Lions Club de Hiroshima, do qual ele era presidente. Tratava-se de decidir se o clube devia tentar, através de sua política de admissão, converter-se numa organização exclusiva da alta sociedade, como algumas agremiações de médicos japoneses, ou continuar sendo essencialmente uma instituição prestadora de serviços, aberta a todos. O Dr. Fujii defendia a segunda alternativa, e, quando lhe pareceu que perderia a disputa, renunciou à presidência.

Seu relacionamento com a esposa estava ficando cada vez mais difícil. Desde sua viagem aos Estados Unidos, ele queria uma casa como a de um dos médicos do Mount Sinai, e agora, para sua tristeza, construía um sobrado de concreto para morar sozinho ao lado da casa onde o terceiro filho se instalara. O térreo abrigava uma sala de estar e uma cozinha em estilo americano; no primeiro andar situava-se a biblioteca, repleta de volumes encadernados (mais tarde Shigeyuki descobriu que esses volumes continham cópias meticulosas das anotações feitas em classe por um certo Iwamoto, colega de faculdade de seu

pai, mais brilhante que ele); o segundo andar compreendia um dormitório japonês, com espaço para oito esteiras, e um banheiro americano.

No final de 1963 o Dr. Fujii apressou a conclusão das obras; queria dormir no sobrado por algumas noites para experimentar as acomodações antes de alojar um casal americano que hospedara umas Donzelas e deveria chegar a Hiroshima logo após o Ano-Novo. Sua mulher reclamou da pressa, mas no fim de dezembro ele teimosamente se mudou.

Réveillon de 1963. O Dr. Fujii estava confortavelmente sentado no tatame da sala de estar de Shigeyuki, com as pernas num *kotatsu*, um aquecedor elétrico para os pés, embutido no chão. O terceiro filho, a nora e outro casal faziam-lhe companhia; sua esposa não estava presente. O plano era tomar alguns drinques e assistir na televisão a um programa especial de réveillon chamado *Ko-haku Uta-Gassen*, uma competição entre equipes vermelha (feminina) e branca (masculina) de cantores populares escolhidos pelos telespectadores; famosas atrizes, escritores, jogadores de golfe e de beisebol compunham o júri. O programa começaria às nove e terminaria às quinze para a meia-noite, quando o repicar dos sinos anunciaria o Ano-Novo. Por volta das onze horas, Shigeyuki notou que o pai, que não havia bebido muito, estava cabeceando, e sugeriu-lhe que fosse se deitar. Minutos antes de encerrar-se o programa, o Dr. Fujii se recolheu — dessa vez sem a assistência da enfermeira que geralmente lhe massageava as pernas e ajeitava-lhe as cobertas. Algum tempo depois, preocupado, Shigeyuki foi até a casa nova e, ao ver a luz acesa na janela do quarto, tranqüilizou-se, certo de que estava tudo bem.

A família devia reunir-se na manhã seguinte, às onze, para beber e tomar o tradicional desjejum do Ano-Novo, composto de *ozoni*, sopa, e *mochi*, bolos de arroz. Chieko e o marido chegaram, assim como outros convidados, e começaram a beber. Às onze e meia o Dr. Fujii ainda não tinha aparecido, e Shigeyuki mandou seu filho Masatsugu, de nove anos, chamá-lo pela janela. Como o avô não respondeu, o menino resolveu entrar. A porta estava trancada. Masatsugu pegou uma escada de mão na casa de um vizinho, subiu até o último degrau, chamou de novo e não obteve resposta. Quando relatou o fato, seus pais se alarmaram e foram para lá; então quebraram a janela mais próxima, abriram a porta e, sentindo cheiro de gás, correram escada acima. Encontraram o velho inconsciente; o aquecedor a gás que ficava na cabeceira de seu *futon*¹⁶¹ estava ligado, porém a chama se apagara. Estranhamente o ventilador também estava ligado, e decerto foi o ar fresco que manteve o Dr. Fujii vivo. Deitado de costas, ele parecia tranqüilo.

Os três médicos presentes — o filho, o genro e um convidado — fizeram o possível para reanimá-lo com oxigênio e equipamentos da clínica. Chamaram um dos melhores médicos que conheciam, o professor Myanishi, da Universidade de Hiroshima. Sua primeira pergunta: "Foi uma tentativa de suicídio?" A família achava que não. Não se podia fazer nada até 4 de janeiro,

pois nos feriados do Ano-Novo estava tudo fechado na cidade, e os serviços hospitalares se reduziam ao mínimo essencial. O Dr. Fujii permaneceu inconsciente, porém seus sinais vitais se mantiveram estáveis. No quarto dia uma ambulância parou diante de seu sobrado. Quando o carregaram escada abaixo, ele se mexeu. Recobrando os sentidos pouco a pouco, certamente pensou que o resgatavam após a explosão da bomba atômica. "Quem são vocês?" perguntou aos padoleiros. "Soldados?".

No hospital da universidade, começou a recuperar-se. Em 15 de janeiro, quando tiveram início os campeonatos anuais de sumo, pediu que lhe levassem o televisor portátil que comprara nos Estados Unidos e sentou-se na cama para assistir às lutas. Embora tivesse dificuldade para manejar os *hashi*, comia sozinho. Pediu uma garrafa de saquê.

A essa altura a família inteira estava mais tranqüila. Em 25 de janeiro ele defecou um líquido sanguinolento, desidratou-se e perdeu a consciência.

Durante os nove anos seguintes vegetou. Ficou dois anos e meio no hospital, sendo alimentado através de um tubo. Então o levaram para casa, onde sua esposa e uma fiel empregada continuaram alimentando-o através do tubo, trocavam-lhe as fraldas, banhavam-no, massageavam-no e lhe ministravam os medicamentos prescritos para combater suas infecções urinárias. Às vezes ele parecia reagir às vozes e às vezes parecia demonstrar vagas sensações de prazer ou desprazer.

Em 11 de janeiro de 1973, às dez horas da noite, Shigeyuki levou Masatsugu, o menino que subira a escada para chamar o avô no dia do acidente e agora era um estudante pré-médico de dezesseis anos, para a cabeceira do Dr. Fujii. Queria que o filho o visse com olhos de médico. Masatsugu ouviu a respiração e a pulsação do paciente, mediu-lhe a pressão e considerou o quadro estável; seu pai concordou.

Na manhã seguinte a mãe de Shigeyuki lhe telefonou: estava achando o marido muito esquisito. Quando o terceiro filho chegou, o dr. Fujii estava morto.

A viúva não queria autópsia. Shigeyuki a queria e recorreu a um arдил. Mandou levar o corpo para o crematório e, à noite, transportou-o às escondidas até o alto de uma colina, no leste da cidade, onde o confiou à Atomic Bomb Casualty Commission, uma instituição americana. Concluído o exame *post mortem*, foi buscar o relatório. Ao ver os órgãos do pai separados em vários recipientes, teve a estranha sensação de um último encontro e disse: "Aí está você, *Oto-chan* — aí está você, papai". Mostraram-lhe que o cérebro do Dr. Fujii se atrofiara, o intestino grosso aumentara e o fígado tinha um câncer do tamanho de uma bola de pingue-pongue.

Os restos foram cremados e enterrados no templo da Luz do Lótus, da seita budista Jodo Shinshu, perto da casa da família materna do morto, em Nagatsuka.

A história desse *hibakusha* teve um epílogo triste. Sua família brigou por causa de suas propriedades, e a viúva moveu uma ação contra um dos filhos.

6. KIYOSHI TANIMOTO

Um ano após a bomba, os habitantes de Hiroshima começaram a recuperar os montes de ruínas a que suas casas se reduziram. Muitos construíram toscas cabanas de madeira, cobertas com telhas retiradas dos escombros. Sem eletricidade para iluminar suas taperas, sozinhos, confusos e desiludidos, eles se reuniam à noite num espaço aberto, próximo à estação ferroviária de Yokogawa, para negociar no mercado negro e consolar-se mutuamente. Kiyoshi Tanimoto e outros quatro pastores protestantes também iam para essa área, com um trombeteiro e um tambor, e todos juntos executavam o hino "Avante, soldados de Cristo". Depois sucessivamente cada um dos religiosos subia num caixote e pregava. Com tão pouca distração disponível, uma multidão sempre se apinhava a seu redor, compreendendo até mesmo algumas *panpan*, prostitutas que ofereciam seus favores aos soldados americanos. A raiva de muitos *hibakusha* contra os americanos, que jogaram a bomba, voltava-se agora, sutilmente, contra seu próprio governo, que arrastara o país para uma agressão imprudente e fadada ao fracasso. Os pastores protestantes diziam que não adiantava nada culpar o governo; que a esperança dos japoneses consistia em arrepender-se de seus pecados e confiar em Deus: "Buscai primeiro o Reino de Deus e Sua justiça; e todas essas coisas vos serão acrescentadas. Não vos preocupeis, portanto, com o dia de amanhã: pois o dia de amanhã terá suas preocupações próprias. A cada dia bastam seus males"^[7].

Não tendo uma igreja para atrair conversos, se os houvesse, Kiyoshi Tanimoto logo percebeu a inutilidade dessa evangelização. Partes da estrutura reforçada de concreto de sua igreja na cidade ainda estavam de pé, e ele resolveu procurar meios de restaurar o edifício. Não tinha dinheiro. O prédio fora segurado em 150 mil ienes, menos de quinhentos dólares, porém os conquistadores tinham congelado os fundos bancários. Ao tomar conhecimento de que verbas militares seriam alocadas para vários tipos de reconstrução, o reverendo solicitou à prefeitura boletos de requisição de "materiais conversíveis" e saiu à cata de coisas que pudesse usar ou vender. Numa época de roubos generalizados e ressentimentos contra os militares japoneses, muitos depósitos haviam sido saqueados. Por fim Tanimoto encontrou na ilha de Kamagari um armazém de tintas. A desordem reinava no local. Incapazes de ler os rótulos japoneses, os americanos da Ocupação haviam furado e derrubado muitas latas, evidentemente para saber o que continham. O pastor se apossou de um barco, carregou-o de latas vazias e voltou para Hiroshima, onde procurou uma empresa chamada Construtora Toda e trocou sua carga por um telhado para sua igreja. Pouco a pouco, ao longo de meses, ele e alguns paroquianos trabalharam na

carpintaria do prédio com as próprias mãos, porém não dispunham de dinheiro para fazer muita coisa.

Em 1 ° de julho de 1946, antes do primeiro aniversário da explosão, os Estados Unidos testaram uma bomba atômica no atol de Bikini. Em 17 de maio de 1948 os americanos anunciaram a realização de mais um teste bem-sucedido.

Em sua correspondência com o reverendo Marvin Green, que havia sido seu colega de classe na Emory University e agora presidia a Park Church de Weekhawken, em Nova Jersey, Kiyoshi Tani-moto falou de suas dificuldades em restaurar sua igreja. Green obteve do Conselho Missionário Metodista um convite para o pastor japonês visitar os Estados Unidos a fim de arrecadar fundos, e em setembro de 1948 Tanimoto embarcou no *U. S. S. Gordon*, com destino a San Francisco.

Durante a viagem ocorreu-lhe uma idéia ambiciosa. Ele passaria o resto da vida trabalhando pela paz. Começava a achar que a memória coletiva dos *hibakusha* seria uma força poderosa para a paz mundial e que devia haver em Hiroshima um centro onde a experiência da bomba pudesse se tornar o foco de estudos internacionais empenhados em encontrar meios de assegurar que nunca mais se utilizariam armas atômicas. Uma vez nos Estados Unidos, sem pensar em consultar o prefeito Shinzo Hamai ou algum outro cidadão de Hiroshima, ele esboçou essa idéia num memorando.

O reverendo Marvin Green o alojou no porão de seu presbitério, em Weekhawken. Com a colaboração de alguns voluntários tornou-se seu empresário e patrocinador. Depois de compilar uma lista de todas as igrejas do país com mais de duzentos membros ou com orçamentos superiores a 20 mil dólares, enviou a centenas delas folhetos manuscritos, solicitando convites para Kiyoshi Tanimoto pronunciar uma palestra. Traçou uma série de itinerários, e logo seu ex-colega de classe estava circulando pelo território americano com um discurso intitulado "A fé que surgiu das cinzas". Em cada igreja procedia-se a uma coleta.

No decorrer dessas viagens, Tanimoto expôs sua idéia sobre o centro da paz a pessoas que lhe pareciam influentes. Por ocasião de uma visita a Nova York, um amigo japonês o levou à editora do marido de Pearl Buck e o apresentou à escritora. O reverendo pediu a ela que lesse o memorando e lhe explicou sua proposta. Pearl Buck se declarou impressionada, porém alegou que estava velha demais e ocupada demais para ajudá-lo. Entretanto lembrou-se de alguém que poderia ser-lhe útil: Norman Cousins, editor de *The Saturday Review of Literature*. Recomendou-lhe que enviasse seu memorando para Cousins e prometeu falar com ele sobre o projeto.

Pouco tempo depois, quando palestrava numa zona rural próxima a Atlanta, Tanimoto recebeu um telefonema de Cousins, que se mostrou profundamente comovido com seu texto e lhe perguntou se poderia publicá-lo.

Em 5 de março de 1949 a *Saturday Review* estampou o memorando sob o título "A idéia de Hiroshima", uma idéia que, dizia a nota introdutória de Cousins, "os editores endossam entusiasticamente e abraçarão":

O povo de Hiroshima, desperto do torpor que se instalou na seqüência do bombardeio atômico de sua cidade em 6 de agosto de 1945, sabe que fez parte de um experimento de laboratório que provou a velha tese dos pacificadores. Praticamente toda a população assumiu como uma responsabilidade irrecusável sua missão de contribuir para evitar outra destruição semelhante em qualquer parte do mundo. [...].

O povo de Hiroshima [...] deseja ardentemente que sua experiência possa constituir uma contribuição permanente à causa da paz mundial. Para isso propomos a criação de um Centro da Paz Mundial, internacional e não-sectário, que funcionará como um laboratório de pesquisa e planejamento de uma educação para a paz em todo o mundo. [...].

Na verdade o povo de Hiroshima, sem exceção, ignorava inteiramente a proposta de Kiyoshi Tanimoto (e agora também de Norman Cousins). Entretanto tinha plena consciência do papel especial que a cidade estava destinada a desempenhar na memória mundial. Em 6 de agosto, quarto aniversário da explosão, a Dieta nacional promulgou uma lei que conferiu a Hiroshima o título de Cidade Memorial da Paz, e o público tomou conhecimento do projeto definitivo do parque comemorativo concebido pelo grande arquiteto japonês Kenzo Tange. No centro do parque haveria um solene cenotáfio em forma de *haniwa*, um arco de argila, presumivelmente uma casa para os mortos, encontrado em túmulos do Japão pré-histórico. Uma imensa multidão compareceu à Cerimônia Comemorativa da Paz, realizada anualmente. Tanimoto estava longe de tudo isso, circulando pelas igrejas americanas.

Dias depois do aniversário, Norman Cousins viajou para Hiroshima. Havia substituído a idéia de Kiyoshi Tanimoto por uma de sua própria autoria: entregar ao presidente Truman, que ordenara o lançamento da bomba, uma petição internacional apoiando os Federalistas Mundiais Unidos — um grupo que reivindicava um governo mundial. Num breve espaço de tempo Cousins recolheu na cidade 107 584 assinaturas. Após visitar um orfanato, retornou a seu país com uma nova idéia — a "adoção moral" de órfãos de Hiroshima por americanos, que enviariam ajuda financeira para as crianças. Também nos Estados Unidos recolhiam-se assinaturas para a petição dos Federalistas Mundiais, e Tanimoto, que até então sabia bem pouco sobre a organização, empolgou-se ao ser convidado por Cousins para integrar a delegação que entregaria o documento ao presidente Truman.

Infelizmente Harry Truman se recusou a receber os peticionários e tampouco quis aceitar a petição.

Em 23 de setembro de 1949 a rádio de Moscou anunciou que a União Soviética fabricara uma bomba atômica.

No final do ano, Kiyoshi Tanimoto havia percorrido 256 cidades em 31 estados e arrecadado cerca de 10 mil dólares para sua igreja. Antes de partir para o Japão, ouviu Marvin Green comentar que estava prestes a se desfazer de seu velho Cadillac verde e pediu-lhe que o doasse à igreja de Hiroshima. Graças a um conhecido japonês que trabalhava com transporte de carga, conseguiu levar o carro para o Japão sem gastar um centavo.

De volta à pátria, no início de 1950, procurou o prefeito Hamai e o governador da prefeitura, Tsunei Kusunose, em busca de apoio oficial para sua idéia do centro da paz. Ambos o recusaram. Através de uma lei de imprensa e outras medidas, o general Douglas MacArthur, comandante supremo das forças de ocupação, proibira terminantemente a divulgação de quaisquer notícias referentes às conseqüências das bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki — inclusive a conseqüência de um desejo de paz —, e as autoridades decerto acharam que o centro da paz de Tanimoto poderia lhes criar problemas. O reverendo persistiu, reunindo a seu redor um número de cidadãos eminentes que, depois que Norman Cousins criou, em Nova York, uma Hiroshima Peace Center Foundation, destinada a levantar recursos entre os americanos, estabeleceram o centro em Hiroshima, com a igreja de Tanimoto como base. A princípio o centro tinha pouco que fazer. (Só anos mais tarde, quando se construíram no parque um Museu Memorial da Paz e um Salão Memorial da Paz e quando animadas — e às vezes turbulentas — conferências internacionais da paz foram tendo lugar na cidade, alguns habitantes de Hiroshima puderam reconhecer o pioneirismo de Kiyoshi Tanimoto em semear essas coisas e sua coragem em ignorar as restrições de MacArthur).

O Cadillac chegou, e o pastor exultante resolveu dar um giro. Ao subir uma ladeira de Hijiyama, no leste da cidade, um policial o deteve por dirigir sem habilitação. Acontece, porém, que Tanimoto havia atuado recentemente como capelão da academia de polícia, e, quando o viram entrar, os figurões da delegacia riram e o liberaram.

No verão de 1950 Cousins convidou Tanimoto a voltar aos Estados Unidos para angariar fundos para os Federalistas Mundiais, a adoção moral e o centro da paz, e no final de agosto o reverendo viajou novamente. Como antes, Marvin Green tomou todas as providências necessárias. Dessa vez Tanimoto visitou 201 cidades em 24 estados ao longo de oito meses. O ponto alto da excursão (e possivelmente de sua vida) foi uma viagem, agendada por Cousins, a Washington, onde, em 5 de fevereiro de 1951, depois de almoçar com integrantes da Comissão das Relações Exteriores, o pastor abriu a sessão do Senado com a seguinte oração:

Pai celeste, nós vos agradecemos pela grande bênção que concedestes aos Estados Unidos, capacitando-os a construir nesta última década a maior civilização da história humana. [...] Nós vos agradecemos, Senhor, por permitirdes que o Japão se tornasse um dos afortunados beneficiários da generosidade americana. Nós vos agradecemos por consentirdes que nosso povo recebesse a dádiva da liberdade, que se erguesse das cinzas e renascesse. [...] Deus abençoe todos os membros deste Senado. [...].

A. Willis Robertson, senador da Virgínia, levantou-se e declarou-se "estupefato e conquanto inspirado" ao ver um homem "que tentamos matar com uma bomba atômica vir a esta Casa e, depois de dar graças ao mesmo Deus que adoramos, agradecer-lhe a grande herança espiritual da América e pedir-lhe que abençoe cada membro do Senado".

No dia anterior ao lançamento da bomba sobre Hiroshima, a cidade temerosa de ataques incendiários pusera centenas de escolares para trabalhar, ajudando a demolir casas e abrir faixas de contenção de fogo. As meninas estavam desprotegidas no momento da explosão. Poucas sobreviveram. Grande parte das sobreviventes sofreu queimaduras graves e posteriormente apresentou feios quelóides no rosto, nos braços e nas mãos. Um mês depois de encerrar sua segunda viagem aos Estados Unidos, Tanimoto começou a lecionar religião para umas doze jovens, inaugurando o que denominou Sociedade das Moças com Quelóide e que integrava seu projeto do centro da paz. Comprou três máquinas de costura e fez as jovens trabalharem numa oficina que instalou no segundo andar de um lar para viúvas de guerra, outro projeto seu. Pediu ao governo municipal que custeasse a cirurgia plástica das Moças com Quelóide. Não foi atendido. Dirigiu-se então à Atomic Bomb Casualty Commission, que fora criada para estudar os efeitos retardados da radiação — efeitos que quem decidira jogar a bomba não havia previsto. A ABCC lembrou-lhe que tinha por função pesquisar, não tratar. (Por isso os *hibakusha* a detestavam; diziam que os americanos os viam como cobaias ou ratos de laboratório).

Uma mulher chamada Shizue Masugi viajou de Tóquio a Hiroshima. Tinha uma história de vida nada convencional para uma japonesa dessa época. Jornalista, casada e divorciada ainda jovem, tornara-se amante sucessivamente de dois romancistas famosos e depois se casara de novo. Escrevera contos sobre os amores amargos e a amarga solidão de suas semelhantes e agora assinava no *Yomiuri Shimbun*, o grande jornal de Tóquio, uma coluna para mulheres abandonadas. Antes de morrer se converteria ao catolicismo, determinando, porém, que a enterrassem no templo Tokeiji, um centro zen fundado em 1285 pela ex-esposa de um xogum que, com pena de mulheres casadas com homens cruéis, decretara que quem se refugiasse em seu templo como sacerdotisa, podia considerar-se divorciada. Em sua viagem a Hiroshima, Shizue perguntou a Tanimoto o que era mais necessário para as *hibakusha*. A cirurgia plástica para

as Moças com Quelóide, foi a resposta. Através do *Yomiuri* a jornalista lançou uma campanha para levantar dinheiro, e logo nove jovens partiram para Tóquio, onde se submeteriam à operação. Mais tarde outras doze foram levadas para Osaka. Para sua tristeza, os jornais as chamavam de *Genbaku Otome*, expressão traduzida literalmente como Donzelas da Bomba A.

Em outubro de 1952 a Grã-Bretanha efetuou seu primeiro teste com uma bomba atômica e os Estados Unidos explodiram sua primeira bomba de hidrogênio. Em agosto de 1953 a União Soviética também testou uma bomba de hidrogênio.

As cirurgias realizadas em Tóquio e Osaka não foram plenamente bem-sucedidas, e, numa visita a Hiroshima, o reverendo Marvin Green, amigo de Kiyoshi Tanimoto, perguntou se não se poderia levar algumas das Moças com Quelóide para os Estados Unidos, onde as técnicas desse tipo de intervenção eram mais evoluídas. Em setembro de 1953 Norman Cousins e a esposa foram a Hiroshima entregar contribuições arrecadadas para a adoção moral. Tanimoto os apresentou a algumas moças e lhes falou sobre a idéia de Marvin Green. Eles gostaram.

Depois que o casal partiu, uma estranha reunião teve lugar no gabinete do prefeito para discutir a distribuição da quantia angariada para a adoção moral. Cousins levava 1500 dólares, mas constatou-se que duzentos dólares se destinavam a seis crianças específicas, 65 deviam ir para as Donzelas e 119 Tanimoto gastara na loja de departamentos Fukuya, comprando maletas para presentear os diretores de seis orfanatos. Sobraram, portanto, 1116 dólares, ou apenas 2,72 para cada um dos 410 órfãos. As autoridades municipais, que se julgavam responsáveis pelo projeto, enfureceram-se com as somas deduzidas pelo pastor. Ao noticiar a reunião, o *Chugoku Shimbun* de Hiroshima informou: "O reverendo Tanimoto explicou: 'Segui as instruções do Sr. Cousins, não meus desejos'".

Tanimoto já se acostumara com críticas. Suas longas ausências da igreja, em função de suas viagens aos Estados Unidos, valeram-lhe o apodo de "ministro da bomba A". Os médicos de Hiroshima quiseram saber por que as Donzelas não foram operadas em sua cidade. E por que a cirurgia se limitava a moças? Por que não incluía rapazes? Algumas pessoas achavam que o nome do reverendo Tanimoto aparecia demais na imprensa. O enorme Cadillac não agradara, apesar de que logo se revelou um calhambeque e foi parar no ferro-velho.

Em 1º de março de 1954 o Dragão Afortunado nº 5 foi atingido por uma precipitação radioativa resultante de um teste realizado pelos americanos no atol de Bikini.

Em Nova York, Norman Cousins trabalhava no projeto das Donzelas, e no final de 1954 o Dr. Arthur Barsky, chefe da cirurgia plástica dos hospitais Mount Sinai e Beth Israel, e o Dr. William Hitzig, clínico geral do Mount Sinai e médico pessoal de Cousins, viajaram para Hiroshima a fim de examinar as Donzelas e selecionar as que tivessem maiores possibilidades de recuperação. Das muitas moças desfiguradas existentes na cidade, apenas 43 se apresentaram para o exame. Os médicos escolheram 25.

Em 5 de maio de 1955, Kiyoshi Tanimoto e as jovens embarcaram num avião do United States Military Air Transport que decolou do aeroporto Iwakuni. Enquanto as Donzelas se instalavam nas casas de seus anfitriões, em Nova York, o pastor partiu para a Costa Oeste, onde iniciaria mais uma excursão destinada a arrecadar fundos. Entre outros compromissos, devia apresentar-se nos estúdios da NBC, em Los Angeles, na quarta-feira, 11 de maio, para o que, segundo Cousins dera a entender, seria uma entrevista útil para o projeto e restrita à audiência local.

Naquela noite, meio zozno, o religioso se viu sentado diante de luzes e câmeras num cenário de sala de estar. Um americano chamado Ralph Edwards, que ele acabara de conhecer, sorriu e, voltando-se para a câmera, dirigiu-se aos 40 milhões de americanos que, estimava-se, atraía às quartas-feiras: "Boa noite, senhoras e senhores, e bem-vindos a *This Is Your Life*. O tique-taque que ouvimos ao fundo é de um relógio marcando os segundos que antecedem as oito e quinze da manhã de 6 de agosto de 1945. E sentado aqui comigo está um cavalheiro cuja vida mudou quando esse relógio assinalou oito e quinze. Boa noite, senhor. Pode nos dizer seu nome?".

"Kiyoshi Tanimoto".

"E qual é sua ocupação?".

"Sou pastor".

"E onde o senhor mora?".

"Em Hiroshima, Japão".

"E onde estava às oito e quinze da manhã de 6 de agosto de 1945?".

Tanimoto não pôde responder. O tique-taque se tornou cada vez mais alto, e tímpanos soaram.

"Isto é Hiroshima", Edwards anunciou, enquanto uma nuvem em forma de cogumelo surgia diante dos telespectadores, "e naquele fatídico segundo do dia 6 de agosto de 1945 um novo conceito de vida e morte recebeu o batismo. E nosso protagonista de hoje — o senhor, reverendo Tanimoto — foi parte desse conceito sem saber. [...] Vamos recolher os fios de sua vida dentro de um momento, reverendo Tanimoto, depois dessa mensagem de nosso companheiro Bob Warren, que tem algo muito especial a dizer para as moças que nos vêem".

O relógio fatal da destruição, agora em silêncio, avançou mais sessenta segundos, enquanto Bob Warren se esforçava — inutilmente — para remover o esmalte Hazel Bishop das unhas de uma loira, utilizando até uma esponja de

limpeza com que eliminara a ferrugem de uma frigideira.

Kiyoshi Tanimoto não estava absolutamente preparado para o que se seguiu. Ali sentado, apático, mudo, suando, assistiu a uma revisão superficial de sua vida, condizente com o estilo do famoso programa. A srta. Bertha Sparkey, uma velha missionária metodista que lhe falara de Cristo, passou sob um arco e entrou na sala. Depois foi a vez de seu amigo Marvin Green, que contou uma piada sobre a vida na faculdade de teologia. Então Edwards destacou na platéia do estúdio alguns dos primeiros paroquianos que Tanimoto tivera durante uma breve estada na Hollywood Independence Church, freqüentada por japoneses e americanos.

E sobreveio o choque. Um americano alto, meio gordo, que Edwards apresentou como o capitão Robert Lewis, co-piloto do *Enola Gay*, descreveu o vôo com a voz trêmula. Tanimoto o ouviu impassível. Em dado momento Lewis se calou, fechou os olhos e esfregou a testa, e 40 milhões de telespectadores em todo o país certamente pensaram que ele estava chorando. (Não estava. Tinha bebido. Anos depois Marvin Green revelou a Rodney Barker, um jovem jornalista que estava escrevendo um livro sobre as Donzelas, que Lewis apavorara a equipe do programa porque, à tarde, faltara ao ensaio que envolvia todos os convidados, à exceção do protagonista. Parece que esperava receber um polpudo cheque por sua participação e, quando soube que não ganharia nada, saíra para fazer a ronda dos bares. Green disse que o encontrou a tempo de despejar-lhe uma xícara de café goela abaixo antes de começar o programa).

Edwards: "Nesse momento o senhor escreveu alguma coisa em seu diário de bordo?"

Lewis: "Escrevi as seguintes palavras: 'Meu Deus, o que foi que fizemos?'".

Depois disso Chisa Tanimoto entrou no estúdio a passos curtos, porque estava usando o que nunca usava em casa: quimono. Em Hiroshima deram-lhe dois dias para fazer as malas e partir — com seus quatro filhos — para Los Angeles, onde enclausuraram a família inteira no hotel, longe do reverendo. Pela primeira vez no programa, a expressão de Tanimoto mudou — para surpresa; ele parecia ter se tornado alheio ao prazer. A seguir as silhuetas de duas Donzelas Toyoko Minowa e Tadao Emori — surgiram atrás de uma tela translúcida, e Edwards fez um discurso aos telespectadores, pedindo dinheiro para a cirurgia plástica. Finalmente a prole Tanimoto Koko, uma menina de dez anos que era bebê por ocasião do bombardeio; Ken, um menino de sete; Jun, outra menina, de quatro anos; e o caçula Shin, de dois — entrou correndo e se jogou nos braços do pai.

TELEGRAMA RECÉM-RECEBIDO:

CONFIDENCIAL

DE: TÓQUIO

PARA: SECRETÁRIO DE ESTADO

12 DE MAIO DE 1955

EMBAIXADA E SERVIÇO DE INFORMAÇÃO TEMEM, COMO WASHINGTON, QUE O PROJETO DAS MOÇAS DE HIROSHIMA.....GERE PUBLICIDADE DESFAVORÁVEL. [...].

AQUI SE CONSIDERA TANIMOTO ÁVIDO DE PUBLICIDADE. ELE PODE TENTAR SE APROVEITAR DA VIAGEM PARA ANGARIAR FUNDOS PARA O CENTRO DA PAZ DE HIROSHIMA, SEU PROJETO PREDILETO. NÃO ACREDITAMOS QUE ELE SEJA X VERMELHO OU SIMPATIZANTE DOS VERMELHOS, MAS PODE FACILMENTE DAR ORIGEM A PUBLICIDADE MALDOSAS. [...].

Pelo malote diplomático: SIGILOSO

O reverendo Tanimoto parece anticomunista e provavelmente é sincero em seus esforços para ajudar as moças. [...] Contudo, no afã de ampliar o próprio prestígio e sua importância pessoal, pode, por ignorância, por inocência ou intencionalmente, servir à esquerda ou seguir uma linha esquerdista. [...].

RALPH J. BLAKE

CÔNSUL-GERAL DOS ESTADOS UNIDOS, KOBE

Depois do programa, Robert Lewis voltou para a Costa Leste. Havia se desligado da Força Aérea e agora chefiava o departamento de pessoal da Henry Heide, uma fábrica de doces, em Nova York. Chamado ao Pentágono, recebeu uma severa descompostura do Departamento de Defesa.

A família Tanimoto permaneceu nos Estados Unidos até o pastor encerrar sua excursão por 195 cidades em 26 estados. O programa de televisão lhe rendera cerca de 50 mil dólares, e ele arrecadara mais 10 mil. Chisa e as crianças passaram um verão esplêndido na fazenda de Pearl Buck, em Bucks County, Pensilvânia.

Em 6 de agosto, décimo aniversário da bomba de Hiroshima, Tanimoto depositou uma coroa de flores no Túmulo do Soldado Desconhecido, no Cemitério Nacional de Arlington. Bem longe dali, em Hiroshima, estava em curso, no mesmo dia, um autêntico movimento japonês pela paz, dominando a raiva com o incidente do *Dragão Afortunado*. Cinco mil delegados participaram da primeira Conferência Mundial contra as Bombas Atômica e de Hidrogênio. Os Tanimoto retornaram ao Japão em dezembro.

Kiyoshi Tanimoto se viu não só marginalizado como jogado na contramão dos acontecimentos. Em suas palestras pelos Estados Unidos

demonstrara uma energia extraordinária para um *hibakusha*, falando noite após noite ao longo de um roteiro estafante. Na verdade, porém, fazia já alguns anos que vinha sendo arrastado pela impetuosa energia de Norman Cousins. O jornalista lhe proporcionara experiências empolgantes, que alimentaram sua vaidade, mas também lhe tirara das mãos o controle de seus próprios projetos. O reverendo se esforçara o tempo todo para ajudar as Donzelas, porém descobriu que, embora as doações obtidas com *This Is Your Life* pagassem as despesas das moças, todo o dinheiro que levantara em sua excursão, à exceção de apenas mil dólares, seria controlado por Nova York. Cousins ignorava o centro da paz de Hiroshima e se entendia diretamente com o governo municipal; Tanimoto implorara para que o projeto da adoção moral ficasse sob a tutela do centro, mas seu papel se resumira ao de um comprador de maletas. O golpe final sobreveio quando as cinzas da Donzela chamada Tomoko Nakabayashi, que morreram na mesa de cirurgia do Mount Sinai, foram entregues aos pais, em Hiroshima, e o pastor não foi sequer convidado para a cerimônia fúnebre, que coube a seu velho amigo, o padre Kleinsorge, conduzir. Ao voltar para o Japão e constatar, atônitas, que eram objeto não só da curiosidade pública, mas também da inveja e do despeito da população, as Donzelas resistiram a seus esforços publicitários para transformá-las num circo de horrores e se afastaram dele.

Tanimoto tampouco encontrou lugar no movimento pela paz, cuja evolução ele não acompanhara, pois estava ausente do país; ademais, sua visão cristã o levava a desconfiar dos grupos radicais que estavam na vanguarda da atividade antinuclear. Durante sua última viagem, criou-se uma organização nacional chamada Nihon Gensuikyō, Conselho do Japão contra as Bombas Atômica e de Hidrogênio, e houve muita pressão sobre a Dieta para que implantasse a assistência médica aos *hibakusha*. Como muitos sobreviventes, Tanimoto reprovava a crescente coloração política desses atos e, nos aniversários subsequentes, manteve distância dos comícios realizados no Parque da Paz.

Em 15 de maio de 1957 a Grã-Bretanha efetuou na ilha Christmas, oceano Pacífico, seu primeiro teste com uma bomba de hidrogênio.

Koko, a filha que era bebê quando a bomba explodiu, ia anualmente à ABCC fazer um *check-up*. Estava em boa forma física, mas, como muitos *hibakusha* que tinham sua idade por ocasião do bombardeio, não crescia como deveria. Agora, adolescente cursando o ginásio, foi de novo. Como sempre, despiu-se num cubículo e vestiu a costureira camisola branca. Depois de submetê-la a uma bateria de exames, levaram-na para uma sala bem iluminada e puseram-na de pé sobre um estrado baixo, encostado a uma parede com marcações numéricas. As luzes eram tão intensas que a menina não podia ver mais nada; ouviu vozes de japoneses e americanos. Um dos americanos lhe ordenou que tirasse a camisola. Koko obedeceu e ficou parada ali por um tempo que lhe pareceu uma eternidade, as lágrimas correndo-lhe pelas faces.

Essa experiência a traumatizou de tal forma que ela só conseguiu contá-la a alguém 25 anos depois.

Um dia, no final de agosto de 1959, Kiyoshi Tanimoto encontrou diante do altar de sua igreja um bebê dentro de uma cesta. Um bilhete preso na fralda da menina informava seu nome—Kanae—e sua data de nascimento—28 de abril—e dizia: "Receio não poder mantê-la no momento. Deus a abençoe. O senhor cuida dela por mim?".

Na fazenda de Pearl Buck, as crianças Tanimoto haviam brincado com a dezena de órfãos, na maioria orientais, que a escritora americana mantinha sob sua tutela. A família ficara impressionada com a generosidade da Sra. Buck e então decidiu adotar o bebê que lhe confiaram.

Em 13 de fevereiro de 1960 a França testou uma arma nuclear no Saara. Em 16 de outubro de 1964 a China realizou seu primeiro teste nuclear e em 17 de junho de 1967 explodiu uma bomba de hidrogênio.

Em 1968 Koko viajou para os Estados Unidos com o pai e ingressou no Centenary College for Women, de Hackettstown, Nova Jersey. O reverendo tinha voltado à América em 1964-5, quando visitou sua *alma mater*, a Emory University, e retornou ao Japão via Europa, e em 1966, quando recebeu um título honorário do Lewis and Clark College. Posteriormente Koko se transferiu para a American University, de Washington, D. C, onde se apaixonou por um sino-americano, de quem acabou por ficar noiva; entretanto o pai do rapaz, que era médico, proibiu o casamento, alegando que ela não poderia ter filhos normais, pois sofrera exposição à bomba atômica.

De volta ao Japão, Koko arrumou emprego na Odeco, uma empresa petrolífera sediada em Tóquio. Não contou a ninguém que era *hibakusha*. Com o tempo encontrou uma pessoa em quem podia confiar: o melhor amigo de seu namorado. E foi com essa pessoa que acabou se casando. Sofreu um aborto, que ela e sua família atribuíram à bomba. O casal procurou a ABCC para examinar seus cromossomos e, embora os exames não acusassem nada de anormal, decidiu não se arriscar. Posteriormente adotou duas crianças.

O movimento antinuclear japonês começara a dividir-se no início da década de 1960. A princípio duas instituições dominavam o Gensuikyō, o Conselho do Japão: o Partido Socialista Japonês e o Sohyō, o Conselho Geral dos Sindicatos. Em 1960 o Gensuikyō tentara sustar a revisão do tratado de segurança firmado entre seu país e os Estados Unidos, alegando que estimulava a revivescência do militarismo no Japão, e alguns grupos mais conservadores formaram o Kakkin Kaigi, o Conselho Nacional pela Paz e contra Armas Nucleares. Uma cisão mais profunda ocorreu em 1964, quando a infiltração comunista no Gensuikyō levou os socialistas e os sindicatos a se afastarem e criar

o Gensuikin, o Congresso do Japão contra as Bombas Atômica e de Hidrogênio. Na opinião de Tanimoto, como na da maioria dos *hibakusha*, essas dissidências alcançaram o auge do absurdo quando o Gensuikin declarou que todas as nações deviam parar com os testes nucleares, e o Gensuikyô afirmou que tais testes significavam, no caso dos Estados Unidos, uma preparação para a guerra e, no caso da União Soviética, uma garantia de paz. A dissensão persistiu, e ano após ano, em 6 de agosto, as duas organizações realizavam conferências separadas. Em 7 de junho de 1973 Kiyoshi Tanimoto escreveu na coluna "Ensaio Vespertino" do *Chugoku Shimbun* de Hiroshima:

Ultimamente, ao aproximar-se o 6 de agosto, ouvem-se vozes lamentando que este ano, mais uma vez, os eventos comemorativos serão organizados por um movimento dividido. [...] A frase inscrita no Cenotáfio — "Descansem em paz, pois o erro não se repetirá" — encarna a ardente esperança do gênero humano. O apelo de Hiroshima [...] não tem nada a ver com política. Quando estrangeiros nos visitam, com freqüência os ouvimos dizer: "Os políticos do planeta deviam vir a Hiroshima e contemplar os problemas políticos mundiais ajoelhados diante deste Cenotáfio".

Em 18 de maio de 1974 a Índia realizou seu primeiro teste nuclear.

Ao aproximar-se o quadragésimo aniversário da explosão, o centro da paz de Hiroshima ainda existia nominalmente — agora na casa dos Tanimoto. Seu principal objetivo na década de 1970 havia sido conseguir a adoção de vários órfãos e enjeitados japoneses que não tinham nenhuma relação específica com a bomba atômica. Os pais adotivos viviam no Havaí e nos Estados Unidos. Tanimoto fizera mais três viagens à América para pronunciar suas palestras: aos Estados Unidos, em 1976 e 1982, e ao Havaí em 1981. Abandonou o púlpito em 1982.

Tinha mais de setenta anos. A média de idade de todos os *hi-bakusha* era 62. Em 1984 o *Chugoku Shimbun* entrevistou os *hiba-kusha* remanescentes, e 54,3% deles expressaram a opinião de que se voltaria a usar armas nucleares. Tanimoto leu nos jornais que os Estados Unidos e a União Soviética estavam caminhando a passo firme para a coibição desse tipo de armamento. O reverendo e sua esposa recebiam pensões de saúde, como os outros *hibakusha*, e ele ainda ganhava uma verba modesta da Igreja Unida do Japão. Moravam numa casinha confortável, dispunham de um rádio e dois televisores, uma máquina de lavar, um forno elétrico e uma geladeira, e tinham um carro Mazda, fabricado em Hiroshima. O pastor comia demais. Levantava-se diariamente às seis da manhã e passeava durante uma hora com seu cachorrinho, Chiko. Estava diminuindo o ritmo. Sua memória, como a do mundo, começava a falhar.

6. POSFÁCIO

Jornalismo com H Matinas Suzukí Jr.

Hiroshima é uma espécie de *Cidadão Kane* do jornalismo. Como o filme de Orson Welles, esse texto lidera todas as listas de "melhor reportagem" já escrita. O autor John Hersey precisou de 31347 palavras para explicar como uma única explosão matou 100 mil pessoas, feriu seriamente o corpo de mais 100 mil e machucou a alma da humanidade.

Nenhuma outra reportagem na história do jornalismo teve a repercussão de *Hiroshima*. Os cerca de 300 mil exemplares da revista *The New Yorker* com a data de 31 de agosto de 1946 no cabeçalho esgotaram-se rapidamente nas bancas. O preço de capa era quinze cents, mas cópias chegaram a ser vendidas entre quinze e vinte dólares. Do país todo e do estrangeiro chegavam à redação pedidos de autorização para a reimpressão da matéria (os direitos eram doados para a Cruz Vermelha).

A cadeia de rádio ABC pôs no ar atores lendo a reportagem de Hersey. A BBC, em Londres, fez o mesmo. Albert Einstein enviou um pedido de compra de mil exemplares, mas não pôde ser atendido.

Quando foi editada em livro, o Clube do Livro do Mês distribuiu 1 milhão de cópias gratuitamente aos associados. A matriarca do jornalismo sobre celebridades de Hollywood, Louella Parsons, incluiu John Hersey na lista dos dez americanos mais importantes de 1946.

Em 30 de agosto de 1946, lia-se no *The New York Times*:

Nossa contemporânea semanal, The New Yorker, traz normalmente comentários pungentes, boa reportagem, críticas competentes e mais coisas que não pretendem provocar risadas. Contudo, em textos e imagens, o riso usualmente está lá. Nesta semana, não, a revista inteira foi dada para John Hersey contar o que aconteceu a seis principais personagens e cerca de 245 mil outros na cidade japonesa de Hiroshima, em 6 de agosto de 1945 e depois. O que aconteceu com 100 mil é evidente. Eles morreram. O que aconteceu com os seis afortunados é um exemplo de quanto o ser humano pode resistir e não morrer. Todo americano que tem se permitido fazer piadas sobre as bombas atômicas, ou que as tenha visto apenas como um fenômeno sensacional que pode ser aceito como parte da civilização — como o avião e o motor a gasolina —, ou que tenha se deixado especular interiormente sobre o que nós deveríamos fazer com elas se fôssemos forçados a entrar em uma nova guerra, deve ler John Hersey. Quando esse artigo de revista aparecer em formato de livro, os críticos dirão, no estilo deles, que é um clássico. Mas ele é muito mais do que isso.

Hiroshima é um exemplo de que ninguém, nem mesmo John Hersey, faz grande jornalismo sozinho. Ele teve dois cúmplices editoriais: Harold Ross, que 21 anos antes fundara a *The New Yorker*, e William Shawn, o editor que trabalhou por 55 anos na revista que passou a ter a reputação de publicar os melhores textos que a imprensa já teve—e ele só escreveu para ela um solitário artigo, em 1936, usando as iniciais ws como assinatura.

Foi Shawn quem teve a idéia de contar direito para os americanos o que havia ocorrido em Hiroshima, após a explosão da primeira bomba atômica. Ele estava retomando um projeto inacabado do ano anterior. Às vésperas de a revista sair com a reportagem de Hersey, Harold Ross escrevia a Rebecca West:

Nós tínhamos uma pessoa [Joel Sayre] fazendo a reportagem conclusiva e final sobre o bombardeio de Colônia, uma matéria que iria dizer em detalhe, do começo ao fim, o que acontece quando uma cidade é destruída por um bombardeio. Ele tinha levantado os dados e estava razoavelmente adiantado com o texto quando a bomba atômica caiu sobre Hiroshima, e o projeto explodiu.

Em 1946, aos 32 anos, John Hersey estava cobrindo o pós-guerra no Oriente com as contas rachadas — em um acordo inusitado — pelas revistas *Life* e *The New Yorker*. Antes de viajar, ele havia combinado com Shawn algumas matérias, entre elas a reportagem sobre Hiroshima. Em março, os Estados Unidos anunciaram novas experiências com bombas atômicas, a serem realizadas dois meses depois. Da China, Hersey telegrafou a Shawn sugerindo que a revista não programasse a matéria para maio, mas que aguardasse a sua volta a Nova York. Ele planejava ter a reportagem pronta por volta do aniversário do lançamento da bomba (a revista saiu depois do aniversário, em uma manifestação deliberada de que sua independência editorial não aceitava compromissos nem com efemérides). Segundo conta Ben Yagoda no livro *About town*, em maio Hersey embarcou para o Japão. Durante a viagem, ao ler, na biblioteca do navio, o relato de uma catástrofe no Peru sob o ponto de vista de cinco sobreviventes, no livro *A ponte de São Luís Rei*, de Thornton Wilder, ele teve a idéia de como abordar o tema da sua reportagem sobre Hiroshima.

John Hersey ficou no Japão de 25 de maio a 12 de junho. Levou cerca de seis semanas escrevendo a reportagem. Quando entregou as 150 páginas do original, recebeu de William Shawn e Harold Ross uma série de sugestões de mudanças. As observações e perguntas que Ross fazia sobre um original passaram para a história do jornalismo como uma das marcas características do processo editorial da *The New Yorker*. Os editores da revista que publicava os jornalistas/escritores mais importantes do jornalismo da época reescreviam todos os textos — e aí, para muitos, residia o segredo da alta qualidade da publicação.

Ross fez 47 observações apenas sobre a primeira parte da reportagem, mais 27 depois que Hersey a reescreveu — e mais seis depois que recebeu o reescrito. No total, foram mais de duzentas observações. Ele não gostava do título proposto inicialmente, *Alguns eventos em Hiroshima*. Ao final da primeira leitura, não estava satisfeito com a explicação dos fatos ocorridos na cidade japonesa. Em 6 de agosto, Ross escreveu em um memorando:

Existe, eu acho, uma falta grave na matéria. Talvez seja intenção de Hersey que seja assim. Caso seja, peça consideração, de qualquer forma, para o que eu digo. O tempo todo eu me perguntava o que matou essas pessoas: os incêndios, os escombros, a concussão — o quê? Há um ano me pergunto sobre isso e eu esperava avidamente que essa matéria pudesse me dizer. Ela não diz.

Hiroshima seria inicialmente publicada em série, como era prática da revista para as reportagens longas. Mas Shawn teve uma outra idéia. Propôs a Ross que publicasse as mais de 30 mil palavras em uma única edição da *The New Yorker*. Apesar de reconhecer que aquela era uma das mais notáveis matérias que havia lido, o *publisher*, em princípio, hesitou. As seções regulares e os *cartoons* humorísticos faziam parte da fórmula que ele havia escrito em 1925 para a revista. Em uma carta a E. B. White, ele diz que Shawn queria acordar as pessoas e que a única publicação que poderia fazer isso era a *The New Yorker*. Ele releu o manifesto de lançamento da revista e contentou-se com a primeira frase: "*The New Yorker* começa com uma declaração de seriedade de propósito". Shawn venceu.

Hersey, Shawn e Ross trabalharam dez dias fechados no escritório do último, mantendo em segredo (inclusive do departamento comercial) o projeto da edição monotemática. Quando a revista chegou às bancas, uma cinta branca de papel, envolvendo a colorida capa com pessoas praticando esportes de verão em um parque, avisava da alteração editorial. Das 68 páginas daquela edição, apenas uma das seções regulares foi mantida, a programação cultural semanal de Nova York. Uma nota do editor dizia:

Esta semana The New Yorker devota todo o espaço editorial a um artigo sobre a quase completa obliteração de uma cidade por uma bomba atômica e sobre o que aconteceu à população daquela cidade... Isso é feito com base na convicção de que poucos de nós compreenderam todo o inacreditável poder destrutivo dessa arma, e de que todos possam ter tempo para considerar a terrível implicação do seu uso.

Ross escreveu a Frank Sullivan que achava nunca ter tido tanta satisfação na vida quanto obteve com a publicação de *Hiroshima*. Quando, em novembro,

recebeu a reportagem editada em livro, escreveu a Hersey:

Recebi a cópia autografada do livro e reitero o comentário feito à época em que vi a dedicatória. Aquelas pessoas que diziam que Hiroshima era a matéria do ano etc, subestimaram-na. Ela é inquestionavelmente a melhor matéria jornalística do meu tempo, se não de todos os tempos.

A reportagem de Hersey não teve efeitos práticos imediatos sobre a política americana em relação à bomba atômica. Mas criou um amplo desconforto. Poucos dias depois de a *The New Yorker* circular, os jornais publicaram uma declaração do almirante William F. Halsey, segundo a qual os japoneses estavam prestes a se render e "a bomba atômica [fora] um experimento desnecessário". Em fevereiro de 1947, apareceu nas páginas da *Harper's* uma espécie de resposta oficial a *Hiroshima*, sob o título "A decisão de usar a bomba atômica", assinada pelo ex-secretário da Guerra, Henry Stimson.

A ocupação americana no Japão não permitiu que o livro de Hersey fosse lançado naquele país.

Além de bom jornalista, John Hersey tinha um anjo da guarda maior do que o dos outros. No início da sua carreira, era tido como o mais provável sucessor de Henry Luce no mais importante cargo jornalístico daquele tempo, o de editor da revista *Time*. Em parte pelo grande talento, em parte porque, como Luce, Hersey nascera na China, era filho de missionários americanos, e estudara na Escola de Hotchkiss (Connecticut) e em Yale.

Hersey trabalhou um verão como secretário do escritor Sinclair Lewis e depois foi para a *Time*. Em 1939, transferiu-se para o escritório de Chungking, na China, um dos lugares estratégicos segundo a visão da política internacional do dono da *Time*. Ali, contratou um outro futuro protegido de Luce, o então promissor jornalista Teddy White. Na visão de White, o jovem John Hersey era injeavelmente sofisticado e bem-sucedido: "Alegre, bonito, alto, jogador de futebol americano do time universitário de Yale, Hersey tinha todas as qualidades que eu então mais admirava em qualquer contemporâneo, assim como autocontrole e beleza".

Depois de trabalhar nas redações de *Time* e *Life*, Hersey encontrou o seu caminho como jornalista internacional ao cobrir, durante a Segunda Guerra Mundial, batalhas no Pacífico Sul, no Norte da África e na Itália. Em 1945, ele ganhou o prêmio Pulitzer de ficção com o livro *A bell for Adano*. Entre 1944 e 1945 Hersey foi correspondente em Moscou. De lá, declinou um convite para voltar a Nova York e ser um dos editores da *Time*. No telegrama que enviou a Luce, Hersey fazia uma declaração de princípios que inviabilizaria o futuro dele como um dos homens fortes do império Time Inc.:

Nunca serei um fascista ou um comunista, mas no ano passado eu era

politicamente um democrata — e certamente sou após esta experiência [como correspondente em Moscou] ter confirmado — um democrata com e sem D maiúsculo. Conhecendo e admirando

a sinceridade da sua crença como republicano, temo que a minha obstinada convicção não ajude a mim ou a Time, caso eu me torne editor.

O desentendimento entre Hersey e Harry Luce aumentou quando a *Time*, sob o comando de Whittaker Chambers na editoria internacional (com o consentimento tácito de Luce), passou a editorializar todos os despachos internacionais enviados pelos correspondentes. O "século americano" era uma imagem construída pela *Time*, pela *Life* e por Henry Luce — e o século americano era intervencionista, visceralmente anticomunista, republicano, pró-Chiang Kai-sheke e pró-Yale. Quando a *The New Yorker* (que já não contava com a simpatia de Luce, depois de um perfil irônico com o qual o dono da *Time* foi contemplado na revista de Ross; e este último não atendera aos pedidos para mudar o que o primeiro considerava o "tom malicioso" da matéria. "Eu acredito em malícia", disse Ross a Luce) saiu com toda a edição dedicada a *Hiroshima*, Henry Luce ficou furioso e mandou tirar o retrato de Hersey da galeria de honra da Time Inc. Em parte, porque achava que a reportagem feria os interesses americanos, em parte porque se sentia traído por Hersey, embora nenhuma de suas publicações tivesse escopo editorial para publicar a longa reportagem na íntegra.

Hiroshima não trazia revelações técnicas nem dados desconhecidos sobre os efeitos da bomba atômica. Seu impacto veio do enfoque e da abordagem escolhidos por Hersey. Humanizando o que havia ocorrido por meio do relato de seis sobreviventes—duas mulheres e quatro homens, sendo um deles um estrangeiro no Japão —, ele aproximou a abstração ameaçadora de uma bomba atômica à experiência cotidiana dos leitores. O horror tinha nome, idade e sexo. Ao optar por um texto simples, sem enfatizar emoções, ele deixou fluir o relato oral de quem realmente viveu a história. O tom da reportagem é um prolongamento da dor silenciosa que os sobreviventes de Hiroshima notaram nos enterrâneos feridos. Quarenta anos depois, Hersey escreveu a Paul Boyer que "o estilo direto foi deliberado, eu ainda penso que estava certo ao adotá-lo. Um maneirismo de alta literatura ou a demonstração de paixão poderiam ter me conduzido à história como mediador; eu queria evitar essa mediação, assim a experiência do leitor poderia ser o mais direta possível".

Para muitos, o *jornalismo literário* moderno começa, se não com *Hiroshima*, com John Hersey. Para Ben Yagoda, Hersey, "que tinha o olho e a orelha de um romancista e a ética de trabalho de um repórter, era a pessoa perfeita para misturar a forma ficcional com o conteúdo jornalístico; *The New Yorker*, com a reputação de ser impecavelmente acurada, era o lugar perfeito para dar respeitabilidade a esse novo método". Tom Wolfe, no prefácio da sua antologia *The new journalism*, cita uma reportagem de Hersey ("Joe is home

now", publicada na *Life* em 1944) como a precursora daquele estilo — que, radicalizando o jornalismo literário, iria marcar os anos 60. Ainda há quem cite outra reportagem de Hersey como o marco inaugural do novo gênero. No início de 1944, ele foi ver Zero Mostel se apresentar no La Martinique, em Nova York. Estava acompanhado da mulher, Frances Ann Cannon, e de um jovem oficial da Marinha americana, filho de um ex-embaixador dos Estados Unidos na Inglaterra, chamado John Kennedy.

Jack Kennedy contou a Hersey como, no ano anterior, ele e seus homens sobreviveram, em condições muito difíceis, ao naufrágio do barco em que estavam, no Pacífico Sul. Hersey se interessou pelo caso, fez várias entrevistas e publicou a matéria na *The New Yorker* com o título de "Survival" (a história virou também um filme, *PT 109*, dirigido por Leslie Martinson e lançado em 1963). O estilo narrativo do repórter, com descrições detalhadas, chamou a atenção, mas a matéria também ficou famosa por ter criado um caso entre Harold Ross e o pai do futuro presidente dos Estados Unidos. Tanto a Marinha americana como Joe Kennedy apresentaram que a reportagem de Hersey poderia contribuir para a imagem de heroísmo daquela Arma e ajudar no lançamento da carreira política de John Kennedy. Havia, contudo, o inconveniente de que *The New Yorker* era uma revista de circulação restrita a uma elite. Houve então uma pressão para a revista ceder a matéria a uma outra de tiragem maior, a *Seleções do Reader's Digest*. Os Kennedy ofereciam mais 2 mil dólares para a reportagem sair na *Seleções* — e sugeriam que o dinheiro fosse enviado à viúva de um dos marinheiros. Ross não queria vender a matéria, tampouco gostava que os textos da sua revista fossem reimpressos pela *Seleções*. Sentindo porém que a pressão vinha de "gente grande", propôs um acordo no qual a *The New Yorker* publicava o texto inicialmente e depois a *Seleções* poderia republicá-lo. A carta que enviou para o velho Joe Kennedy termina com o seguinte PS: "Nós também decidimos que, se a *Seleções* não puder reimprimir a matéria, pagaremos para a viúva do marinheiro os 2 mil dólares que ela poderia receber da *Seleções*; então se a *Seleções* não der as caras, ela, a viúva, e a *The New Yorker*, as pessoas pequenas, estaremos satisfeitos. Acho que o autor estaria satisfeito também".

O jornalismo sempre esteve ligado, se não à literatura, aos literatos. Escritores como Daniel Defoe, Charles Dickens e Jack London estão entre os muitos que são citados tanto no campo da ficção como no da história da imprensa. O Brasil, onde o gênero não teve continuidade, produziu um dos maiores clássicos do jornalismo literário, as reportagens de Euclides da Cunha sobre Antônio Conselheiro e Canudos, publicadas originalmente nas páginas de *O Estado de S. Paulo*.

Na tradição americana, esse tipo híbrido de narrativa tem várias denominações: jornalismo literário, literatura de não-ficção, ensaio, jornalismo de autor, novo jornalismo. Como gênero ambivalente, sofre a crítica dos que acham que ele não é nem uma coisa nem outra. Não seria jornalismo e, se fosse

literatura, seria uma literatura de segunda classe. A preocupação com o tema é antiga. O termo "novo jornalismo", por exemplo, foi usado em 1887 por Mat Arnold para descrever o estilo vivo das reportagens que W. T. Stead escrevia para a *Pall Mall Gazette*. São também citados como referências históricas do estilo híbrido os conceitos de Lincoln Steffens (ele dizia querer fazer um novo tipo de jornalismo diário, "pessoal, literário e imediato") e de Hutchins Hapgood para criar um jornalismo literário no *Comercial Adviser*, e as reportagens experimentais que o veículo publicou no início do século xx.

A discussão acadêmica não impediu que esse terceiro gênero se estabelecesse como uma das forças narrativas americanas. Os especialistas exigem alguns requisitos para que uma obra possa ser classificada como jornalismo literário. Ela deve ser publicada em um jornal ou revista (a partir dos anos 80, com a diminuição crescente do espaço nos jornais e revistas, alguns autores passaram a publicar reportagens diretamente na forma de livro; no Brasil, essa foi a única maneira de o jornalismo literário sobreviver). Ela precisa estar ancorada em fatos. Sua matéria-prima é o trabalho de grande apuração: muitas entrevistas, muito bate-pé de repórter, pesquisa em arquivos, exaustiva investigação de fatos, levantamento de dados. Essa técnica é chamada de *reportagem de imersão*. Os representantes do novo jornalismo fizeram dela um de seus dogmas, a tal ponto que George Plimpton treinou em times profissionais de beisebol e de futebol americano e lutou com um ex-campeão peso pesado para se sentir qualificado a escrever sobre esportes. Mark Kramer, no livro *Literary journalism*, diz que o trabalho de uma matéria toma

semanas ou meses, incluindo o tempo gasto lendo temas relacionados com economia, psicologia, política, história e ciência. Jornalistas literários fazem anotações elaboradas retendo as palavras das citações, a seqüência dos eventos, detalhes que mostram a personalidade, a atmosfera e o conteúdo sensorial e emocional. Nós temos mais tempo do que é permitido aos jornalistas que escrevem diariamente, temos mais tempo para uma segunda avaliação e para pensar as primeiras reações.

Alguns autores colocam ainda a necessidade de preservar a ética jornalística e de haver uma preocupação esmerada com a correção factual (rigorosa no caso da *The New Yorker*, por exemplo, que possui um eficiente departamento de checagem) da publicação, como aparas para o vôo livre do repórter/escritor. Terminada a exaustiva apuração, o jornalista literário expressa a voz com mais liberdade do que no âmbito do jornalismo convencional ou, na expressão de Ben Goda, faz "os fatos dançarem".

No momento em que o jornalismo, por força das mudanças acentuadas da vida contemporânea, encontra-se em fase de redefinição, uma volta aos clássicos do jornalismo literário pode ser útil para se desenharem alguns modelos, principalmente para aqueles que acreditam que o futuro dos jornais e

das revistas de papel está na diferenciação pela qualidade (não só da informação e da análise, mas também do texto). Para aqueles que não se interessam pelas questões jornalísticas, esta edição de *Hiroshima* dá, com um atraso considerável, o direito de conhecer um dos textos fundamentais sobre o efeito da bomba atômica.

- {1} *Teste para diagnóstico da sífilis. (N.T.)*
- {2} *Salmo 89, 4-9. (N.T.)*
- {3} *Jogo chinês semelhante ao dominó. (N.T.)*
- {4} *A divisão administrativa do Japão compreende 47 prefeituras, mais ou menos equivalentes a estados ou departamentos. (N.T.)*
- {5} *Do latim Resquiescat in pace (descanse em paz). (N.T.)*
- {6} *Acolchoado de algodão colocado no chão para dormir e guardado durante o dia; também chamado shikibuton. (N. T.)*
- {7} *Mateus 6, 33-4. (N.T.)*